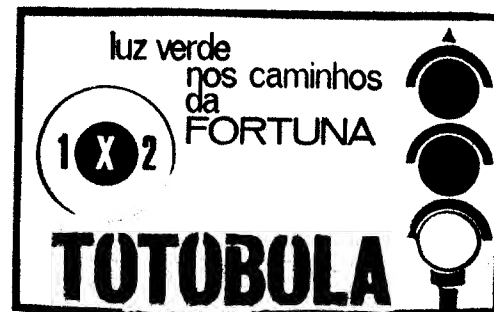


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 919 ANO 49.º PREÇO 1\$50



O prof. Gouveia Monteiro, de quem a Universidade de Coimbra (e a Universidade portuguesa em geral), de que é novo reitor, espera uma fecunda obra de renovação e reconciliação, e a prof.ª dr.ª Maria Helena da Rocha Pereira — a primeira senhora que vai exercer, no nosso País, funções de reitoria

ESPERANÇA EM COIMBRA

ATRIBUÍDA GRANDE IMPORTÂNCIA À NOMEAÇÃO DO NOVO REITOR

COIMBRA, 27 — A nomeação dos novos reitor e vice-reitores da Universidade de Coimbra, respectivamente prof. Gouveia Monteiro, prof.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira e prof. dr.ª Fernandes de Carvalho, suscitou nova esperança em todos os meios universitários. Tanto entre os professores como entre os alunos predomina a opinião de que se trata de medida assinalável e da maior importância, que pode abrir, e se espera efectivamente abra, novas perspectivas à vida académica, nos últimos

(Continua na 10.ª página)

EVITAR A
INFLACÇÃO

— OBJECTIVO
DE NIXON
AO VETAR
A LEI
DE FINANÇAS

(Ler notícia
na Pág. 15)

SEGUNDO UM CIENTISTA DOS EUA

AS RADIAÇÕES NUCLEARES MATARAM 500 MIL RECÉM-NASCIDOS (AMERICANOS E INGLESES)

LONDRES, 27 — (F. P. e R.) — As cinzas radioactivas das bombas nucleares já custaram a vida a uns 400 000 recém-nascidos americanos e 100 000 ingleses, afirmou ontem em Londres o dr. Ernest Sternglass, especialista americano em radiações e

professor na Universidade de Pittsburg (Pensilvania). A mortalidade infantil que diminuiu regularmente em 1930 a 1950 recomeçou a aumentar desde esta data. A taxa de mortalidade observada segue uma curva paralela à frequência das experiências atómicas.

Sternglass calcula que mais de 10 000 crianças morrem por cada megaton detonado em experiências nucleares francesas e chinesas.

O professor Sternglass, de 46 anos, concordou que as suas opiniões e provocariam energéticos protestos de

peritos que estabeleceram os níveis autorizados de radiação.

Declarou que uma deterioração na mortalidade infantil nos países desde a América do Norte até à Escandinávia coincide com o auge dos ensaios nucleares pelo Ocidente.

A causa, porseguiu, estava relacionada com a queda e material absorvido pelo organismo através de água potável e de alimentos.

Afirmou que o mal tinha sido provocado por lesões nas células reprodutoras de homens e mulheres por intermédio de um mecanismo que tem recebido escassa atenção e por meio do qual o organismo processa estrôncio 90.

O estrôncio enfraquece e torna-se num isótopo do elemento írio. Decorridos cerca de quatro anos, esse novo elemento é distribuído novamente pelos órgãos, incluindo os reprodutores.



A gravura mostra-nos os trabalhos de construção de uma passagem aérea entre os dois edifícios da Caixa Geral dos Depósitos, na Rua da Rosa. Destina-se a obra, além de contribuir para a melhoria do aspecto arquitectónico do conjunto, a assegurar um mais fácil funcionamento dos serviços da instituição. Com o mesmo objectivo, encontra-se já construída uma passagem subterrânea a ligar os dois edifícios que trazem evocações históricas: as fundações de um deles sustentaram as paredes do quartel-general de Beresford; no outro, antigo Palácio dos Duques de Palmela, funcionou outrora o Ministério dos Negócios Estrangeiros

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA



CONCURSO «ÁLBUM DE LISBOA»

A recepção de cadernetas nos bairros de Lisboa

Como temos noticiado, está a proceder-se á recepção de cadernetas nos

GRÉMIO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS TÊXTEIS

Rua de Gonçalo Crisóstomo, 96-1.º e 2.º

Telefones: 37961/2/3/4 (P. P. C.)

PORTO

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos legais e estatutários, realizou-se no dia 21 do corrente, na sua sede social, no Porto, a Assembleia Geral Ordinária do Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, a fim de proceder á eleição da Mesa da Assembleia Geral e do Presidente da Direcção, a qual apresentou o seguinte resultado:

MESA

DA ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE: Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, S. A. R. L.

Eng.º João Mendes Ribeiro

VICE-PRESIDENTE: Companhia Nacional de Fiação e Tecidos Torres Novas, S. A. R. L.

António de Medeiros e Almeida

SECRETÁRIO: Empresa Têxtil do Bugio, S. A. R. L.

António Alberto de Medeiros Campos

SECRETÁRIO: António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, Lda.

Alberto Costa

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Companhia da Fábrica de Fiação de Tomar, S. A. R. L.

Eng.º António José Simões Trindade dos Santos

Usaram da palavra vários

agremiados, sendo de salientar a

brilhante e detalhada exposição

do Presidente da Direcção ces-

sante Ex.º Senhor Eng.º Ireneu

Moreira Paes sobre a actividade

da mesma durante o seu man-

dato, correspondente ao triénio

de 1967-69. A Assembleia aplau-

diu e agradeceu.

«stands» Gazcidia dos bairros de Lisboa, para comodidade dos concorrentes. Pedimos atenção ás datas que indicamos, para evitar aglomerações e demoras que a todos prejudicam. Só depois de finda a recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidia de Lisboa esta se fará nos nossos serviços da Rua Castilho, 185. Os funcionários do «Diário de Lisboa» em serviço nos «stands» Gazcidia possuem colecções de gravuras já publicadas, sendo-lhes possível atender os concorrentes que tenham as suas colecções incompletas. A partir de amanhã, é, pois, esta a ordem de recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidia:

JANEIRO

28 — Rua da Atalaia, 131 — Bairro Alto

29 — Largo da Graça, 63-D — Graça

30 — Rua de Campolide, 94-C — Campolide

31 — Rua Infanteria, 16-57-A — Campo de Ourique

FEVEREIRO

2 — Rua Alexandre Ferreira, 32 — Lumiar

3 — Rua Emilia das Neves, 4-B — Benfica

4 — Rua Cidade de João Belo, lote, 88-lj. B — Olivais

5 — Avenida Miguel Bombarda, 56-A

6 — Rua José Duro, 27-C — Alvalade

7 — Avenida 24 de Julho, 94-A

9 — Rua do Alecrim, 77

10 — Praça Marquês de Pombal

11 — Largo do Calvário, 12-C — Alcântara

12 — Largo Mendonça e Costa, 9-C — Arroios

Atenção, portanto, ás datas que indicamos. Sem deslocações ou demoras, nos «stands» Gazcidia dos bairros lisboetas, os concorrentes da capital poderão fazer a entrega das suas cadernetas. Diariamente, porém, recordaremos a localização desses «stands».

DE ONTEM PARA HOJE

A BANDEIRA DESFRALDADA

Portugal está aberto á colaboração com a Alemanha e aos investimentos alemães em Portugal. De tal forma são expressivas as declarações do eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, ao regressar da sua visita á Alemanha Federal, que aquele membro do Governo terminou até com um facto transformado em símbolo: «Aquele imagem de uma grande bandeira portuguesa desfraldada no mastro de honra do Ministério federal de Economia, em honra do nosso País pela visita de um membro do seu Governo. Ali, implantada no coração da economia alemã, a mais rica e poderosa da Europa, desfraldou-se uma bandeira: que isso seja estímulo á administração pública e ao empresário privado português para explorar a brecha; que isso seja chamariz ao empresário privado alemão para se lembrar de nós antes de mais ninguém quando decidir investir no estrangeiro. Que o seja: são os meus desejos; porque uma bandeira que se implanta nunca é mais que um símbolo de triunfo no momento: assim a retaguarda ajude e o grosso das tropas não hesite». Esperavam o secretário de Estado da Indústria, no aeroporto, diversas personalidades. Disse ele que a sua viagem visava a «incrementar o investimento privado alemão em Portugal», acrescentando depois que «o nosso desequilíbrio da balança de pagamentos (com a Alemanha) persiste e que o «deficit» representa 80 por cento das importações, por outros termos, de cada cinco marcos que dela importamos não conseguimos arranjar para lhe vender em troca senão um marco». Acrescentou ter visitado firmas privadas na Alemanha: «De Norte a Sul da Alemanha, trabalhamos assim, nesta semana, com seis firmas privadas; esclareceram-se dúvidas, ampliaram-se projectos, rasgaram-se novos empreendimentos; e, resultado concreto, e é isso que ao público português que me ouve interessa, se nenhum obstáculo imprevisto surgir, a efectivação destes planos corresponde a que nos próximos dois anos se criará por esta via entre 8 e 9 mil novos empregos, desde o Minho ao Alentejo. E note-se: não se trata só de lugares para operários, mas para escalões de hierarquia industrial, até aos diplomados, cientistas. O investimento correspondente será da ordem dos 90 milhões de marcos, isto é, entre 700 e 800 mil contos; a importância deste número ressalta se pensarmos que até hoje o total de investimentos alemães em Portugal não passa de 62 milhões de marcos; passará, pois, para duas vezes e meia do que hoje é.»

DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS

Entre Aveiro e Viseu, nas proximidades dos sítios de Santiago e de Fez, despiestou-se um automóvel guiado pelo sr. Arturino Sardo, de 66 anos, comerciante, do lugar do Monte, Murtosa. Despiestou-se e enfiou por uma ribanceira, junto á margem do Vouga. Morreram o condutor e o sr. Anselmo Lopes, de 55 anos, guarda-fiscal, tendo ficado feridos outros dois ocupantes do carro.

OS PORTUGUESES NO JAPÃO

Ontem á noite, na Sociedade de Geografia falou o sr. prof. Charles Haguenauer sobre o tema:

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, os srs. prof. dr. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional; deputado prof. dr. Gonçalves de Proença, presidente da Comissão Parlamentar de Política e Administração Ge-

ral e Local; dr. José Manuel Fragoço, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro; dr. Ramiro Valadão, presidente do conselho de administração da R. T. P.; eng.º Luís de Azevedo Coutinho; e Sérgio Geraudes Barba.

DELEGADOS DE SAÚDE

No Ministério da Saúde e Assistência, sob a presidência do dr. Baltasar Rebelo de Sousa, efectuou-se ontem uma reunião de delegados de

Saúde de todo o continente, assistindo o secretário de Estado, prof. Gonçalves Ferreira, e a directora-geral, dr.ª D. Maria Luísa Van-Zeller.

João de Figueiredo, secretário pelo maior Nascimento Moura e dr. José de Bragança.

POR UM QUARTIL DE VINHO

Por um quartil de vinho se mata um tio. Houve discussão numa taberna, em Fátima de Basto, entre Joaquim Marinho Alves, de 38 anos, e outro indivíduo. O pino da discordia: um quartil de vinho. Em dada altura, interveio o sr. Augusto José Joaquim Alves, de 58 anos, agricultor, casado. Os contendores porém lutaram e o sobrinho da vítima vibrou-lhe na nuca grande golpe com a coronha de uma pistola. Transportado ao Hospital de Santo António, no Porto, ali morreria.

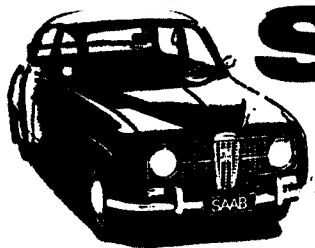
HOMENAGEM A ANTONIO SÉRGIO

A Cooperativa Piedense, na Cova da Piedade, rendeu ontem homenagem a António Sérgio, o grande doutrinador e fomentador do cooperativismo, numa palestra do jornalista dr. Alvaro Salema. Analisou ele a vida e a obra do grande ensaísta, tendo-se seguido um colóquio em que intervieram muitos dos assistentes entre os quais se contavam os escriptores Ferreira de Castro, Castelo Branco Chaves e editor dr. João Sá da Costa.

RETUMBANTE E ESMAGADORA VITÓRIA NO 1.º RALLY DO ANO!

Vitória do «SAAB» no XVI Rally Nocturno do Sporting

UMA DAS MAIS DURAS E ESGOTANTE PROVA AUTOMOBILÍSTICA QUE SE DISPUTA EM PORTUGAL



SAAB

1.º NA CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º NA CATEGORIA

CARPINTEIRO ALBINO/SILVA PEREIRA

«SAAB» — SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E PERFORMANCE

REPRESENTANTE EM PORTUGAL
CIMPOMÓVEL
AV. 5 DE OUTUBRO, 97-C — LISBOA

AGENTE NO PORTO
STAND DA CONSTITUIÇÃO
R. DA CONSTITUIÇÃO, 89

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS—VIII

MAIS UMA VEZ AS UNIVERSIDADES

por A. H. de Oliveira Marques

Confesso que ia um pouco apreensivo quando cheguei aos Estados Unidos para ensinar história da Idade Média numa Universidade do Sul. Não me preocupava excessivamente o problema da língua nem o da substância dos conhecimentos a transmitir: ao fim e ao cabo fora eu próprio quem escolhera os títulos dos cursos e seus limites cronológicos. Mas assustavam-me problemas como o do comportamento dos alunos, a disciplina a impor nas aulas, e outros correlacionados, de que ouvira contar horrores na Europa. Só me serenava um pouco pensar que chegava do Velho Mundo, o que talvez pudesse constituir certo motivo de prestígio e de autoridade, se disso necessitasse. Dizia a mim mesmo que tudo correria bem.

E correu. Logo na Universidade da Virgínia, por onde passei a caminho da minha escola, e a convite de um professor amigo, tive oportunidade de contactar com alunos, de os ouvir falar e discutir, de os «ver» enfim. Pareceram-me disciplinadíssimos, bem comportados, simpáticos, acolhedores para com os estrangeiros. Nas várias universidades em que ensinei tive sempre ocasião de constatar o mesmo. Desde que, claro, nos habituemos à sua maneira de viver.

Para começar, o bom comportamento do aluno não significa a prumo à maneira portuguesa. O estudante americano não se coíbe de pôr o pé (ou os pés) em cima da cadeira da frente, nem de se espreguiçar em amplos gestos, nem de bocejar (sem ruído), nem ainda de assumir as posições mais estranhas e menos «próprias», como o se diria. Fuma sem pedir licença. Come as suas sanduíches e bebe a sua coca-cola ou o seu copinho de café quente. Tudo isto dentro das aulas, entendam-se, e com o professor a falar. Enverga as indumentárias mais exóticas, com «shorts» ou «blue jeans» esfolados em baixo e rotos, a fralda da calça por fora, sapatos sem meias ou simples sandálias de praia ou ainda pantufas, camisolinhas sujas, e assim por diante. Nas bibliotecas não são permitidas comidas nem bebidas mas aceita-se o

mesmo vestuário. É frequente, durante o verão, verem-se os universitários com simples camisolas interiores, brancas, sem camisa por cima.

Tudo isto é habitual, não suscita reparos, nem constitui má educação. Vê-se tanto entre os estudantes como entre os professores. Presenciei muitos colegas meus a darem aulas com o seu corpo ao lado ou mastigando pão com tomate. Vi-os sentados sobre a secretária, de pernas a bambolear. No Verão, era o próprio Director do Departamento de História que ia para a Faculdade de pernas ao léu e sapatos de ténis brancos.

O bom comportamento nota-se noutras coisas. É raro os alunos conversarem uns com os outros ou fazerem barulho de qualquer maneira. Em regra, prestam atenção à aula e distraem-se pouco. Nunca interrompem o professor, levantando sempre o braço quando querem fazer perguntas. São honestos nas questões que põem e vão imediatamente direitos aos fins, sem propósito de «atrapalhar» o mestre ou de lhe passar rasteiras. Exigem, claro está, respostas igualmente honestas e satisfatórias. Quando não percebem qualquer coisa, perguntam logo, sem acanhamentos nem recatos. Recordo-me de uma aula sobre história dos séculos XIV e XV. Falava-se de pa-

pas de Avinhão e do Grande Cisma do Ocidente. Para melhor compreensão, escrevi no quadro os nomes dos vários pontífices. Havia entre eles diversos Clementes, Beneditos e Inocêncios. Reparei que um dos alunos sorria e levantava a mão. O que era? Queria saber se aqueles eram nomes autênticos. Um pouco desconfiado, lá lhe fui dizendo que os papas costumavam adoptar um nome quando ascendiam ao trono. Ficou um tanto mais sossegado de espírito. — Mas então porquê? — indaguei eu. Não concebia que houvesse pessoas a chamarem-se Clementes, Beneditos e Inocêncios... Afirmei-lhe com a maior solenidade que esses nomes, se bem que não muito frequentes, eram nomes «cristãos», de baptismo, e ainda usados nos países latinos. Até lhe disse que um antigo membro do Governo português se chamava Inocêncio. Não sei se acreditou.

Esta historietta, para além da ignorância que demonstra num aluno de Letras e num estudante universitário em geral, é bem reveladora da sinceridade e desinibição com que o estudante norte-americano expõe as suas dúvidas em classe. Mesmo admitindo ignorância idêntica, dificilmente um universitário português mostraria perante os seus colegas e o seu professor o espanto que nomes como Rutherford, Woodrow ou Dwight lhe poderiam suscitar.

Com massa discente desta natureza, pode sem dúvida fazer-se muito, desde que o professor tenha a paciência, a sabedoria e a competência indispensáveis para a trabalhar. O americano requer, acima de tudo, ordem e precisão. Não se lhe pode vir falar de ideias gerais nem de princípios vagos, a menos que umas e outras assentem lógica e largamente sobre um corpo de verdades já demonstradas. Em Letras, se exigências deste tipo dificultam a

par e passo as exposições brilhantes e as figuras de retórica tão do agrado latino, impõe, por outro lado, uma extraordinária disciplina ao professor, um cuidado permanente em rever as suas próprias convicções e hipóteses mais caras, antes de as «vender» na aula aos estudantes.

Treinado como está desde a escola secundária, o universitário dos Estados Unidos não tem pelo professor — entenda-se, o bom professor — aquele respeito e aquela humildade que o estudante português não fundo tem, apesar de toda a arrogância latina e de todo o aparente «je sais tout», típicos da nossa gente. O americano apresenta-se com um comportamento essencialmente democrático, habituado como está a discutir, a ser ouvido e a tomar levemente as coisas da cultura. A generalização do «do it yourself» (fá-lo tu mesmo) reflecte-se na atitude frente à própria cultura humanística. Se cada qual pode fazer tudo, ou tentar fazer tudo, desde pintar uma casa até desmontar um automóvel — havendo, claro, um manual simples, preciso, que o ensine —, também compreender a história, ler um documento ou interpretar um texto de literatura não-de-requerer apenas algum treino, bebido num compêndio que se mostre claro e exacto. O mestre, no fundo, pouco mais sabe que o discípulo. E discutindo e simplificando poder-se-á chegar ao objectivo final.

Esta atitude, que tem muito de camponês e de autodidacta, relutantes em aceitar complexidades hermeticas a que não possam aceder num instante, demora a aprendizagem profunda — porque tudo se tem de pôr em causa e em tudo se duvida do que expõe o professor — mas colmata o habitual fosso mestre-discípulo, tornando o ensino mais humano, e mais permanente a instrução conseguida.

ECOS

HAVERÁ realmente ouro alquímico? Um jovem engenheiro electricista, vindo do nada, como costume dizer-se, Armand Barbault, publicou em França, com grande êxito, um livro perturbante, talvez mistificatório, em boa parte místico, mas com certa ossatura científica. O ouro que cura, o elixir da vida no primeiro grau... A matéria primeira, para Armand Barbault, é a terra. Simplesmente a terra. Mas para dela tornar posse, há uma «via interior» a percorrer, ou concentração do espírito. O livro de Barbault intitula-se «Or du millième matin»: terra, sol, orvalho, secados a lume brando (entre 40 e 50 graus). E esta operação repete-se um cento de vezes. Depois há fases de incineração. É claro que não levamos nada disto muito a sério. Mas a verdade é que há cientistas que se debruçam sobre tais experiências, a que a Planète concede a maior atenção. Será que o nosso racionalismo, que repugna à elaboração do «ouro potável» é, ainda, no seu cepticismo, anti-científico?

JACK HENRY MOORE, um dos campeões intelectuais da juventude norte-americana, declara: «Todos os dias muitos deles (dos velhos — leia-se reaccionários) morrem, enquanto muitos dos nossos nascem.» Esquece-se, é claro — há que notá-lo com espírito de isenção — que os jovens também vão envelhecendo. muitas vezes pelo menos, e em todos os sentidos. Prossegue Jack Henry Moore: «Um dia, de toda a maneira, tomaremos o poder. Então porque esperar para melhorar o mundo?»

NO seu estudo «The Organization Man», W. H. White Jr. estigmatiza, como graves problemas do mundo industrial, do mundo administrativo, universitário e hospitalar, nos Estados Unidos, problemas do «homem de organização» das sociedades de consumo, ou seja, uma triste mescla de conformismo e arrivismo e a preocupação das boas relações humanas, na verdade falsas boas relações...

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ATENÇÃO

ELEVADOR

AVARIADO

ENTREGUE A MANUTENÇÃO
DO SEU ASCENSOR À

A REPARADORA
DE ASCENSORES
IMPÉRIO, LDA.

REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS
MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO

RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 68 55 31 - 68 20 07

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS QUE ESTENDEM OS BRAÇOS

A falar verdade não são muitos. São mesmo raros. Não os conhecemos, só de ouvir dizer, existirão mesmo? Aqui há tempos deparei com um, mas era numa fita, e as pessoas da fita, sorriram sem compreender quando ele morreu por isso, por ter estendido os braços sem pensar, sem ver os prós e os contras do seu gesto, avançando porque não podia fazer outra coisa senão avançar. As pessoas sorriam ao de leve, e via-se que não estavam à vontade. Não estavam também à vontade quando choravam.

Era como se ele, o homem, e elas, as pessoas, bem, era como se fossem

Por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



de mundos diferentes, uns de pés na terra e impulsos dominados pela razão, seres inteligentes, em suma, outro uma espécie de anjo ou marciano, isto é, de qualquer outra coisa. Não é preciso ter asas nem ser homenzinho verde para se ser qualquer dessas coisas, não é verdade?

Mas eis que no dia 15 de Janeiro de 1970 apareceu um desses em Paris, e, naturalmente, foi notícia. São raros, como já disse. Um homem que saiu a correr de uma porta para apagar nos braços uma criança de cinco anos que vinha a cair do 7.º andar do prédio em frente. A criança não ficou ferida e terá uma linda história para contar. O homem, esse quebrou um pulso e ficou muito ferido nos ombros. O que terão pensado as pessoas perto dele, na rua? O que terão sentido? Terá pensado, alguma, em asas ou em antenas invisíveis?

LIBERALIZAÇÃO — a mais importante nota positiva no campo dos espectáculos (em 1969) — segundo afirmou o dr. Manuel Teles aos microfones da E. N.

«Considero a liberalização como primeira e mais importante nota positiva no campo dos espectáculos em 1969» — afirmou o sr. dr. Manuel Teles, presidente da Corporação dos Espectáculos, ao fazer, aos microfones da E. N., o balanço da actividade teatral e cinematográfica no nosso País durante o ano passado. E acrescentou: «A atitude de maior tolerância nos critérios de exame e classificação de filmes e peças bastou, só por si, para alterar o panorama dos espectáculos públicos. Julgo que todos — autores, artistas, empresários e público — já se aperceberam agradavelmente do facto. Dentro desta linha de orientação, foi possível ver nos nossos cinemas, nos últimos meses, uns tantos filmes, que o público português não tivera, até então, oportunidade de apreciar e alguns dos quais são considerados obras-primas da cinematografia mundial. Quanto ao teatro verificou-se um facto idêntico: muitas peças de consagrados autores portugueses, que permaneciam nas gavetas, viram chegada a sua hora. A imprensa diária referiu-se até os últimos dias do ano, ao facto inédito, de em sete dos oito teatros que se encontravam em actividade na capital, estarem a ser representados originais de autores portugueses, alguns subscritos por nomes consagrados da nossa literatura, que andavam arreados dos palcos da sua terra.»

No seguimento da sua exposição, referindo-se à actual preferência para uma escolha de originais

portugueses, o dr. Manuel Teles citou o facto de em 1967, apenas terem sido apresentadas cinco peças de autores portugueses, enquanto em 1968 esse número já subiu para 16 e em 1969 atingiu 21. «Tudo leva a crer, e ainda bem, que esta tendência para a apresentação de obras de autores portugueses cada vez se irá acentuando mais», — concluiu.

Quanto ao cinema nacional o presidente da Corporação dos Espectáculos não se mostrou tão optimista: «O cinema envolve outros aspectos e implicações. Por isso não causa espanto que a nossa produção cinematográfica não se tenha desviado das coordenadas em que tem laborado nos últimos anos, quer quanto ao género dos filmes, quer quanto à sua quantidade. Assim em 1969 foram produzidos apenas quatro filmes portugueses de grande metragem, revestindo todos características de certo modo comerciais, pois com um mercado cinematográfico tão reduzido a produção de filmes só poderá enveredar por caminhos diferentes quando apoiada em novas estruturas.»

A propósito de novas estruturas, o dr. Manuel Teles citou as vantagens que poderão advir das novas leis do Teatro e do Cinema, cujas propostas foram agora apresentadas às duas Câmaras. E, depois de citar alguns números respeitantes à actividade que estava a focar, referindo a inauguração de novas salas de espectáculos e dizendo que as existentes, em 1969, devem ter sido frequentadas por cerca de 27 000 000 espectadores, o dr.

Manuel Teles, a terminar, fez algumas considerações a propósito da tão falada «crise dos espectáculos». Disse concretamente: «É verdade que a cada passo se ouve falar na crise dos espectáculos. Infelizmente, também eu não posso deixar de reconhecer que o espectáculo vem enfrentando, nos últimos anos, uma crise, a um tempo, de produção e de consumo. Designadamente, no tocante ao cinema, a debilidade da produção nacional de filmes é bem elucidativa. Passando à fase de consumo, ou mais exactamente, à exibição, sou, também, obrigado a reconhecer a sua crise como uma constante, sobretudo a partir de 1958 — data em que a TV apareceu no nosso País. Enquanto se constrói, por ano, um ou dois cinemas, vendem-se cerca de 35 000 aparelhos de televisão, cujo total neste momento, não deve andar longe dos 350 000. Claro que nem só a Televisão é causa da ausência de público nos recintos de espectáculos. São vários e da mais diversa natureza os motivos desse fenómeno. Citamos, entre outros, o crescimento constante do parque automóvel; o hábito que já se vai enraizando dos passeios nos fins-de-semana; e, o próprio nível de vida, que nem sempre permite uma maior assiduidade às sessões de espectáculos. Sobretudo na Província, a crise é enorme, e as portas dos cinemas abrem-se, quando muito, duas ou três vezes por semana, para deixarem entrar umas poucas dezenas de espectadores. O fenómeno não é, porém, específico de Portugal. Ele verifica-se, com maior ou menor agudeza, em todo o mundo. Particularmente no que se refere ao nosso País e à nossa Televisão, cabe realçar aqui a compreensão de-

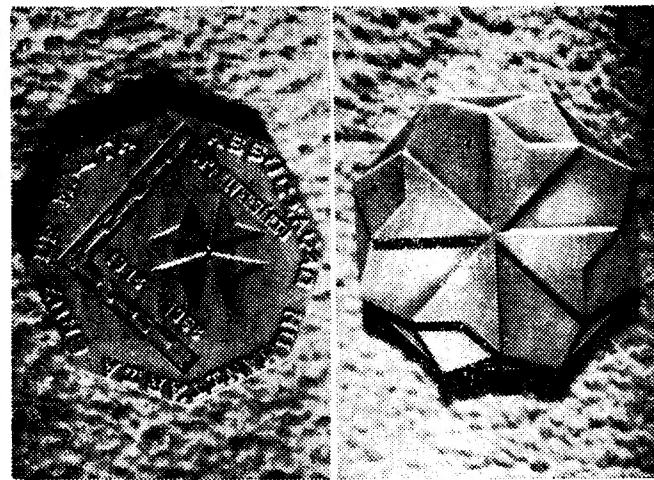
monstrada, em todas as ocasiões, pela sua Administração, no tocante aos problemas dos espectáculos públicos, sem esquecer, como é evidente, os interesses, sem dúvida legítimos, que lhe cabe defender e acautelar. Esta situação, sem prejuízo de eventuais acordos a estabelecer, envolve, também, porque não dizê-lo, um desafio à capacidade dos nossos empresários e produtores. Confio em que estes saberão responder a esse desafio. Coragem, audácia e gosto pelo risco não lhes falta. Tão reais qualidades apoiadas em novas bases de actuação, que se julgam possíveis num futuro próximo, muito poderão contribuir para valorizar e tornar mais competitivos os espectáculos públicos. Outra conclusão a extrair desta situação é a de não terem sido, ainda atingidas as grandes metas do espectáculo. O caminho percorrido em 1969 foi, no entanto, longo e decisivo sob muitos aspectos, alguns dos quais escapam ao significado dos números enunciados. Direi, mesmo, que em ano algum se andou tanto e tão depressa.»

SESSÕES CULTURAIS

NO I. M. A. V. E.

O Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (IMAVE) organiza, na sequência de trabalhos iniciados em Novembro, sessões culturais e pedagógicas, especialmente destinadas a professores de línguas.

A primeira destas sessões realizar-se-á às 21 e 30, na sede do Instituto, hoje, sendo versado o tema «O IMAVE: organização e actividades», a cargo do sr. Luís Andrade Pina, chefe de repartição daquele organismo. Podem assistir os professores de línguas interessados.



«CRUZ DE MALTA» — Para comemorar o cinquentário da sua fundação, recentemente celebrado em Lisboa e em Luanda, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta mandou cunhar uma medalha, cujos averso e reverso reproduzimos. A concepção e projecto da medalha são da autoria do arquitecto Segismundo Peres-Ramires.

CUPERTINO DE MIRANDA HOMENAGEADO PELA CÂMARA DE COMÉRCIO LUSO-BRITÂNICA

PORTO, 26 — Nas instalações do «Oporto Cricket and Lawn Tennis Club», a Câmara de Comércio Luso-Britânica, associando-se às comemorações do Cinquentário do Banco Português do Atlântico, ofereceu uma recepção em honra do sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração daquela prestigiosa instituição de crédito.

Em representação da Câmara de Comércio Luso-Britânica estiveram presentes os srs. Reginald Cobb, vice-presidente; Charles Nigel Cowling, vice-chairman; conselheiros daquela Câmara do Comércio bem como a quase totalidade — cerca de 150 — dos membros que compõem a delegação, no norte, daquela Associação. Pelo Banco Português do Atlântico, além do sr. Arthur Cupertino de Miranda, encontravam-se os srs. eng.º João Meireles, vice-presidente do conselho de administração; António Miranda, administrador; dr. Carlos da Camara Pestana, director-geral; Victor Hugo Martins, director; e dr. Luís de Oliveira Dias, secretário-geral adjunto.

Usaram da palavra os srs. Reginald Cobb que em nome

da Câmara de Comércio Luso-Brasileira teve palavras de muito apreço para com a obra e personalidade de Banqueiro e economista de Arthur Cupertino de Miranda, salientando também o significado do 50.º aniversário do Banco Português do Atlântico e o contributo que esta instituição creditícia tem dado ao desenvolvimento das relações económicas entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Em resposta, o sr. Arthur Cupertino de Miranda agradeceu, manifestando a sua grande admiração pela obra magnífica que vem sendo realizada pela Câmara de Comércio Luso-Britânica em favor do estreitamento dos laços que de há muito ligam os dois países. A terminar, o sr. Arthur Cupertino de Miranda reafirmou a sua determinação e a do Banco, a cujo conselho de administração preside, de continuar a apoiar com o mais vivo interesse o intercâmbio comercial e industrial entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Após a recepção, que decorreu num ambiente de franca cordialidade, realizou-se um jantar íntimo oferecido pela direcção daquela Câmara de Comércio.

ora diga-nos...

— Chove em sua casa?

A chuva, muitas vezes, procura as cadeiras das nossas casas para se sentar um pouco...

● Disse-nos a menina Maria Flora Ribeiro, Sousa Pinto, aluna da 4.ª classe:

- Chove, sim!
- E por quê...?
- Por causa do algaroz...
- Todos os anos?
- Todos. Ninguém o manda arrancar...



● Respondeu-nos Vitor Manuel Marques Pereira, aluno da 3.ª classe:

- Em minha casa nunca choveu.
- Mas olha que se chovesse isso não envergonhava ninguém...
- Pois, sim. Mas não chove... Chove é na rua.

Webster, empregado numa oficina de matérias plásticas:

— Vivo numa casa enxada. Não há lá uma pinga de água. Mas sei da casa em que a chuva entra sem cerimónia nenhuma... A culpa, sabe, é dos senhores... Eles querem é que o dinheiro chova, todos os meses.



● Finalmente, disse-nos António José da Silva



Um aspecto do almoço anual de confraternização do pessoal da Sociedade Lusolanda, Lda., que decorreu em ambiente familiar. De pé, fazendo um brinde, vê-se o sr. João Frenthel, director daquela empresa

VIDA MUSICAL

O maestro Mário Benzecri obteve o primeiro prémio no Concurso Dimitri Mitropoulos

O maestro Mário Benzecri, assistente da Orquestra de Câmara Gulbenkian, acaba de ser distinguido com o primeiro prémio «ex aequo» do Concurso Internacional de Direcção de Orquestra Dimitri Mitropoulos, de Nova York, um dos mais exigentes e prestigiosos certames da especialidade que actualmente se realizam em todo o mundo. Mário Benzecri voltará a apresentar-se ao público de Lisboa, no dia 25 de Fevereiro, dirigindo a Orquestra Gulbenkian no Grande Auditório da Fundação, num concerto que terá a colaboração do pianista Jacques Genly, e cujo programa é preenchido com obras de Delalande, Mozart, Marcel Quinet, Ravel e Webern.

O 2.º centénario de Beethoven celebrado na Academia de Amadores de Música

Com um concerto de Florinda Santos, a Academia de Amadores de Música começa amanhã a celebrar o 2.º centénario do nascimento de Beethoven.

A concertista Florinda Santos, laureada nos primeiros anos da sua carreira com o prémio Beethoven, é a intérprete única das 32 sonatas de piano, repartidas em quatro ciclos, com que aquela instituição se associa nos próximos meses às honra-

gens que, por todo o Mundo, se prestarão este ano ao génio musical de Beethoven.

Nesta primeira sessão, durante a qual estará patente ao público uma exposição iconográfica e bibliográfica, Florinda Santos executará: Sonata em fá menor, op. 2, n.º 1; Sonata em lá maior, op. 2, n.º 2; Sonata em dó maior, op. 2, n.º 3.

O bicentenário de Beethoven na Academia de Amadores de Música

Todo o mundo culto se prepara para comemorar o bicentenário do nascimento de Beethoven, que ocorre a 17 de Dezembro. Na Academia de Amadores de Música, a efeméride vai ser celebrada com uma série de manifestações consagradas à memória do grande mestre de Bonn. Assinalamos, para já, a audição integral das 32 sonatas de piano, que constituem, sem dúvida, um dos aspectos mais relevantes do génio do autor da 9.ª Sinfonia. Este empreendimento, repartido por quatro ciclos que se estenderão por todo o ano Beethoven, iniciará-se hoje às 21 e 30, com o primeiro concerto que, como os restantes dedicados às sonatas, terá como intérprete a concertista Florinda Santos, uma das melhores pianistas portuguesas da sua geração, que justamente na Academia de Amadores de Música fez os seus primeiros estudos. Simultaneamente, inaugu-



Maestro MÁRIO BENZECRY

rar-se-á uma pequena exposição iconográfica e bibliográfica, que tornará por assim dizer mais presente a memória do génio da arte musical que se evoca.

A cravista Colin Tilney na Gulbenkian

Amanhã, às 18 e 30, prossegue a temporada de concertos da Orquestra de Câmara Gulbenkian no Grande Auditório da Fundação. Este concerto será dirigido pelo maestro Gianfranco Riboldi e terá como solista o excelente cravista Colin Tilney, que interpretará o Concerto em lá maior de J. S. Bach e, em primeira audição no nosso País, o Jazz-Concerto do compositor inglês contemporâneo Joseph Horowitz.

O programa inclui ainda o célebre *Sonho de uma noite*

de Verão, de Mendelssohn e, também em primeira audição, a Sinfonia para arcos e tímpanos, de Orazio Fiume.

O cravista Colin Tilney na Orquestra Gulbenkian

Com a colaboração do cravista Colin Tilney, a Orquestra de Câmara Gulbenkian apresenta-se, sob a direcção do maestro Gianfranco Riboldi, amanhã, às 18 e 30, num concerto da sua temporada. No programa, obras de J. S. Bach, Mendelssohn, Joseph Horowitz e Orazio Fiume.

Concerto em Viseu

VISEU, 27 - No dia 2 de Fevereiro, a direcção local da Juventude Musical Portuguesa, promove um concerto de violino e piano, pelos conhecidos artistas Vasco e Grazi Barbosa no elegante salão do Clube de Viseu.

ESTREIA • HOJE, ÀS 21.45 AVIS

UM MOVIMENTADO «WESTERN»!

MIKE MARSHALL • MICHELE GIRARDON

ELE VOLTOU COM UM ÚNICO FIM : VINGANÇA!



O FILHO DE SHANE

"THE HANGMAN'S TREE"

EASTMANCOLOR

m/12 anos

Realização de MIKE FITZGERALD

...UMA VINGANÇA CRUEL E ODIOSA COMO NENHUM HOMEM DESEJARIA ENFRENTAR!

NO TEATRO T. 32.60.17

VARIEDADES

ADULTOS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO 2.º MES

PEÇO A PALAVRA!

RIA COM

AIDA BATISTA • CARLOS COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA • M. FRANCO

e a atracção nacional
ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco

Um sensacional «BALLET» internacional

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

HOJE às 20.45 e 23 h.

AMANHÃ: Não há espectáculo. Descanso da Companhia

TIVOLI ÀS 18 E 30

ANOS M/17

AMANHÃ

QUINTA E SEXTA-FEIRA

ÚLTIMAS DE

«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO DE 1969

UMA ENCENAÇÃO DE FERNANDO GUSMÃO

UM ESPECTÁCULO DO

grupo 4

DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES

• HOJE, às 20.45 e 23 h. EM 100.ª NOITE DE REPRESENTAÇÕES

MARIA VITÓRIA

• A COLOSSAL REVISTA: **ESPERTEZA SALOIA**

ADULTOS

O triunfo total de um ótimo elenco, com:

• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO LOPES
• DORA LEAL

A atracção nacional
• HELENA TAVARES

A atracção filipina
«THE MELODIES»

A frente de uma grande Companhia!

• UM ENORME ÉXITO!!!

DORA LEAL no «Filarmónico»

Teatro Maria Matos

BREVEMENTE

Em teatralização de Sitau Monteiro e Artur Ramos

A RELÍQUIA DE QUEIROZ

Uma nova produção de IGREJAS CAEIRO (ADULTOS)

SINTRA ESPERA-NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os combóios eléctricos.

AMANHÃ, NO ODEON, EM ESTREIA: UMA FARSA EXPLOSIVA!

A BOMBA ATÓMICA DO ANO

BRUTOS NO OESTE

EASTMAN COLOR

DIALSCOPE 4

M/12 ANOS

TUDO NOVO NO GÉNERO!
NOVOS CÓMICOS FAMOSOS!
NOVO ESTILO BURLESCO!

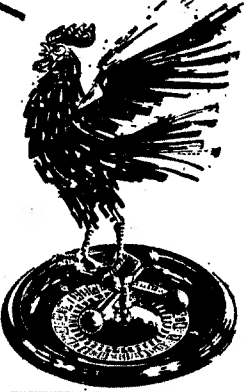
Realização de MARINO GIROLAMI

UMA PARÓDIA AO FAR-WEST
TEMPERADA COM LOUCURA
ATRAVES DE UM FABULOSO
GALOPE DE SITUAÇÕES
IMPREVISTAS E ABSURDAS

com os inimitáveis fantasistas «OS BRUTOS»
(GRANDE ATRACÇÃO DA TV)
EMMA PENNELA e DARRY COWL

UM TIROTEIO DE MORRER A RIR!

Excl. da IMPERIAL FILME



NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 18 ANOS



CECILE DEVILE

VEGETA DA
CANÇÃO
FRANCESA

GALLI GALLI

grande nome do ilusionismo mundial

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW

COM ANGELIKA



PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO JUAN DE AIZA

COM TITICA

FILARMÔNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA ÀS 21.30 H.

O DIABO À SOLTA

M/ 12 anos



LURDES NORBERTO: TRÊS PERSONAGENS EM «A RELÍQUIA» — Na representação de «A Relíquia» de Eça de Queiroz (adaptada a teatro por Sitau Monteiro e Artur Ramos) Lurdes Norberto interpreta três personagens (a inglesa do senhor Barão, a Adélia e a Mary). Como vai ser? É isso que veremos dentro de dias. Para já, adianta-se: Lurdes Norberto envergará indumentárias que foram esboçadas por Abel Manta

DISSOLVIDO O ELENCO REUNIDO POR MARQUES VIDAL

Após 14 meses de actividade, durante os quais realizou 335 espectáculos, a Agência Marques Vidal terminou a sua actividade, rescindindo a partir de 15 de Fevereiro os contratos que a ligavam a oito concertistas (Lenita Gentil, Valério Silva, Luís Horta, Andrea, Tonia, Diamantino, Fernando Gonçalves e Lia Isabel) e três músicos (Saraiva, Gouveia e Vitor Santos).

— «Eu estava perante um dilema — diz-nos Marques Vidal — pois terei que optar por abandonar o sector da publicidade ou acabar com as «tournée» diárias que me fatigavam imenso, pois era obrigado a dirigir o grupo, conduzir um automóvel e apresentar todos os espectáculos.

Prossigue: — Escolhi a melhor solu-

ção. Parece-me que não prejudiquei ninguém: nos meses de menos espectáculos (Outubro a Dezembro) respeitei todos os contratos firmados. E avisei com muita antecedência da rescisão desses compromissos.

A concluir, salienta Marques Vidal:

— A organização a que liquei o meu nome vai ser remodelada. Acaba como departamento empresarial mas deverá prosseguir no sector de agência artística.



Isto (e outras coisas mais) acontece todas as noites, às 21 e às 23 horas, no

TEATRO VILLARET

na picante e alegre comédia

«O Vison Voador»

mas só pode ser visto por maiores de 17 anos

IO APOLONI

— artista de «strip-tease» em «O Vison Voador»

Vamos contar a história de um vison. Ou, antes, sugerir a história de um casaco de peles que, todas as noites, no Teatro Villaret, é motivo de... Também não: não vamos dizer nada nem contar a história, porque, depois, quando o espectador lá chega, já sabe tudo e, em vez de rir continuamente, como as outras pessoas, fica todo o tempo a dizer para o lado «agora vai passar-se isto e agora aquilo», etc. Todavia, há qualquer coisa que temos de recordar para já: é que vai encontrar Io Apoloni, encarnando uma artista de «strip-tease»... Chega-lhe? Não? Bom, com ela está também Yola e Fernanda Borsatti e Georgina Cordeiro Maria e Maria Paula.

mos, actores como Artur Semedo, Vasco Lima Couto, David Silva e Rolando Alves. «O Vison Voador» conta ainda com a colaboração de Maria Paula.

«O Vison Voador» está todas as noites no Teatro Villaret apresentado por Vasco Morgado.

«JUDITH» EM SESSÃO CLÁSSICA NO IMPÉRIO

Amanhã, às 18 e 30, no Cinema Império, será exibido, em mais uma sessão clássica, o filme «Judith», com Sofia Loren, Peter Finch e Jack Hawkins.

Como complemento será projectado o documentário de António Macedo «Crónica do esforço perdido», que obteve o prémio «Paz dos Reis».

O TEMA É DISCO NICHOLSON entrevista CORTEZ

A rubrica «Pôr do Sol», transmitida de segunda a sábado (pelas 18 e 50) no emissor de onda média do Rádio Clube Português, inclui no período denominado «Lisboa à tarde» diversas entrevistas e apontamentos de interesse.

Hoje, por exemplo, Armando Cortez é entrevistado por Francisco Nicholson a propósito do lançamento do seu disco com os poemas «Receita de mulher» (de Vinícius de Moraes), «Inventário» (Carlos Queirós), «Ladainha horizontal» (David Mourão Ferreira) e «Saudades da terra» (António Gedeão), todos com fundo musical de Vítor Miguel.

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30

(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970

AS MAIORES ATRAÇÕES

QUINTA-FEIRA

A tarde, entrada gratuita às crianças até 10 anos

O GRANDE CARNAVAL DE LISBOA É O CARNAVAL DO COLISEU

CAPITÓLIO

HOJE ÀS 21.45 HORAS

O EXITO DO MOMENTO

«O CRAVO ESPANHOL»

de Romeu Correia

M/ 17 anos Tel. 320379

SABADO e DOMINGO Tarde às 16 horas



AGUARDENTE VELHA Niepoort

a prova está na prova



HOTEL DOM CARLOS

Mercê do nível da nossa cozinha internacional e da seleccionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».

ALMOÇO DE AMANHÃ:

CALDEIRADA DE CABRITO

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Verissimo, Praça da Restauração, 12.



TUTTI MUNDI DRUGSTORE

APRESENTA ALGO DE NOVO EM PORTUGAL

MÚSICA NA SUA MESA

A magia e o fascínio da autêntica música zingara

PELO CONJUNTO DE **MAURICE TOUBAS**

CHÁ DAS 17 AS 19 HORAS E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE

A ACTUAÇÃO DESTA ORQUESTRA É POR TEMPO LIMITADO

Acclamem-se marcações de mesa pelo Telef. 71 40 21

GARAGEM PRIVATIVA

ENTRADA LIVRE E SELECIONADA

Manhã na praça

LAGARTIXA NUM MOLHO DE GRELOS

Este mercadinho do Bairro Alto, com muita gritaria e algumas escamas na pedra molhada, é muito frequentado. Entre as 9 e as 10 horas não se sabe ali. Toda a gente, mais ou menos, se conhece — e as vendedeiras, muito enroupadas por causa do frio,



Peixe comprado à última hora para o almoço do dia

gritam os preços e os produtos com voz de quem deseja despachar um dia de trabalho o mais rapidamente possível.

E o repórter, também com a sua pressa profissional, não lhes fica atrás no propósito: passa pelas bancas com um mínimo de demora, não se detém a fazer uma única compra (bem, às vezes compra um escudo de amendoins...), e safa-se para a rua com um molho de informações na mão...

● PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da azeitona a 7\$00; do tremço com a tradicional cor amarela, a 3\$00; dos alhos, a 6\$00 e 13\$00; da batata, a 2\$70, 2\$80 e 3\$00; da cebola, a 4\$50; e do tomate, a 7\$50 e 11\$00.

A cabeça de nabo, estava a \$50 e 1\$00; a lombarda, a 1\$50, 2\$50, 5\$00 e 7\$00; e a alface, a 2\$50.

O molho dos grelos (havia um que tinha uma lagartixa), a 6\$00 e 7\$00; dos rabanetes, a 4\$00; dos brócolos, a 5\$00; e dos espinafres, a 7\$50.

● PEIXE

O chicharro (quilo) custava 9\$00; o berbigão,

a 5\$00; o pargo molhado, a 13\$00; a pescadinha de rabo na boca, a 15\$00; os linguados, a 40, 54 e 55\$00; a pescada negra, a 26\$00; a sardinha, a 16\$00; a lula, a 33\$00, 33\$50 e 36\$00; etc.

● FRUTA

O pêro «golden» era vendido a 10\$00 o quilo; as laranjas, a 3\$00; a maçã reineta, a 8\$00; o amarelo, a 21\$50; e os limões, a 6\$00.

● CRIAÇÃO

Não a havia quando o repórter lá chegou. Mas vendiam-se ovos ao preço normal da época. E quem compra ovos faz omeletas com rolinhas de chouriço...

DONO DE CASA

O problema do azeite lotado

De um nosso leitor de Évora, recebemos seguinte carta, exprimindo o seu apoio a uma outra que publicámos com o título «A falta de azeite lotado corrente e o problema da genuinidade do produto»:

«Tal como o signatário da carta, também eu e multiplíssima gente pensa — sem dúvida a grande maioria ou a quase totalidade da população — que ao público devem ser oferecidos produtos extremos possibilitando-lhes uma opção livre: Azeite Puro ou Óleo de Origem Definida podendo, deste modo, o consumidor proceder a quaisquer misturas nas percentagens e pelo modo que mais lhe convierem.

*

Por outro lado, e ainda a propósito da carta, que recentemente publicámos, do nosso leitor sr. Rui da Silva Rodrigues, sobre o caso do azeite lotado corrente, escreveram-nos com palavras de apoio ao restabelecimento daquele azeite os nossos leitores sr.ª D.

Aurora Antunes, de Alfragide; D. Olímpia da Conceição Machado e D. Isabel da Conceição, de Aveiro, e sr. Manuel Lucas, igualmente de Aveiro.

Projecto de cooperativa agrícola em Palmela

PALMEIRA, 27 — O governador civil e os deputados pelo distrito de Setúbal reuniram-se, em sessão de trabalho, com as forças vivas desta vila.

A reunião decorreu na Câmara Municipal e nela foram debatidos problemas da região, como, por exemplo, a crise da lavoura no concelho e a necessidade de se constituir uma cooperativa para melhor escoamento dos produtos agrícolas.

A PARTIR DE AMANHÃ, NA F.I.P.

Debate de especialistas no Colóquio de Transportes

Amanhã, pelas 9 horas, inaugura-se o Segundo Colóquio Nacional de Transportes, que decorrerá até ao próximo dia 30 na Feira das Indústrias de Lisboa.

O eng.º João Pedro Neves Clara, presidente da corporação dos Transportes e Turismo, reuniu ontem os órgãos de Informação para divulgar quais os temas em debate e outros pormenores da organização.

Prevê-se que o Chefe do Estado presida à abertura do Colóquio. Na sessão inaugural devem usar da palavra os eng.ºs Neves Clara, Magalhães Lobato (director do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes

Terrestres) e ainda o dr. Baltasar Rebelo de Sousa, ministro das Corporações. O debate deve abranger uma panorâmica geral dos transportes aéreos, marítimos e terrestres, além de uma análise à política adoptada no nosso País em matéria de transportes.

Quinta-feira, as comunicações enviadas para o Colóquio versam transportes rodoviários e ferroviários e, igualmente, os transportes no campo da distribuição.

O programa da última jornada compreende os aspectos sociais dos transportes e a apresentação das conclusões do Colóquio, que será encerrado com palavras do

eng.º Oliveira Martins, secretário de Estado das Comunicações e Transportes.

— *Servir o bem comum e colaborar na batalha do desenvolvimento económico em que estamos empenhados são os propósitos fundamentais deste Colóquio* — afirmou o eng.º Neves Clara, na sua reunião com a Imprensa.

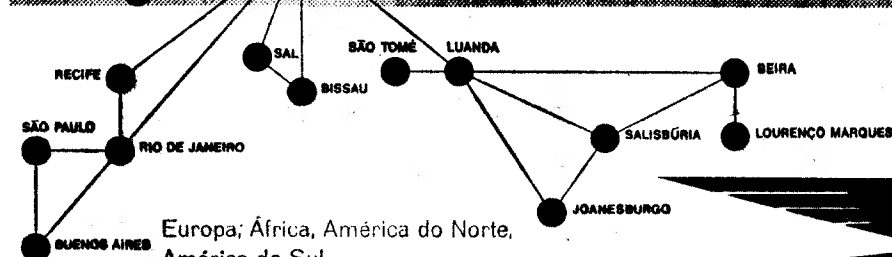
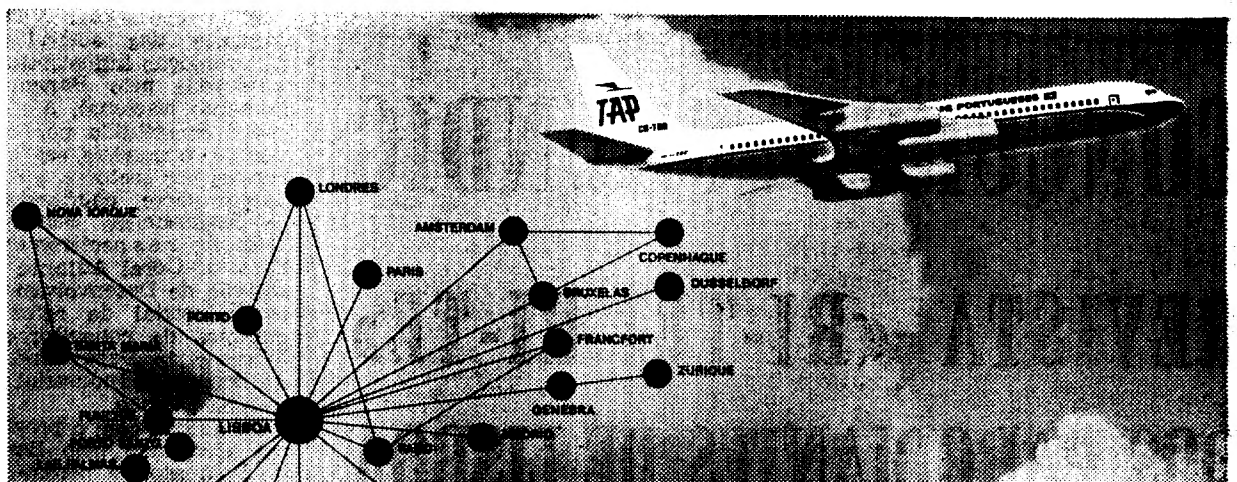
Meia centena de especialistas nos temas em debate, participam no Colóquio, entre eles técnicos de agências de viagens, companhias de transportes aéreos, agências de turismo e de navegação, empresas transportadoras e, ainda, observadores das direcções-gerais dos transportes e Comunicações.

OPEL — 1969 ANO RECORD DE PRODUÇÃO

A produção da Fábrica Opel durante o ano de 1969 foi a mais alta de sempre, com um total de 801 205 unidades. Comparando com 1968 (656 718), representa um aumento de 22 por cento. O anterior record, que fora de 688 575 unidades no ano de 1964, foi batido em 16,4 por cento.

No mercado interno foram vendidas 366 168 unidades em 1969, o que representa um aumento de 31,6 por cento em relação ao ano anterior. O número total de unidades exportadas foi de 436 295. Os Estados Unidos absorvem 101 505 unidades, enquanto que em 1968 este número fora de 95 000.

Nas Rotas do Mundo a presença da TAP prestigia Portugal



Europa; África, América do Norte, América do Sul — a rede da TAP abrange o mundo e o mundo da TAP é o seu. Ao seu alcance, através do espaço, um salto no tempo na companhia agradável da nossa Companhia. O prestígio da TAP é prestígio à escala mundial. Viaje na TAP.

CINEVOZ-02-TAP-69

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
Consulte o seu agente de viagens. Ele é um perito.

As comemorações do 31 de Janeiro no distrito do Porto

PORTO, 27 — A histórica data de 31 de Janeiro vai ser comemorada, como dissemos, neste distrito com diversas manifestações cívicas e culturais, em homenagem à memória dos precursores da República.

No dia 30, às 21 e 30, será prestada essa homenagem em sessões no Cine-Teatro Vitória, em Rio Tinto; no Teatro Constantino Nery, em Matosinhos e numa casa de espectáculos da Póvoa de Varzim, nas quais tomarão parte diversos oradores dos referidos concelhos e do Porto.

No dia 31, às 15 horas, haverá romagem ao monumento aos Vencidos, no cemitério do Prado do Repouso e às 18, no Cinema Num'Alvaras, sessão comemorativa.

No dia 1 de Fevereiro, a encerrar as comemorações teremos uma mesa-redonda, na Cooperativa do Povo Português, com escritores e jornalistas de Lisboa e do Porto.

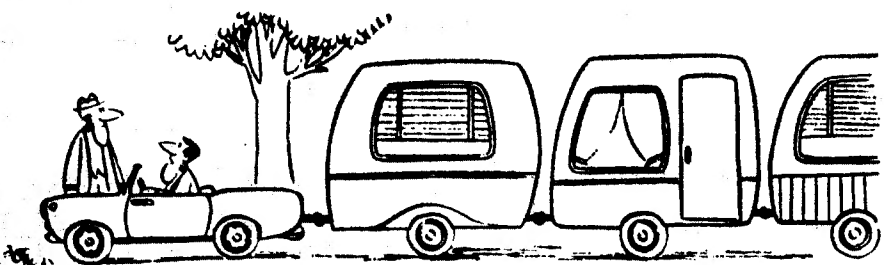
Em Beja

Beja, 27 — Um grupo de democratas bejenses apresentou hoje no Governo Civil um requerimento a solicitar autorização para uma sessão comemorativa do 31 de Janeiro a realizar no próximo sábado, pelas 21 horas, no «Cine-Teatro Pax Julia» desta cidade.

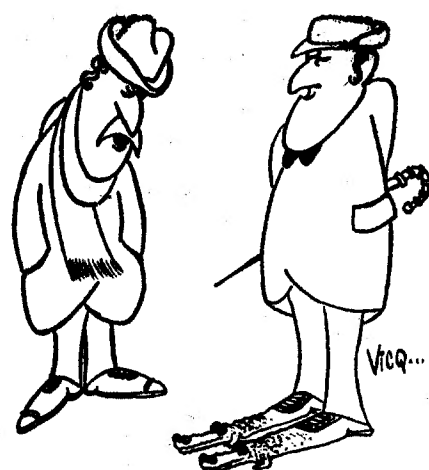
Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.



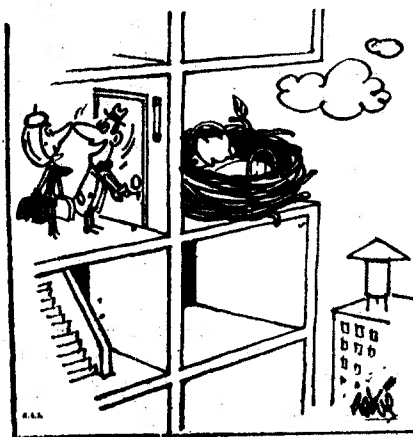
— Onde vais, Adelino?



— Toda a família da minha mulher resolveu vir passar as férias connosco...



Há muitas imitações, mas creio que estes são de crocodilo autêntico!



— Finalmente, temos o nosso ninho!

NO ROTARY — «RENDIMENTO E IMPOSTO»

• ELEITO PRESIDENTE O DR. RUI PIRES BRANCO

Chegou, ontem, a Lisboa, vinda de Paris, uma missão de peritos da «SEMA» (ME-

TRA-Internacional), a qual, no âmbito dos programas de assistência técnica da OCDE, vem apoiar o lançamento das actividades de promoção industrial organizadas pelo Banco de Fomento Nacional. A missão é constituída por sete peritos industriais, especializados por sectores, e dela fazem parte, chefiando-a, os Engenheiros Schüé e Bussary, respectivamente Director-Geral Adjunto da Divisão de Desenvolvimento Industrial da referida empresa de consultores e Director do Departamento de Economia Industrial da mesma Divisão.

De acordo com o programa elaborado pelo Banco de Fomento, os peritos da «SEMA», durante a sua permanência em Portugal, e em estreita ligação com os técnicos daquela instituição de crédito, estudarão diversos sectores industriais já anteriormente recolhidos e contactarão com empresas e entidades que neles intervêm, com vista à detecção de oportunidades de investimentos rentáveis e nacionalmente úteis, particularmente as que possam conduzir à penetração de mercados estrangeiros, à substituição de importações ou à aplicação de novas técnicas de produção.

Com base nos resultados dos trabalhos desta primeira missão, seleccionar-se-ão algumas ideias de projecto, que, nos próximos meses de Março e Abril, serão objecto de estudos de pré-investimento, realizados também com a colabo-

ração dos peritos da «SEMA», que nessa altura se deslocarão de novo a Portugal.

A iniciativa do Banco de Fomento, traduzindo o arranque do sector da promoção que têm vindo a estruturar no âmbito dos seus Serviços, permitirá oferecer aos empresários portugueses um conjunto de novas e seguras oportunidades industriais e destina-se a constituir, no quadro da política económica superiormente definida e em íntima articulação com a Secretaria de Estado da Indústria, um valioso instrumento de activação do investimento metropolitano.

E o Banco pretende estender, logo que possível, às Províncias de Angola e Moçambique, estas actividades de promoção, atento o contributo que podem dar para um adequado desenvolvimento da economia daqueles territórios ultramarinos.

Entre os primeiros, o dr. Camillo Cimourdain de Oliveira citou a contribuição predial, o imposto de capitais, a contribuição industrial e o imposto profissional — aos quais disse, vem juntar-se um imposto pes-

soal de sobreposição, que é o imposto complementar.

Como impostos sobre o capital, referiu o imposto sobre as sucessões e doações, a sisa e, desde 1965, o imposto de mais-valias.

De impostos sobre a despesa, citou uma grande variedade, como impostos sobre o tabaco, os automóveis, a cerveja, especialidades farmacêuticas e águas-medicinais, o imposto de pescada, o imposto sobre as cartas de jogar — este muito importante — o recente imposto de transacções.

Por em seguida uma referência aos factores de produção e disse que, numa economia de tipo capitalista, os rendimentos dos indivíduos provêm seja de rendas, de salários, de juros ou lucros — para mostrar que o nosso sistema fiscal tem precisamente os impostos parcelares, já antes citados, que vão atingir estas quatro distintas fontes de rendimento.

Chamou ainda a atenção para a clássica classificação dos impostos em directos e indirectos e, ao terminar, colocou-se à disposição de todos os presentes para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que tivessem.

A palestra foi escutada com o maior interesse e o presidente, antes de encerrar a sessão, felicitou o conferencista pelo brilho e oportunidade da exposição que acabava de fazer.

LEILÃO DE ACHADOS

Na secção de achados da R. S. P., na Rua dos Anjos, 56-A, começa ao fim da tarde e prossegue nos próximos dias, às 18 horas, um leilão dos objectos em depósito que, dentro do prazo estabelecido, não foram reclamados.

CONCURSO GRUNDIG REVISTA «RI-TE, RI-TE» DOS PARODIANTES DE LISBOA

Na presença dos Representantes do Governo Civil, Parodiantes de Lisboa e Nacional Rádio, S. A. R. L. realizou-se no passado dia 22, o sorteio do CONCURSO GRUNDIG, para atribuição de 1 TELEVISOR.

Foi contemplada a Ex.^{ma} Sr.^a D. MARIA ROSA TORRES RAMALHO, moradora na Rua da Índia Portuguesa, 107 em ERMESINDE.

O prémio será entregue até ao próximo dia 22 de Fevereiro, pelo representante dos PARODIANTES DE LISBOA no Norte — Av. Vímara Peres, 46-4.º Sala 33, Porto.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



No momento da assinatura dos acordos que conduziram à criação do grupo publicitário Benson Needham Univas. Da esquerda para a direita: E. W. Barnes (Benson), Paul Harper (Needham) e Jacques Douce (Univas)

NASCEU EM PARIS UM NOVO «GRANDE» DA PUBLICIDADE MUNDIAL

Perante jornalistas, representantes da Rádio, Televisão e agências de publicidade de toda a Europa, Jacques Douce, presidente da Univas (filial europeia da Havas Conseil, primeira agência de publicidade da Europa) anunciou há dias em Paris a criação de um novo gigante da publicidade resultante da necessidade de acompanhar a vocação europeia e mundial dos grandes anunciantes.

Com efeito, a Havas Conseil, através da Univas (de que é associada e representante em Portugal a agência MARCA, dirigida pelo dr. Orlando da Costa) decidiu associar-se e cooperar estreitamente com duas grandes agências anglo-saxónicas, a S. H. Benson, de Londres, e a Needham Harper, de Nova York. Juntas estas três agências passam a ocupar o décimo lugar no mundo e o primeiro na Europa (incluindo a Grã-Bretanha) com um total de volume de negócios, em 1969, da ordem dos nove milhões de contos.

No decurso dessa reunião, e explicando os motivos principais que levaram a Havas Conseil, à criação dessa associação (de que a MARCA faz parte na sua qualidade de associada da Univas), o sr. Jacques Douce afirmou: «Juntos, oferecemos a partir de agora aos nossos clientes um meio de acção extremamente flexível e homogêneo, tanto na orientação como na prestação de serviços, e que responde a esta nossa era de grandes concentrações industriais e comerciais. No momento em que se abrem as fronteiras e as grandes empresas se instalam num numero cada vez maior de países, era necessário lançar as bases de uma publicidade à escala europeia e mundial.»

A nova associação passa-

rá a ser conhecida pela sigla «BNU — Benson Needham Univas» e, funcionando já em regime experimental desde há alguns meses, deverá compreender, em 1970, cerca de sessenta agências nacionais implantadas nos 27 principais países do mundo.

Desapareceu do hotel o casal português que parece ligado com o roubo das jóias

Desapareceram do Hotel Orleans, em Paris, com «chaves e bagagens», Luísa Natividade Teixeira Cruz e seu marido José da Silva Cruz. Ela é apontada como possível implicada no roubo de jóias na Rua Vitor Hugo.

Mais um caso das «peregrinações» dos portugueses na selva da capital francesa? Fuga às responsabilidades? Novo capítulo de romance da série negra, à maneira de Simenon?

O que é conhecido: o não pagamento da hospedagem do hotel e a saída de madrugada, levando o casal as malas e as chaves do quarto. A fuga só no dia seguinte foi conhecida. A porteira queixou-se do mau aspecto do quarto: «bidonville num terceiro andar».

O casal não despertava suspeitas. Trabalhava (duramente, com toda a certeza) e regressava cedo a casa. Ao patrão do hotel, Ben Hamon, antigo funcionário francês na Argélia, não devem fazer falta os vinte francos. E os casos como este devem ser correntes.

O inspector Theraud, que na prefeitura parisiense se

ocupa dos casos criminais dos portugueses, terá trabalho árduo para descobrir o casal Cruz. E haverá, na verdade, alguma implicação no roubo das jóias?

Extraditados dois assaltantes de uma ourivesaria

Foram entregues às autoridades portuguesas, depois de cumprirem pena nas cadeias francesas, dois dos indivíduos que, há cerca de dois anos, assaltaram uma ourivesaria na Rua de Santo Ildefonso, 119, no Porto.

Trata-se de José Pereira de Sousa, de 28 anos e de António da Silva Borges dos Santos, de 37 anos. Tinham fugido para França e depois para a Bélgica. De regresso a Paris, cometeram vários furtos e foram presos pela polícia galesa.

Encontra-se ainda a cumprir pena na capital francesa António Medeiros, de 25 anos, cúmplice no assalto à ourivesaria do Porto.

O julgamento, cuja primeira audiência estava marcada para o dia 13 de Fevereiro, será adiado para data a designar.

O orçamento da Câmara de Ílhavo (receitas além de oito mil contos) prevê importantes melhoramentos

ÍLHAVO, 27 — Em sessão, presidida pelo sr. dr. Amadeu Cachim, foi aprovado o orçamento da Câmara Municipal, para este ano, cujas bases também estavam já aprovadas pelo Conselho Municipal, desde 15 de Setembro do ano findo.

A receita ordinária está orçada em 6 793 145\$00 e a extraordinária em 1 462 000\$. Algumas obras de maior importância: mercado, 20 contos; construção do edifício do Museu, 592 contos e 949\$; reparação da estrada da Amara, 200 contos; arranjo do Jardim Municipal, 249 400\$; reparação do caminho da Apeada, 170 contos; pavimentação do arruamento entre a Cambeia e a Marinha Velha 160 contos; pavimentação de um arruamento entre o Cruzeiro e a estrada municipal 507 na Gafanha da Encarnação, 265 599\$00; pavimentação de um arruamento entre o Cruzeiro e a Rua da Escola na Gafanha do Carmo 180 contos; construção de lavadouros na Ga-

funha da Encarnação e em Vale de Ílhavo, 70 contos.

Serviços Municipalizados: receita de 7 525 200\$00. A Câmara dispende, ainda, com a construção da estrada de acesso ao novo edifício do Museu 50 contos; com a urbanização da zona da Escola Industrial e Comercial, também 50 contos e com a construção de passeios na praia

Diversas obras a realizar pelo Turismo

Ao fim de longos anos de esforços porfiados, teremos, agora, em funcionamento, a Comissão Municipal de Turismo; sob a presidência do sr. prof. Eduardo Rogério Fernandes Simões. O respectivo orçamento ordinário já foi aprovado, e a receita ordinária atinge 742 100\$00. No referido orçamento prevê-se a realização de obras de grande interesse regional: construção e instalação de um parque de campismo, 120 000\$00; construção de uma praia artificial em Ílhavo, 40 000\$00 e de balneários nas praias 40 000\$00; arranjo da zona da pérgola na Costa Nova, 25 000\$00; aquisição de postais ilustrados, com motivos regionais, esc. 20 000\$00; realização de espectáculos, concursos, festas e exposições, provas desportivas e aquisição de taças ou distribuição de prémios pecuniários, 50 000\$00.

Entre todas estas obras é de especial importância a construção do parque de campismo, que se impõe começar com a maior urgência, para que possa entrar em funcionamento ainda neste ano.

Lições de matemática para pós-graduados na Faculdade de Ciências

Por iniciativa da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa, começam hoje, às 21 horas as lições para pós-graduados, a cargo do prof. dr. Fernando Vasco Alves Veiga de Oliveira.

As lições versarão os temas: «Sistemas dinâmicos separáveis; Movimentos múltiplemente periódicos; casos de degenerescência. Variáveis de acção e variáveis angulares. Problemas de estabilidade para sistemas separáveis com dois graus de liberdade».

da Barra 30 contos. A receita extraordinária é, como se sabe, sempre problemática e, por isso, muitas das verbas orçamentadas estão dependentes dessa circunstância.

POSSE DO NOVO GOVERNADOR CIVIL DE VILA REAL

No salão nobre do Ministério do Interior efectua-se depois de amanhã, às 18 horas, a cerimónia da posse do novo governador civil de Vila Real, sr. eng.º Tomás Rebelo do Espírito Santo.

Preside ao acto o sr. dr. Gonçalves Rapazote, titular da pasta do Interior.

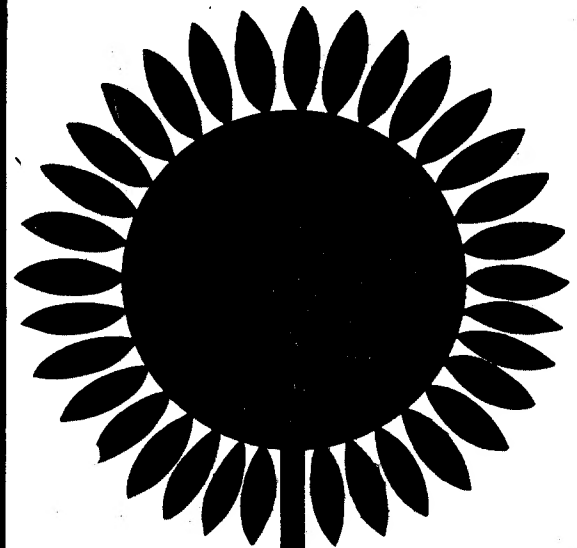
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESTOMATOLOGIA

O chefe do Serviço de Anatomia Patológica do Instituto de Estomatologia de Paris, prof. Claude Brocheriou, foi recebido na Sociedade Portuguesa de Estomatologia onde proferiu três conferências subordinadas aos temas: «Discussão de vários casos anatómo-clínicos da patologia geral», «Neoplasias das glândulas salivares» e «Tumores vasculares em patologia geral».

As conferências realizaram-se na sede da Ordem dos Médicos, sendo as sessões presididas pelo dr. João Bação Leal.

Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

A primeira reunião científica do presente ano académico da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, anunciada, por lapso, para hoje, realiza-se no dia 3 de Fevereiro, às 22 horas.



NÃO
BASTA
PEDIR
ÓLEO DE
GIRASSOL



É NECESSÁRIO
"CERTIFICAR-SE"
QUE A SUA EXTRACÇÃO
FOI FEITA A FRIO
POR UMA ÚNICA
PRESSÃO.

O SEU MÉDICO LHE
DIRÁ PORQUÊ...

O ÓLEO DE GIRASSOL
"NUXO",
É, GARANTIDAMENTE,
EXTRAÍDO A FRIO.

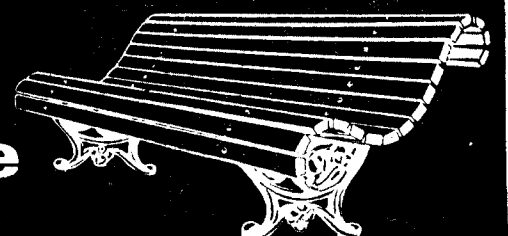


PRODUTOS DIETÉTICOS LDA.
Av. República, 46 — Lisboa



BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente



Diário de Lisboa

ESPERANÇA EM COIMBRA

Ópera para crianças

Na segunda-feira, às 18 e 30, no Teatro de São João, será apresentada a ópera infantil «O Cábula», do compositor português Fernando Correia de Oliveira. Trata-se da primeira ópera infantil escrita por um português, com a particularidade de todos os cantos serem em português. Escrita para um público infantil, «O Cábula» tem uma abertura, nove cenas, interlúdios e bailados. As situações e linguagem, de simplicidade e autenticidade infantil, tomam significado muito especial devido à ironia e posição dada à música, simultaneamente reduzida às proporções das personagens.

A primeira parte do programa será preenchida com uma outra obra do prof. F. Correia de Oliveira, «Ratudo», uma história infantil cantada por Margarida Vieira, com música por um grupo de pequenos alunos da classe de bailado do «Parnaso» e acompanhamento por orquestra.

A ópera «O Cábula» será cantada por Leonor Costa Lima, Gina Lúcio Pinheiro,

Espectáculos para hoje

TEATROS
RIVOLI — As 21 e 45: «Ena, já falas!» (17 anos)
CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 40: «A rapariga que queria ser amada» (Sweet Charity) (17 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «A grande aventura de Hannibal» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «A rapariga que queria ser amada» (17 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «A Perversa» (17 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Será que o amor livre na aldeia» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «O primeiro rebelde» e «Os dominadores» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Santana» (12 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «O Santo em acção» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O Caso Strange» (17 anos)

Amanhã à tarde

CINEMAS
SAO JOAO — As 15 e 30: «A rapariga que queria ser amada» (17 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «A grande aventura de Hannibal» (12 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «A rapariga que queria ser amada» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «A Perversa» (17 anos)
ESTUDIO — As 15 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «Será que o amor livre na aldeia» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 16: «Uma aventura a quatro» e «Vinte e quatro horas da vida de uma mulher» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «Santana» (12 anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «O Santo em acção» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «O Caso Strange» (17 anos)

Farmácias de serviço esta noite (2.º turno)

ALBERTO FERREIRA, R. da Estação, 00 (Tel. 51302) * ANTUNES, R. do Bonifácio, 485 (Tel. 27936) * CAMPO ALEGRE, Rua do Campo Alegre, 128 (Tel. 62245) * FATIMA, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 54406) * FERREIRA DA SILVA, R. Martires da Liberdade (Tel. 24023) * MARQUES DE MENDONÇA, R. do Ameal, 25 (Tel. 47116) * PEREIRO, R. do Precioso, 35 (Tel. 681027) * S. JERÓNIMO, R. de Santos Pousada, 622 (Tel. 54526) * S. LAZARO, Av. Rod. de Freitas, 29 (Tel. 27043) * SARABANDO, Largo dos Lóios, 36 (Tel. 21701) * SAUDE, Av. dos Com. da Grande Guerra, 689 (Tel. 40576) * SOUSA SOARES, R. de Santa Catarina, 141 (Tel. 22145) * VITÓRIA, R. de S. R. do Lameiro, 56 (Tel. 52225) * GONDARÉM, Rua de Gondarém, 860 — Foz.

Maria de Lourdes Mineiro, Maria Manuela Faria e Teresa do Ceu Cruz. A coreografia é de Ruth Howes; encenação, do dr. Correia Alves e cenografia, do prof. escultor José Rodrigues, Gunther. Argliebe é o maestro-director.

Homenagem a um notário

Foi prestada, esta tarde, homenagem ao sr. dr. Alberto Freire de Sousa Pinto Cochofel, notário do Cartório do Protesto de Letras do Porto, que acaba de atingir o limite de idade. O sr. dr. Alberto Cochofel exerceu aquele cargo desde Junho de 1930.

Artes plásticas

Na sexta-feira, na Filial do nosso prezado colega «Jornal de Notícias», do Porto, o pintor português Adão Rodrigues, inaugura uma exposição dos seus mais recentes trabalhos.

tempos tão decisivamente em evidência, da velha Universidade. Lembra-se que o dr. Gouveia Monteiro, sobre ser um cientista de renome, é um professor que sempre se tem dedicado aos problemas do ensino e da vida institucional da Universidade com uma lúcida atenção crítica, e sempre tem prestado aos estudantes uma leal e franca compreensão e colaboração.

A opinião do prof. Paulo Quintela

A opinião acima expressa pode-se considerar absolutamente generalizada entre professores e estudantes. Assim, o prof. dr. Paulo Quintela, catedrático da Faculdade de Letras e figura desde sempre ligada às actividades universitárias culturais e académicas, nomeadamente através do T. E. U. C., disse-nos:

— Considero o prof. Gouveia Monteiro um homem altamente qualificado do ponto de vista científico, com uma severidade de métodos que só pode beneficiar uma renovação universitária — e, francamente, espero muito da sua acção administrativa, reorganizadora, etc.

«A sua preparação científica — prosseguiu — e o conhecimento profundo

que tem das universidades estrangeiras beneficiará a execução dos projectos de reforma e de convivência, universitária entre professores e estudantes, aos diversos níveis, com a consequente normalização de toda a vida universitária e académica.

E continuou: «Não quero, também, deixar de me referir, até por se tratar de uma ilustre professora da minha Faculdade, à dr.ª Maria Helena da Rocha Pereira, cuja nomeação para vice-reitora nos promete, sobretudo, a reorganização e remodelação dos estudos humanísticos em Portugal, a todos os níveis, para além, portanto, das suas preocupações de helenista, que o é de categoria internacional.

E, a terminar: «Espero que as novas autoridades académicas colaborem activamente nos propósitos de actualização, renovação e normalização da vida académica anunciados pelo novo ministro da Educação Nacional.

«A solução dos problemas académicos» — espera o prof. Vítor Matos

O prof. Vítor Matos e Sá, também da Faculdade de Letras, declarou-nos, por sua vez:

— Se a presença de um novo ministro é índice de uma nova política educativa, a nomeação de um novo reitor e dois vice-reitores (entre os quais uma senhora, creio que pela primeira vez na vida da nossa Universidade) parece significar um passo importante na concretização dessa política.

«Assegurados estes colaboradores — continuou — (que pessoalmente dão já garantias, pelo exemplo humano, pela competência profissional e, até, como o novo reitor, por intervenções públicas sobre a problemática educativa) temos a esperar deles a tão desejada solução dos graves problemas académicos (não só os passados, como os que envolvem o futuro da comunidade universitária).

Entretanto, o estudante de Engenharia Rui Manuel Teixeira Jorge, da «República» dos Pinguins, da Comissão Central da Queima das Fitas de 1969 e presidente do G. E. F. A. C., declarou-nos:

— A nomeação foi recebida pela maioria dos estudantes com o agrado que implica a mudança agora observada. Esperamos que este seja um passo em frente para resolver os graves problemas da Academia.

Prof. Gouveia Monteiro: um «currículo» assinalável

O novo reitor da Universidade de Coimbra tem apenas 47 anos. Natural de Caramulo (Paróquia do Guardião Tondela, Viseu) onde nasceu a 7 de Junho de 1922, fez a instrução primária no Colégio de Alexandre Henriques, tendo estudado, depois, no Liceu Central de José Falcão e no Liceu Nacional D. João III, que substituiu aquele.

Feitos os preparatórios médicos, entrou, em 1940, para a Faculdade de Medicina, onde se licenciou a 18 de Dezembro de 1946, com 19 valores, tendo sido nomeado para segundo-assistente da cadeira de Propedéutica Médica, por proposta do prof. Egídio Aines. No dia 14 de Junho de 1953, recebeu as

insígnias de doutor na Sala dos Capelos, e, em Abril de 1957, apresentou-se a prestar provas que lhe mereceram a nomeação para professor extraordinário do 6.º grupo (Medicina Interna). No entanto, só no ano seguinte passou a reger o curso de Pneumotologia, em virtude de se ter apresentado para os E. U. A., em missão de estudo.

Autor de mais de uma centena de trabalhos científicos, publicados tanto em Portugal como no estrangeiro, o prof. Gouveia Monteiro é um dos grandes impulsionadores da renovação do ensino da Medicina em Portugal. Como bolsista ou como congressista, o prof. Gouveia Monteiro tem feito inúmeras viagens aos países estrangeiros, e ainda recentemente participou no XVIII Congresso das Sociedades Nacionais Europeias e Mediterrâneas de Gastroenterologia, em Praga.

Além disso, o prof. Gouveia Monteiro é membro de várias sociedades médicas, vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia, presidente da comissão executiva da Comunidade Lusitana de Gastroenterologia e membro do conselho técnico dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

O prof. Gouveia Monteiro foi, também, reitor, da parte da sua Faculdade, do parecer sobre as bases do internato médico e do parecer sobre uma proposta de reforma do ensino médico, tendo colaborado com as comissões pedagógicas da Associação Académica em diversas iniciativas. Além disso, deu, em 1962, uma assinalável entrevista à «Via Latina» sobre as actividades estudantis e circun-escolares, e falou num «Dia da Universidade», promovido pela Associação Académica, a qual nunca negou colaboração e apoio.

O «Diário de Lisboa» teve oportunidade, aliás, de publicar já nas suas colunas diversos e assinaláveis depoimentos do prof. Gouveia Monteiro, nomeadamente sobre a Reforma da Universidade (em especial nos aspectos da ciência, da investigação e da transmissão do saber) e, ainda, muito recentemente, na sua intervenção na «Mesa-Redonda — Eleições», sobre aquela mesma tema — intervenção em que fez importantes declarações.

O prof. Amadeu Gouveia, agora exonerado das funções de reitor da Universidade de Coimbra, foi nomeado presidente da Comissão de Estudos de Energia Nuclear.

O prof. Miranda Barbosa foi, por sua vez, exonerado do cargo de vice-reitor.

AUMENTARAM AS EXPORTAÇÕES DA «CITROEN»

No ano findo a «Citroen» registou um aumento de 27,9 por cento nas suas exportações, tendo vendido, para os mercados exteriores, 196 200 viaturas, das quais perto de 160 000 da categoria de «turmínio».

A sua produção total foi de 507 000 unidades (426 380 «turmínios»), pelo que as exportações representam, assim, 38 por cento dos carros saídos do Quai de Javel.

Torçava, o Grupo Citroen (que inclui a «Berliet» e a «Maserati») ultrapassou ainda, no seu conjunto, aquela cifra: 528 003 unidades.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%.....	518\$	—	518\$
Consolidado 3%.....	530\$	—	530\$
Consolidado 3 1/2%.....	620\$	—	620\$
Centenários 4%.....	1.480\$	—	1.480\$
Obriga. Tesouro 5%.....	1.000\$	—	1.000\$
Externo 1.ª Série.....	—	600\$	600\$
Externo 1.ª Série C.....	—	820\$	820\$
Externo 3.ª Série.....	—	730\$	730\$
Externo 3.ª Série C.....	—	800\$	820\$
Gauleiras 3.ª Série.....	—	155\$	—

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Agua. Lisboa 5%.....	—	—	—
A. P. T. 5% 56.....	—	—	—
A. P. T. 5% 58.....	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65.....	—	895\$	—
C. P. 5 1/2% 67.....	—	—	—
C. U. F. 6%.....	1.000\$	1.000\$	—
C. U. F. 6% 68.....	—	993\$	993\$
Gás Elect. 4% 48.....	—	800\$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51.....	—	830\$	—
Gás Elect. 5% 52.....	—	890\$	—
Gás Elect. 5% 58.....	—	890\$	—
Gás Elect. 5% 59.....	—	890\$	—
Gás Elect. 5% 62.....	—	—	—
Gás Elect. 5% 63.....	—	—	935\$
Gás Elect. 5% 65.....	—	—	—
Gás Elect. 5% 67.....	—	1.010\$	—
H. E. A. Alentejo 5%.....	—	815\$	—
H. E. Cávado 5%.....	—	—	—
H. E. Cávado 6%.....	1.001\$	—	—
H. E. Douro 5%.....	800\$	795\$	999\$
H. E. Douro 6%.....	1.001\$	1.001\$	—
H. E. Norte Port. 5%.....	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%.....	—	995\$	—
H. E. Zêzere 5% 55.....	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57.....	—	—	—
Lisboa 6%.....	1.001\$	1.001\$	—
Metropolitano 4%.....	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%.....	997\$	995\$	—
Mozambique 5%.....	—	—	—
Nac. Elect. 5%.....	—	850\$	—
Nitratos 5%.....	—	—	—
Nitratos 5% 60.....	—	—	—
Petroquímica 5%.....	—	860\$	—
Port. Celul. 5%.....	—	950\$	—
Sacar 5% 54.....	—	930\$	940\$
Sacar 5% 60.....	—	—	900\$
Siderurgia 5% 2.....	—	805\$	820\$
Siderurgia 5% 3.....	—	815\$	—
Siderurgia 5% 4.....	—	815\$	—
Sonete 5%.....	925\$	820\$	825\$
T. A. P. 4%.....	—	—	—
Termoelect. Port. 5%.....	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%.....	—	84\$	86\$
U. E. P. 4%.....	—	84\$	86\$
U. E. P. 4 1/2%.....	—	—	—
U. E. P. 5%.....	—	82\$	84\$
U. E. P. 5% 60.....	—	—	—
U. E. P. 5% 63.....	—	—	—

AGUA, ELECT. E GÁS	Efec.	Compra	Venda
Agua. Lisboa p.....	—	420\$	—
Agua. Lisboa 34.....	—	420\$	—
Agua. Lisboa 36.....	—	385\$	390\$
Elect. Beiras.....	—	—	1.740\$
Gás Elect. 4.....	445\$	444\$	466\$
H. E. Alto Alentejo.....	1.695\$	1.695\$	1.695\$
H. E. Cávado.....	1.260\$	1.259\$	1.265\$
H. E. Douro.....	1.262\$	1.262\$	1.264\$
H. E. Norte Portugal.....	—	—	330\$
H. E. S. Estrela.....	—	—	—
H. E. Zêzere.....	1.265\$	1.262\$	1.270\$
Nac. Electricidade.....	—	1.270\$	1.280\$
Termoelect. Port.....	1.262\$	1.260\$	1.264\$
U. E. P.....	200\$	199\$	200\$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec.	Compra	Venda
F. I. Atlântico.....	—	2.102\$	2.615\$
F. I. D. E.....	—	128\$	132\$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCOES (Base Dez. 65 100)	20/1/70	26/1/70	27/1/70
GERAL.....	154,6	158,2	158,8
METROPOL.....	146,2	147,6	147,9
ULTRAM.....	216,2	236,3	239,0

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Randes	36\$50	36\$50
América:		
— Dólares de 1 a 2.....	28\$10	28\$60
— Dólares de 5 a 1000.....	28\$40	28\$80
— Canadá — Dólar.....	26\$20	26\$70
— Alemanha — Marco.....	7\$55	7\$85
— Austrália — Schilling.....	\$05	\$08
— Argentina — Peso.....	1\$08	1\$15
— Brasil — Cruzeiro Novo.....	5\$00	7\$00
— Espanha — Peseta.....	\$39,2	\$40,7
— Holanda — Florim.....	7\$65	7\$95
— Inglaterra — Libra.....	67\$50	69\$50
— Itália — Libra.....	\$04,4	\$04,65
— Bélgica — Franco.....	\$55	\$58
— França — Franco.....	4\$75	5\$15
— Suíça — Franco.....	6\$55	6\$75
— Marrocos — Dirham.....	4\$80	5\$30
— Dinamarca — Coroa.....	3\$60	3\$90
— Noruega — Coroa.....	3\$85	4\$15
— Suécia — Coroa.....	5\$35	5\$65
Ouro:		
— Inglaterra — Libra Isabel.....	295\$00	315\$00
— Inglaterra — 1/2 Libra.....	290\$00	310\$00
— Ouro fino — Barra.....	34\$00	36\$00

J. BURNAY, L. DA RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras Papeis de crédito Tel. 321273

DE COIMBRA

Milhares de praticantes das mais diversas nacionalidades afluíram ao Parque de Campismo

O parque de campismo, junto ao Estádio Municipal, apesar das suas reduzidas dimensões, é de há muito considerado pelos entendidos como um dos melhores.

Na verdade, o número de praticantes que o procuram aumenta consideravelmente de ano para ano, e assim, em 1969 registou o elevado

número de 9418 presenças, mais 2626 do que em 1968, ano que já teve um movimento excepcional: 6792 presenças.

Por países, o movimento do parque foi o seguinte: Alemanha, 618; África do Sul, 24; Argentina, 5; Austrália, 88; Áustria, 31; Bélgica, 490; Brasil, 8; Canadá, 131; Chile, 4; Dinamarca, 24; Espanha, 279; Estados Unidos da América do Norte, 285; Finlândia, 10; França, 3625; Holanda, 662; Inglaterra, 1500; Irão, 4; Irlanda, 3; Itália, 109; Japão, 1; Noruega, 9; Nova Zelândia, 23; Marrocos, 7; Suécia, 47; Suíça, 109; Venezuela, 3; Colômbia, 4; México, 10; Luxemburgo, 6; Madagascar, 1; Peru, 1; Polónia, 4; Turquia, 2 e Equador, 1. Portugueses: 1288.

Como se verifica foram os franceses os que em maior

número frequentaram o Parque de Campismo de Coimbra, seguido-se os ingleses e, depois, os portugueses.

Doutoramento em Matemática

No edifício da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências começaram hoje as provas de doutoramento em Matemática, prestadas pelo candidato sr. dr. António Gabriel da Silva St. Aubyn. Presidiu o reitor da Universidade, sr. prof. dr. Andrade de Gouveia e a prova consistiu de um interrogatório com ponto tirado a sorte, sob o tema: «Estruturas Topológicas». Foi arguente o sr. prof. dr. J. Sebastião Silva, da Faculdade de Ciências de Lisboa.

As provas prosseguem amanhã, no mesmo local, às 15 horas, com o segundo interrogatório.

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia (tel. 22147 e 22148).

HIGIENE — Rua Fernandes Tomás (tel. 22634).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767).

M. NAZARÉ — Av. João das Regras (tel. 23033).

Espectáculos para hoje

TEATROS

AVENIDA — As 21 e 45: «Volpome», pelo Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa — Círculo de Teatro do C.I.T.C. (17 anos).

GIL VICENTE — As 18: Concerto pela Orquestra Filarmónica de Lisboa.

CINEMAS

GIL VICENTE — As 21 e 30: «A quadrilha selvagem» (17 anos).

TIVOLI — As 21 e 30: «Comando suicida» (12 anos).

SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «O porteiro» (12 anos).

AZEITONA

DE BOA QUALIDADE

ALBA, 27 — Terminou nesta região a colheita da azeitona, cuja produção foi inferior de 30 a 40 por cento à colheita anterior. O fruto, porém, dá o melhor rendimento e o azeite de boa qualidade.

Devido ao mau tempo, estão atrasados os serviços de poda das vinhas e limpeza das oliveiras e não tem havido trabalho nos campos por se encontrarem completamente encharcados.

Necrologia

FALECIMENTOS

Manuel Miguel Lopes

Faleceu o sr. Manuel Miguel Lopes, de 54 anos, funcionário do quadro gráfico do jornal «A República», natural do Porto, pai do sr. Horácio da Graça Lopes (ausente). O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se hoje, às 16 horas, da casa mortuária do Hospital de S. José, para o cemitério dos Olivais.

descanso, amanhã, dia 28, às 19 horas, na igreja de Santo António à Sé.

Cónego dr. Manuel Nunes Formigão

Passando no próximo dia 30, mais um aniversário do falecimento do dr. Manuel Nunes Formigão, professor do Seminário e do Liceu de Santarém e cónego da Sé de Lisboa, os seus antigos alunos, moradores em Lisboa, mandam celebrar missa de sufrágio, na capela do Santíssimo da Sé Patriarcal pelas 19 e 15 horas de sexta-feira.

SUFRAGIOS

Fernando Frazão

Sua família manda celebrar missa pelo seu eterno



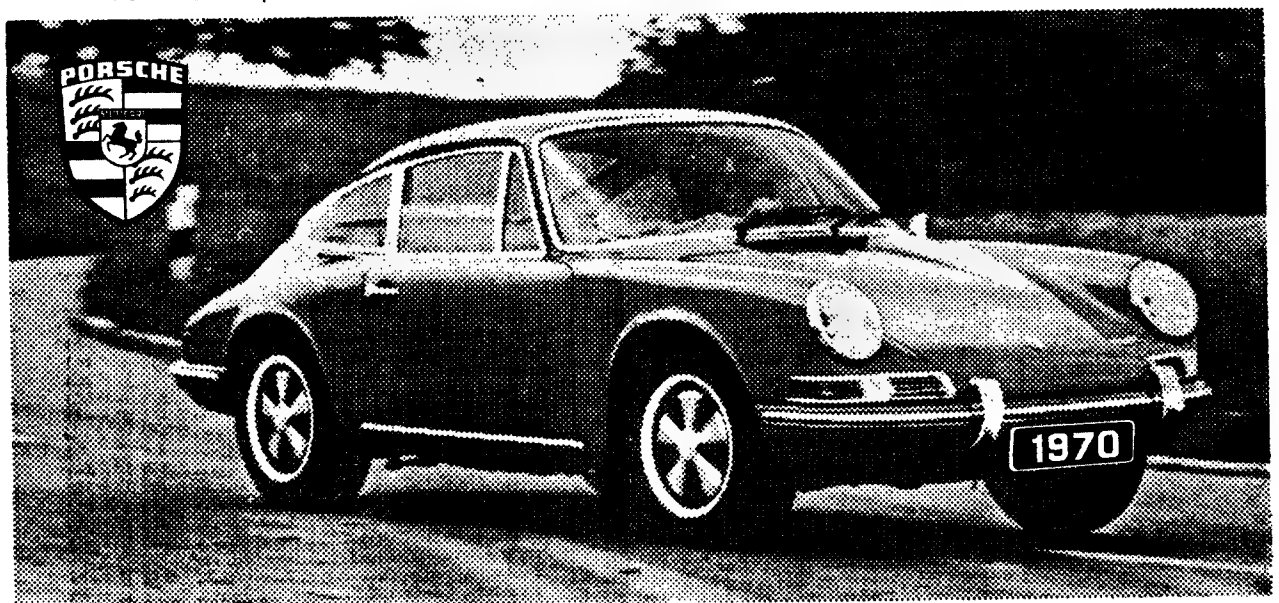
PORSCHE

VENCEDOR ABSOLUTO NO

39º RALLYE DE MONTE CARLO

1º 2º E 4º LUGARES DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

Conduzidos por: BORN WALDEGARD, GERARD LARROUSSE e AKE ANDERSON



MAIS UMA VITÓRIA TOTAL DE UM CARRO EXCEPCIONAL

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
Praça dos Restauradores, 74 — Telefones 36 67 51/7 - 37 01 71/5

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

**CENTRO
COMERCIAL
DOS SERVICOS
TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA**

AS SUAS ORDENS PARA:
MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS

AV. LUIS BIVAR, 85-A • R. PINHEIRO CHAGAS 96 • TEL. 160200 • 158004

VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS:

A COMISSÃO NÃO FOI RECONHECIDA

MAS EXPÔS AO SINDICATO AS SUAS RAZÕES

A comissão formada por profissionais vendedores de automóveis que fora eleita em assembleia geral para defender os interesses da classe — como referimos anteriormente — não foi reconhecida pela direcção do Sindicato dos Carreiros e Promotores Similares do Distrito de Lisboa, com fundamento no facto de não se encontrar prevista nos estatutos a constituição de comissões daquele género. Assim, a comissão, na impossibilidade de defender legalmente, junto do Ministério das Corporações, os fins para que foi criada, transmitiu a direcção do Sindicato os

pontos que havia já compilado em defesa da sua posição, com pedido de urgente participação àquele Ministério. Como já dissemos, a controversia desenrola-se à volta do termo *ordenado* no contrato colectivo de trabalho, pois enquanto as entidades patronais entendem que esse termo, para efeito de subsídios, significa apenas a parte fixa das remunerações auferidas pelos trabalhadores, estes pensam que ele deve significar o conjunto da parte fixa e da parte variável (comissões) do que recebem mensalmente.

Os vendedores de automó-

veis, que não possuem Sindicato próprio, não têm, também, no Sul, um contrato colectivo próprio. Regem-se, por essa razão, pelo contrato negociado entre as empresas e os seus colegas do Norte, o qual foi mandado tornar extensivo pelo anterior ministro das Corporações.

Em defesa do seu ponto de vista, a comissão representante dos vendedores de automóveis alega as seguintes razões:

PRIMEIRO — Nunca as entidades patronais cumpriram com a cláusula 16.ª do Contrato de Trabalho (*remuneração durante as férias*) pois sempre a têm pago na base da parte certa da remuneração, muito embora sobre esta cláusula não possam existir dúvidas, pois já a Lei n.º 1952 de 10 de Março de 1937 esclarecia que era considerado *ordenado* a remuneração em dinheiro, fixa ou variável, a paga em géneros, alimentação, etc., e tanto o decreto-lei n.º 47 032 de 27 de Maio de 1966, como o decreto-lei n.º 49 408 de 21 de Novembro de 1969 que revogaram aquela Lei, mantêm sobre o capítulo de remunerações uma doutrina idêntica mas mais explícita.

SEGUNDO — Não poderá o Grémio, como fez ao requerer a Comissão Corporativa Central esta última deliberação, invocar que os outorgantes do referido C. O. T. quando entenderam conceder contractualmente o subsídio de férias (cláusula 18.ª), e o subsídio de Natal (cláusula 29.ª), tinham em mente os ordenados previstos na cláusula 24.ª — Tabela de Ordenados Mínimos — pois que se assim fosse teriam cumprido desde sempre com o ponto de razão N.º 1.

TERCEIRO — Embora o subsídio de férias e o subsídio de Natal não sejam obrigatórios na Lei Geral do Tra-

balho, mas sim concedidos pelo C. O. T., o Grémio ao aceitar a redacção do referido Contrato obrigou-se implicitamente a aceitar as normas que o regem, e se tinham em mente, como agora o dizem, atender somente à parte certa na concessão desses subsídios deveriam tê-lo especificado.

QUARTO — A própria Comissão Central, ao ser instada para deliberar sobre a cláusula 29.ª, definiu que o termo *ordenado* empregue nessa cláusula deveria compreender a parte certa e a parte variável da remuneração, deliberação esta que foi homologada por despacho de 4 de Junho de 1968. Posteriormente, a mesma C. O. C., não por deliberação mas por informação do seu presidente informou que sobre a cláusula 18.ª não havia necessidade de se pronunciar, em virtude dela estar absolutamente esclarecida pela Lei Geral do Trabalho.

Ora, excluindo mesmo esta informação da C. O. C., e reportando-nos somente ao parecer referido e homologado, parece que será contraditório que a palavra *ordenado* tenha um significado para cada cláusula.

QUINTO — Inclusive a Inspeção do Trabalho, nos autos de notícia que levantou a algumas firmas do Norte, em 1968, interpretou a cláusula 18.ª como sendo o conjunto da parte fixa mais a parte variável, motivo pelo qual essas firmas foram autuadas.

O Tribunal do Trabalho do Porto, deu a essa cláusula a mesma interpretação, condenando por sentenças lavradas as referidas firmas, muito embora uma ou duas tenham recorrido para o Supremo Tribunal Administrativo e desse Tribunal ainda não haja qualquer acórdão.

O Banco de Fomento e a promoção industrial

No Hotel Tivoli realizou-se hoje, mais uma reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. Presidiu o sr. dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, secretário pelo sr. prof. dr. Erasmo Chaves, tendo o sr. Eric Lega feito as apresentações protocolares.

Entre os convidados viam-se o director-geral das Contribuições e Impostos, dr. Vítor Faveiro; inspector-geral de Finanças, dr. José Figueiredo Dias, e o adjunto daquele director-geral, sr. Manuel Pereira.

Na altura própria, o dr. Almeida Ribeiro deu a palavra ao político brasileiro e antigo governador rotário, dr. Artur Dallmazo, que veio a Portugal com o objectivo de concertar com o Rotary Clube de Lisboa o programa festivo e de exaltação da Comunidade Luso-Brasileira que coincidirá com a viagem rotária ao Brasil que o clube está preparando, com a locação do avião já esgotada.

Seguidamente, foi submetida à aprovação do clube, funcionando como assembleia geral, a candidatura do sócio dr. Rui Pires Branco, para

seu presidente no ano rotário 1970-71, que foi eleito por aclamação, tendo recebido as felicitações do actual presidente e de todos os presentes.

Logo após feita pelo dr. Mário Gomes a apresentação do palestrante da reunião, dr. Camilo Clomourdain de Oliveira, que abordou o tema «Rendimento e Impostos».

Começou por uma breve referência ao economista fisiocrata Mercier de Rivière, que já no seu tempo havia manifestado o pesar com que dava ao rendimento público o nome de imposto, pois, dizia, «este termo é sempre recebido de mau grado e anuncia um encargo duro de suportar e de que todos queriam estar libertos».

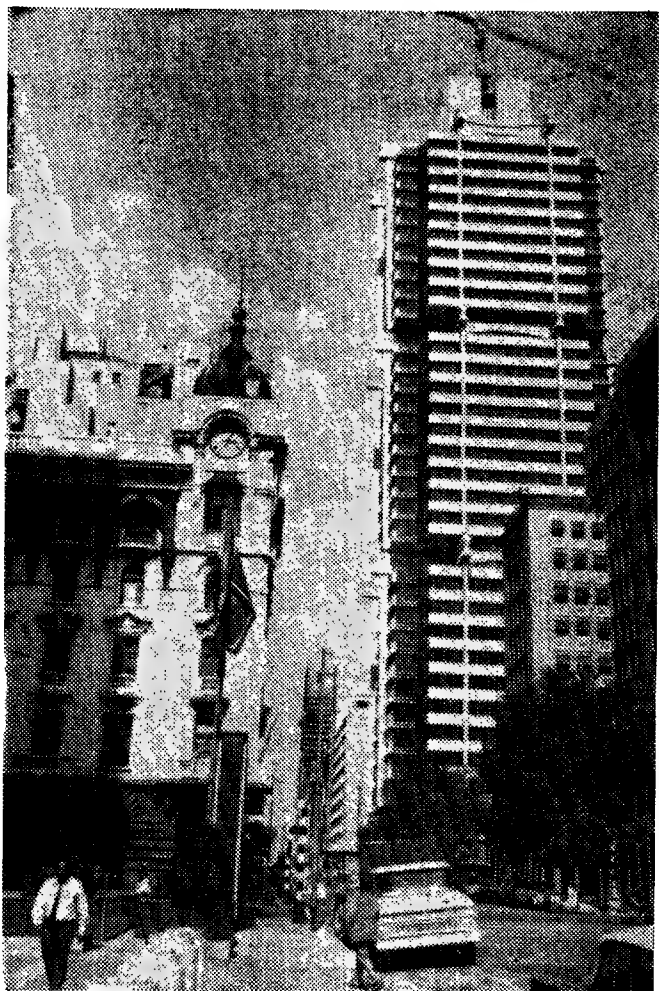
Apresentou, depois, o conceito de imposto e disse que, embora os impostos se destinassem normalmente a prover o tesouro público de forma a habilitá-lo a satisfazer as necessidades públicas que há que não confundir, disse, com necessidades gerais, de umas e de outras tendo exposto os conceitos — os impostos poderiam, em certa conjuntura económica, tal como os empréstimos contraídos pelo Estado, ter objectivos diferentes daquele, como o de aliviar possíveis pressões inflacionistas, absorvendo rendimentos então considerados excessivos. O imposto funcionaria neste caso como mecanismo estabilizador da economia.

Referiu-se seguidamente a outras receitas do Estado — tais como as chamadas receitas patrimoniais, as taxas e os empréstimos — e disse que, nas suas linhas mais gerais, o ciclo da actividade financeira do Estado consiste na arrecadação de receitas a fim de poder suportar despesas a que é obrigado para satisfazer as necessidades públicas.

Depois de uma referência ao imposto único — defendido em primeira mão no século XVIII pelos fisiocratas, o que deu origem à espiritualidade e conhecida sátira de Voltaire «O Homem dos Qua-

MORREU QUEIMADO

LÉVORA, 27 — O sr. João Duarte, de 85 anos, morador na Quinta do Cardoso, Lored, foi atingido pelas chamas quando se aquecia à lareira. Tardamente socorrido, veio a falecer no hospital da Misericórdia, desta cidade.



Será semelhante ao que se ergue no coração de Johannesburg (como se vê na gravura) o edifício-torre a construir na cidade de Aveiro.

O edifício-torre de Aveiro vai ser construído em que custou mais de dois mil

AVEIRO, 27 — Foi o industrial aveirense sr. João Nunes da Rocha o adjudicatário do terreno destinado à construção do edifício-torre desta cidade, que será o mais alto do mundo português, com os seus 25 pisos, superado na Europa apenas pelo Palácio da Cultura e da Ciência, em Varsóvia (33 pisos) e pela Universidade de Moscovo (28).

Custaram os 338,56 metros quadrados de terreno 2031 contos, o que equivale a dizer que o preço unitário foi de 6000\$00.

— É muito dinheiro empastado para ir por fases a sua construção — disse-nos o dinâmico industrial, ao inquietarmos da maneira de como será realizada a importante obra, a qual demorará, no máximo, cinco anos, ascendendo o seu custo a 30 mil contos. — Nelle aplicarei os novos materiais de construção: uma liga de cimento e aglomerado de madeira. É uma matéria que reduz o peso da construção em cerca de sessenta por cento.

Aveiro vem sendo apontada como uma cidade onde a iniciativa particular não tem feito grande ou espantosa aparição. A cidade, todos o

duz, «tem estado muito parada».

— Abrirei as portas a todos os aveirenses de boa-vontade e de rasgada visão, de molde a que os seus empreendimentos façam progredir a cidade — diz o nosso interlocutor.

Só houve dois arrematantes. Primeiro, o sr. João Nunes da Rocha (5000\$00); depois o português sr. António Feliciano de Sousa subiu para 5200\$00. E pela voz do seu amigo e grande construtor português José Maria Gonçalves deu o «xeque-mate» ao seu concorrente.

A sala estava cheia. A pre-

DR. ALMEIDA CO

RECONHE

AS VANT

O primeiro discurso da tarde foi proferido pelo «leader» de Assembleia, dr. Almeida Cotta, cujas palavras eram aguardadas com certa expectativa pela Câmara, dado que se tratava da primeira intervenção do actual representante do Governo na Assembleia Nacional.

Nesse discurso (cerca de 2 mil palavras), o dr. Almeida Cotta anunciou a criação, prevista para breve, do Comissariado dos Negócios do Estado Português da Índia, organismo que terá objectivos análogos aos que há dias levaram o deputado Maximiliano Fernandes a pedir, na

Senl
e
por

PORTO
cerca da
móvel oc
ge da
anos, vi
gresso, e
nhos), a
Fang. Dr

«Ou du
tendiam
tória: D.
da Silva
na Villa
em Maio
a caminh
la villa, r
e D. Mar
de 58 al
mesma m
quele est
tallar, po
diversas.

A P. V.
tomou co
Ferido
Na Praq
cidade, f
manhã, p
de passag
Monteiro
casado, t
do Douro
Conduzi
Santo Am
contado
«contusa
rrias conti

Na Praq
cidade, f
manhã, p
de passag
Monteiro
casado, t
do Douro
Conduzi
Santo Am
contado
«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

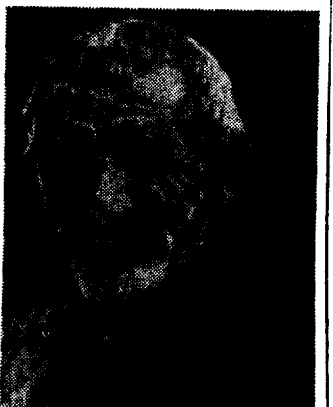
«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

«contusa
rrias conti

PILULAS DE ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO DE
ALHO FORTE
PRODUTO DIETÉTICO, ACTIVO
CONTRA AS MANIFESTAÇÕES AR-
TRICAS, REUMATISMO, E VELHICE
PRÉCOCE.



À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES
PARA PORTUGAL E ULTRAMAR:
CREFAR
RUA DA MADALENA, 171-2.º
LISBOA

FERNANDO NAMORA

um escritor significativo do nosso tempo

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
tem a honra de comunicar
que com os últimos volumes postos à venda
completou a edição do conjunto de obra
que Fernando Namora escreveu
até ao momento presente

OBRAS PUBLICADAS

<i>Fogo na Noite Escura</i>	60\$ (6.ª ed.)
<i>Domingo à Tarde</i>	45\$ (7.ª ed.)
<i>Casa da Malta</i>	35\$ (7.ª ed.)
<i>O Trigo e o Jato</i>	45\$ (6.ª ed.)
<i>Minas de San Francisco</i>	50\$ (6.ª ed.)
<i>Relatos da Vida de Um Médico (1.ª série)</i>	40\$ (11.ª ed.)
<i>Relatos da Vida de Um Médico (2.ª série)</i>	50\$ (3.ª ed.)
<i>Diálogo em Setembro</i>	60\$ (3.ª ed.)
<i>O Homem Desfarpado</i>	50\$ (6.ª ed.)
<i>As Sete Partidas do Mundo</i>	45\$ (4.ª ed.)
<i>A Noite e a Madrugada</i>	45\$ (6.ª ed.)
<i>Um Sino na Montanha</i>	55\$ (2.ª ed.)
<i>Deuses e Demónios da Medicina</i>	120\$ (4.ª ed.)
2 volumes, brochados.....	220\$ (4.ª ed.)
<i>Cidade Solitária</i>	50\$ (4.ª ed.)
<i>As Frias Madrugadas</i>	45\$ (3.ª ed.)
<i>Marketing</i>	45\$ (2.ª ed.)

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 - Mem Martins
Rua das Flores, 45, 2.º - Lisboa
Rua de Entreparedes, 6, 2.º - Porto

FRANCÊS

Precisa-se profes-
sora de nacionalidade
francesa para lições
de conversação, de
preferência residindo
na linha do Estoril.
Resposta a este jor-
nal ao n.º 417.

Senhora morta
e outra ferida
por atropelamento

PORTO, 27 — Esta manhã, cerca das 10 e 15, um automóvel conduzido pelo sr. Jorge da Hora Santos, de 36 anos, viajante, Rua do Progresso, em Perafita (Matosinhos), ao passar na Avenida Eng.º Duarte Pacheco atropelou duas senhoras que pretendiam atravessar aquela artéria: D. Felisbela Rodrigues da Silva, casada, residente na Rua Álvaro Castilhões, 70, em Matosinhos, que morreu a caminho do hospital daquela vila, num carro de praça, e D. Maria Pereira da Graça, de 58 anos, casada, com a mesma morada, que ficou naquelle estabelecimento hospitalar, pois sofreu escoriações diversas.

A P. V. T. de Matosinhos tomou conta da ocorrência.

Ferido noutro acidente

Na Praça da Batalha, nesta cidade, foi atropelado, esta manhã, por uma camioneta de passageiros o sr. António Monteiro da Silva, de 27 anos casado, torneiro, de Oliveira do Douro (Gaia).

Conduzido ao Hospital de Santo António ficou ali internado com ferida lacerante e contusa de uma perna e várias contusões pelo corpo.

veiro
em terreno
s mil contos

Ná sessão o sr. dr. Alberto Ferreira Neves, com toda a vereação presente, Eia dia grande para Aveiro. E a arrematação foi feita pelo activo e esolaneido aveirense sr. João Nunes da Rocha, que afirmou:

— Eu não deixaria ir isto parar a outras mãos que não fossem da nossa terra. Ainda há pouco estive em Joazeirungo e vi lá um prédio em tudo semelhante ao que iremos construir. E pensei na ideia, e vi o que elle valia. Tirei as minhas conclusões e agora vamos para a frente. O arranque será já hoje!

COTTA (NOVO «LEADER»):

NIHEÇO SEM ESFORÇO
NTAGENS DA CRÍTICA

Camara a criação de uma Secretaria do Estado Português da Índia.

Em resposta a outro deputado (Pinho Brandão), o «leader» da Assembleia afirmou que também o problema do preço das madeiras está a ser objecto de cuidados do Governo, através das corporações da Indústria e da Lavoura.

«Reconheço sem esforço as vantagens da crítica, da fiscalização do Executivo e, sobretudo, da colaboração activa, prestada com espírito de bem servir» — disse o dr. Almeida Cotta — «Mas por outro lado, deve dizer-se que

nem sempre é fácil de calcular o tempo inutilmente perdido para demonstrar o que já está demonstrado, para desfazer equívocos, enganos e até ilusões, para repor a verdade dos factos, toldada aqui ou ali, para fazer prevalecer a justiça dentro a emaranhada teia dos interesses e das paixões».

Por último, o dr. Almeida Cotta rendeu homenagem ao Presidente da República, e ao Chefe do Governo e ao presidente da Assembleia Na-

CHOCOLATES TAGOES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

DEFENDIDA A LIBERALIZAÇÃO
DO CONDICIONAMENTO INDUSTRIAL

guntar: se o industrial português tem estado suficientemente informado quanto aos caminhos pelos quais urge enveredar na criação de novas indústrias; se o industrial português tem encontrado um apoio razoável no crédito indispensável a novas iniciativas; se o industrial português tem beneficiado de suficientes incentivos por parte do Estado, através de vantagens fiscais e outras tendentes ao lançamento de novos empreendimentos; e se o industrial português tem estado ao abrigo da concorrência de unidades industriais que pelo primitivismo de processos usados não chegam a ser dignas desse nome.

Depois de responder negativamente a estas quatro questões, o orador considerou indispensável a criação de um serviço publico que oriente o industrial quanto á melhor forma de canalizar as suas iniciativas, serviço esse cuja falta está em parte na origem da saturação de vários ramos da industria a sua crise.

Relativamente ao crédito lembrou «que a única forma rápida de se obter crédito tem sido a banca comercial. O industrial só consegue, as mais das vezes, apoio quando possui um património largamente garante, «mesmo assim, «vendem-lhe» o dinheiro caro, (tendo-se generalizado a prática ilícita de cobrar prémios de transferência que mascaram o agravamento das taxas de juro legal) e quase sempre a curto prazo (normalmente 1 ano, após o que tem de voltar a solicitar o «favor»).

Depois, disse: — É, assim, com o maior interesse que se aguarda a anunciada revisão do sistema de crédito e constituição de novos estabele-

cimentos que, esperamos venham a ter acção decisiva no lançamento dos novos grandes empreendimentos de que o País carece. Há poucos meses, o País assistiu com esperança á constituição da Sociedade Financeira Portuguesa. Ignora, porém, qual a actividade por esta já desenvolvida ou que tem em projecto. Oxalá venha a corresponder aos importantes objectivos visados na sua criação.

Quanto ás isenções fiscais a conceder ás empresas, lembrou a «posição desfavorável e injusta» em que o sistema fiscal vigente coloca os rendimentos do comércio e industria, á mercê de uma tributação, ainda há pouco agravada, dupla da que incide sobre o rendimento de capitais, e mais que dupla da que incide sobre rendas de prédios urbanos. Tal situação carece de revisão, «não se vendo como no estado actual de coisas se pretende incentivar a afluência do capital aos empreendimentos industriais, naturalmente mais arriscados do que outros como por exemplo, os imóveis e investimentos imobiliários».

Defendeu uma política de concentração de empresas, a fomentar pelo Estado, afirmando mais adiante:

— Parece-me justa a política de liberalização — eu ia a dizer de moralização — enunciada pelo Governo em matéria do condicionamento industrial — considerando o alargamento do mercado numa perspectiva europeia, circunstância esta que mais se evidencia em face dos acontecimentos recentes, com a provável próxima entrada da Inglaterra e dos países nórdicos no Mercado Comum, passo decisivo para a constituição de um mercado unico europeu, ao qual certamente não deixaremos de aderir. Embora reconheça ser inconveniente o abandono subito do regime de condicionamento, só justificável para a época em que foi concebido quando a nossa industria iniciava o processo de desenvolvimento, tenho vivamente presentes os inconvenientes que dele resultaram nomeadamente a falta de estímulo ao progresso das empresas dele beneficiárias e a formação dos chamados «grupos de pressão» activos defensores das situações de privilégio.

A concluir, o deputado emitiu a opinião de que esta política de liberalização não é compatível com uma orientação segura de condicionamento técnico das empresas.

LINHARES DE ANDRADE:
— Problemas açoreanos

Aludindo ás mais importantes carências do arquipélago dos Açores, disse o deputado Linhares de Andrade:

— A maior parte das ilhas continua a não dispor de portos capazes e os navios da empresa concessionária são não apenas insuficientes mas totalmente inadequados face ás exigências de um tráfego crescente e de características tão especiais como é este entre as ilhas e entre cada uma destas e o Continente.

«Designadamente no distrito da Horta, com excepção da Ilha do Faial, nenhuma das restantes possui um unico porto digno desse nome. No Corvo estão em curso, é certo, obras de beneficiação do Porto das Casas, que uma vez concluídas permitirão satisfazer as necessidades

de um movimento proporcionado á sua diminuta população. Mas no Pico e nas Flores, onde praticamente nada foi feito nesta matéria, com excepção de ligeros melhoramentos nos pequenos portos de pesca, o problema reveste-se de grande acuidade».

Aquele deputado disse, ainda, ser necessário e urgente equipar o porto da Horta e criticou o sistema de restrições ao tráfego de mercadorias, por efeito de imposições de natureza aduaneira ou fiscal e, ainda, das formalidades e despesas que a sua cobrança envolve

— O que está em causa — afirmou — é o sistema de cobrança daqueles impostos e taxas pelos enormes inconvenientes que apresenta, pelas responsabilidades que seguramente tem no atrofamento económico das nossas ilhas, sistema aliás contrariado pelo princípio da integração económica do espaço português».

o deputado disse-nos...

A dr.ª Custódia Lopes
e a «nova Assembleia»

Por ter feito parte da delegação portuguesa á Assembleia Geral da O. N. U., a deputada por Moçambique, sr.ª dr.ª D. Custódia Lopes, só agora pode começar a participar nos trabalhos da Assembleia Nacional. Pedimos-



DR.ª CUSTÓDIA LOPES

claração sobre a «Assembleia Nova». Aquele deputada, com cujas palavras abrimos esta secção (destinada a recolher breves depoimentos de parlamentares), disse-nos:

— Nesta reabertura da Assembleia em que participo pela primeira vez nos trabalhos da X Legislatura, não posso deixar de sentir o pe-

-lho, por isso, uma breve desdo da redobrada responsabilidade que me cabe por ocupar, de novo, um lugar no Parlamento. Tenho, porém, esperança de poder, com um trabalho renovado, corresponder á confiança que em mim depositaram os meus eleitores de Moçambique. Para eles vai, sem duvida, neste momento, o meu pensamento. Embora não tivesse podido estar presente aos trabalhos da Assembleia Nacional no seu primeiro período, por me encontrar integrada na Delegação Portuguesa á 24.ª Assembleia Geral da O. N. U., julgo saber que decorreram em bom ritmo e que corresponderam, de certo modo, ao espírito novo que se pretende dar á Assembleia. Por mim, farei quanto puder para dar o meu modesto contributo a esta nova Assembleia.

— E quanto á sua participação na Assembleia Geral das Nações Unidas, quer dizer alguma coisa?

— Pois, quanto á minha estada na O. N. U., participei nos trabalhos da 3.ª comissão e assisti aos costumeiros ataques contra o nosso País pela sua permanência no Ultramar. Defendemo-nos das acusações injustas em intervenções que a Imprensa, de resto, já referiu na devida altura.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

OLDRICH CERNIK SERÁ DEMITIDO DO CARGO DE CHEFE DO GOVERNO — AFIRMA-SE EM PRAGA

PRAGA, 27 — (A.N.I.) — Em círculos autorizados afirma-se que o primeiro-ministro da Checoslováquia, Oldrich Cernik, será demitido do seu cargo de chefe do Governo, e que Alexander Dubcek resignará da comissão central do Partido Comunista (de cuja chefia foi afastado), quando esta se reunir, na semana em curso.

Dubcek enviou uma carta à comissão central, antes de ter partido para a Turquia, a fim de ali desempenhar o cargo de embaixador.

A carta anuncia, ao que parece, a renúncia de Dubcek à comissão central, o único cargo que lhe fora deixado, desde que foi substituído por Gustav Husak, em Abril, nas funções de primeiro-secretário do Partido.

Em círculos autorizados afirma-se que a expulsão de Cernik era já aguardada, pois o seu Governo não conseguiu uma recuperação intensa da enfraquecida economia do país.

No caso de Cernik perder o cargo de primeiro-ministro — segundo se aguarda — a demissão também lhe custará o seu lugar no «praesidium» do partido, formado por onze elementos.

A comissão central deve expulsar igualmente mais

de doze dos seus elementos actuais, continuando assim a afastar do partido os reformadores da equipa de Dubcek.

POSSÍVEIS SUCESSORES

Contudo, em círculos autorizados, acentua-se que ainda não estão completa-

mente decididas as medidas a tomar. Nota-se que a reunião, que vai começar amanhã à tarde, deve durar três dias em vez dos dois que são habituais — o que parece indicar que os «leaders» do partido prevêem dificuldades na obtenção das decisões. Uma das questões mais

renhidas será a escolha de um sucessor para Cernik. Entre os candidatos encontram-se alguns funcionários da linha dura do partido — o secretário da comissão central, Alois Indra, e o chefe da repartição da acção do partido na Boémia e na Morávia, Lubomir Strougal.



UM «PANTERA NEGRA» FALA A ESTUDANTES — Elbert Howard, conhecido pelo «Big Man» e membro da organização dos «panteras negras», fala aos estudantes da Universidade de Heidelberg acerca da situação da sua organização. Howard foi convidado, pela Associação Socialista de estudantes alemães (S. D. S.), para uma série de conferências em diversas cidades da Alemanha Ocidental.

AEROPORTO ENCERRADO

MILÃO, 27 — (R.) — O aeroporto de Linate, desta cidade, foi encerrado indefinidamente a noite passada a seguir a uma greve relâmpago do seu pessoal, e em ameaças de novas paralisações públicas para apoiar pedidos de melhores condições de trabalho e de salários.

A Alitalia informou que todos os voos civis para e do aeroporto foram cancelados até novo aviso.

Malpensa, o outro aeroporto de Milão, não foi afectado imediatamente.

VIETNAM DO SUL

TERCEIRA FASE DA RETIRADA DE TROPAS AMERICANAS

SAIGÃO, 27 — (R.) — Nos próximos cinco dias inicia-se a terceira fase da retirada das tropas americanas do Vietnam do Sul, saindo três mil fuzileiros navais.

O comando militar norte-

-americano anunciou hoje que os fuzileiros começarão a embarcar amanhã em Da Nang e outros portos do norte, com destino a bases na Califórnia.

Os fuzileiros constituem a primeira parte do contingente de 50 000 homens que sairá do Vietnam até 15 de Abril.

A redução dos efectivos americanos no Vietnam do Sul começou em 8 de Julho do ano passado. Sairam já dois contingentes, um de 25 e outro de 35 000 homens e com a terceira fase o limite autorizado das tropas no Vietnam ficará em 434 000 homens.

Amanhã saem também de Da Nang vários caças bombardeiros a jacto.

EMBOSCADA

SAIGÃO, 27 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong fizeram a noite passada uma emboscada a um comboio de 13 camiões e «jeeps» numa estrada principal a apenas 11 quilómetros desta capital.

Um informador militar americano disse que o comboio, formado por camiões comerciais e «jeeps» da Polícia Militar americana, fo-

ra atacado com granadas-foguete e fogo de metralhadoras ligeiras e carabinas.

Ficou ferido um civil vietnamita e destruído um veículo comercial. Não se registaram baixas entre os americanos e foram ligeiros os estragos causados às outras viaturas.

«Liz» Taylor e Burton reconciliaram-se

HOLLYWOOD, 27 — (R.) — Anunciou-se na capital do cinema que Elizabeth Taylor abandonara no fim da semana o marido, Richard Burton, mas os seus agentes afirmaram a noite passada que o casal se reconciliara depois. «Beijaram-se e fizeram as pazes e tudo foi esquecido», disseram os agentes da famosa estrela.

«Todo o incidente não passou de uma tempestade num copo de água».

Os agentes comentavam uma notícia da colunista Dorothy Manners de que Richard Burton se tornara «malcriado» quando estava com a mulher e dois outros actores amigos na discoteca Bumbles.

ALTO ADIGE: problema em vias de solução

Por FERNANDO DE MACEDO (correspondente do «Diário de Lisboa» na Suíça)

GENEVA, 23. — Na Europa, actualmente existem vários problemas de minorias étnicas e linguísticas, os quais atingem acuidade paradoxal, nesta época de conflitos à escala mundial e da conquista do espaço. Na Bélgica, a questão valona, num beco Na Suíça, o caso do Jura bernês, correndo seus tramites agitados e de solução difícil. Na Bulgária e na Jugoslávia, o imbróglio macedónico. Quanto ao problema (talvez preferível dizer problemas) do Alto Adige, que tem sido um espírito na carne dos Governos austriaco e italiano, parece agora em vias de solução.

Ao intervir na primeira guerra mundial, em 1915, a Itália tinha, como objectivo primordial, anexar Trieste e o Trentino. Terminado o conflito, os desejos romanos foram satisfeitos, de modo que, entre outros territórios, a Itália viu a sua superfície aumentada com o Tirol do Sul, ao tempo rebaptizado com o nome de Alto Adige. A população, que fala um dialecto alemão, nunca deixou de sonhar com o regresso à mãe-pátria, a Austria, apesar dos esforços deliberados, sistemáticos, e, por vezes, frenéticos, de italianização, em especial após a subida de Mussolini ao poder. Após 1933, e nomeadamente, o «Anschluss» da Austria ao Terceiro «Reich» alemão, Hitler e Mussolini deliberaram que o Alto Adige continuava sob jurisdição italiana. Estabeleceu-se um prazo para que os habitantes, que o desejassem, pudessem partir e integrar-se no «grande Reich». Terminado esse prazo, não mais se falou da questão do Alto Adige, entre os dois ditadores.

Quando a Austria recuperou a independência, o caso do Alto Adige readquiriu actualidade: no Tratado de Paris, em 1948, Vienna reconhece que o Alto Adige continuava italiano, estipulando-se que qualquer divergência na aplicação do acordo De Gasperi-Gruber, seria apresentado ao Tribunal Internacional de Haia. A italianização prosseguiu, em especial com manobras administrativas, mas os resultados eram praticamente nulos. Surgiram as polémicas, os protestos, as reivindicações, em breve, estas, apoiadas com gestos terroristas, cada vez mais virulentos, a partir de 1960. O Governo austriaco, quando a ele, embora defendendo o espírito do Tratado de Paris, apoiou discretamente os activistas germanófilos e a causa do Tirol do Sul. As Nações Unidas, ao serem-lhes apresentada a questão, recomendaram à Austria e à Itália que resolvessem o problema com acordos bilaterais. Reuniram-se comissões, em Milão e em Munique, mas sem que se registasse qualquer progresso. Em 1964, avistam-se os ministros dos Estrangeiros dos dois países, ao tempo Saragat e Kreisky, mas tudo parece ter ficado na mesma.

Finalmente, há dias, em Copenhague, Moro e Waldheim, agora os chefes da diplomacia, respectivamente, em Roma e Vienna, voltam a analisar, em pormenor, a espinhosa questão, e assinam um acordo, mais um, nos termos do qual o litígio pode encontrar solução ideal. Segundo o plano, será concedida autonomia à região, tendo em linha de conta que os italianos formam agora a maioria dos

habitantes; o alemão é mais extensamente usado como idioma oficial; aplica-se uma política de emprego mais justa; os programas da TV alemã e austriaca passam a ter difusão no Alto Adige; são dadas garantias por Roma quanto ao ensino do alemão nas escolas. Não se trata, como se vê, do epílogo, mas do que pode muito bem ser o começo do epílogo, pois, resta ainda a aplicação prática do acordo, e o saneamento de toda a situação envenenada por décadas de litígio.

O Parlamento, em Roma, aprovou, por vasta maioria, o acordo, que pretende assegurar, ademais, no prazo de dois anos, a coexistência pacífica de vários grupos linguísticos do Alto Adige. Em Vienna, por outro lado, os adversários de Klaus, e de uma solução de compromisso, como a de Copenhague, são mais renitentes, nomeadamente da parte dos liberais e dos socialistas, partidos da oposição, de que a tese é o regresso puro e simples do Alto Adige, ou seja, do Tirol do Sul, à Austria.

Solução do litígio italo-austriaco sobre esta região de 230 mil habitantes? Tudo leva a crer que sim, a menos que os factores que até agora impediram a solução, consigam prevalecer, usando, se possível, actos cruentos de terrorismo. Interessante pôr em relevo, que, aquando do cruento atentado aos Bancos de Milão, os patriotas do Tirol do Sul foram dos primeiros suspeitos, e não está ainda afastada a hipótese de que tenham tido mão no acto. De qualquer modo, o Alto Adige continua a fazer parte da Itália, e não da Austria, como de toda a discordia.

RINGO DESMENTE A DISSOLUÇÃO DOS «BEATLES»

NOVA YORK, 27 — (A.N.I.) — Ringo Starr desmentiu os rumores de que o conjunto dos «Beatles» se dissolva, depois de ter chefiado o movimento «Rock» durante cerca de uma década.

Numa entrevista, publicada no número da revista «Look», agora posta à venda, Ringo declarou: «Todos nós, beatles, tentamos encontrar a paz».

Explica-se nessa entrevista que, embora os beatles já não andem em digressão, não deixam de ser beatles. Estão contratados para fazer música em conjunto até 1975, segundo revelou um dos directores da Apple Records.

Ringo aventurou-se como solista num álbum, «Ringo Starr», em que apresenta as canções favoritas do seu «Mum And Dad» e participa num novo filme, «The Magic Christian», com Peter Sellers.



António Palhinha da Costa Dias

Agradecimento e Missa do 30.º Dia

Sua família participa que será rezada missa amanhã, dia 28, às 9,30 horas, na Igreja de Fátima (altar de St.º António) pelo seu eterno descanso, desde já agradecendo às pessoas que assistirem a este piedoso acto, bem como a todos quantos, de qualquer forma, lhe manifestaram o seu pesar.

EVITAR A INFLACÇÃO

— objectivo de Nixon ao vetar a lei de finanças

WASHINGTON, 27 — (F. P.) — O presidente Richard Nixon convidou toda a América para testemunha do seu gesto, quando, ontem à noite, numa mensagem

pela Rádio e TV, opôs o seu veto, a uma lei de finanças que o Congresso acabara de adoptar contra o seu parecer.

O projecto de lei dizia respeito ao orçamento da Saúde e da Educação Nacional para o ano fiscal em curso. No montante de 19,7 biliões de dólares, este orçamento excedia em 1,2 biliões o que fora proposto por Nixon.

O chefe do Estado opôs o seu veto porque considera esta lei como «inflacionista». As despesas a que obrigaria o Estado disse ele, são «exageradas, mal repartidas e decididas numa má ocasião».

A mensagem do presidente foi transmitida por todas as cadeias de Televisão e da Rádio do país, e Nixon quis salientar o carácter histórico do seu acto. Com efeito, é a primeira vez que opõe o seu veto a um projecto de lei adoptado pelo Congresso e é necessário reuvar até à administração de Eisenhower para encontrar um gesto semelhante.

LUTA CONTRA A INFLACÇÃO

Nixon declarou: «Esta é uma das decisões mais importantes que tenho tomado desde a minha chegada ao poder». Era-o tanto mais, acrescentou ele, quanto se tratava de fundos destina-

dos à Educação e à Saúde, mas a questão não era de saber se é por ou contra um ensino melhorado e serviços de saúde modernos, porque toda a gente deseja isso.

O chefe do Executivo lembrou que o seu programa de assistência social para o ano em curso já previa um aumento das despesas da ordem de 30 por cento em relação ao ano anterior.

Na sua alocução, que durou menos de dez minutos, Nixon salientou a importância primordial que ele dá à luta contra a inflação, fazendo ver que não servia a ninguém aumentar diversas prestações de serviços se o aumento do orçamento nacional daí resultante provocasse imediatamente nova subida do custo de vida anulando assim as vantagens adquiridas.

SUBIDA «RECORD» DO CUSTO DE VIDA

Fazendo alusão ao custo de vida, que atingiu no ano passado uma subida «record» de 6,1 por cento, Nixon defendeu a sua política de compressão orçamental anunciando que as despesas do orçamento do ano de 1971 terão uma redução de 7 biliões de dólares. O orçamento da Defesa, disse ele, será o mais reduzido desde 1950, e pela primeira vez, os orçamentos sociais

dos Estados Unidos serão superiores ao orçamento militar.

As despesas previstas na lei das finanças que rejeitou consistiam simplesmente, disse Nixon, em «enfiar mais dólares para os mesmos velhos programas». Os créditos votados pelo Congresso eram por outro lado, segundo Nixon, distribuídos injustamente.

O presidente interrompeu a leitura da sua mensagem para colocar a sua assinatura no veto que enviará esta manhã ao Congresso. Para passar por cima deste veto, será necessário que os adversários de Nixon reunam uma maioria de dois terços, o que é pouco provável.



APOLLO-13: UM CARRO DE FOGO — Os astronautas da cápsula Apolo-13, James Lovell, Thomas Mattingly e Fred Haise, escolheram este emblema para a sua missão: três cavalos, tendo por fundo o sol, e a frase: «Da Lua, Ciência»

WILSON CONFERENCIA HOJE COM O PRESIDENTE DOS EUA

• O MÉDIO ORIENTE ENTRE AS QUESTÕES A DEBATER

WASHINGTON, 27 — (A. N. I.) — O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, chegou ontem à noite a Washington para conferenciar com o presidente Nixon e com membros do Governo norte-americano, entre os quais o secretário de Estado, William Rogers, e o secretário do Tesouro, David Kennedy.

O chefe do Governo inglês declarou em Nova York que durante as suas reuniões com o presidente Nixon discutirá o estabelecimento de um novo tipo de relações entre os dois países, que incluirá o concurso de outras nações industrializadas para a resolução de problemas sociais como a pobreza, a poluição, a habitação e os transportes.

Os dois estadistas devem tratar também de questões mundiais, como a crise do Médio Oriente, o auxílio às vítimas da guerra nigeroblafrense, o Vietnam, as conversações de Paris, as relações Ocidente-Leste, as possibilidades da entrada da Inglaterra no Mercado Comum e outras questões financeiras e económicas.

Hoje realiza-se um banquete em honra do primeiro-ministro inglês, que regressa amanhã a Londres.

EDWARD KENNEDY PREOCUPADO

WASHINGTON, 27 — (R.) — O senador Edward Kennedy afirmou hoje estar preocupado pelas declarações do Governo britânico

tendentes «a encobrir a situação na Nigéria Oriental».

Emitiu uma declaração à Imprensa pedindo que fosse dada a maior prioridade aos esforços de auxílio à Nigéria nas conversações que se realizam hoje na Casa Branca entre o presidente Nixon e o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson.

O senador Kennedy é presidente da Comissão Judicial dos Refugiados do Senado, que ouviu na semana passada funcionários do departamento do Estado narrarem casos de fome e de pilhagem no território dos ibos, após a guerra civil. Na quinta-feira, o senador discutiu o problema com o presidente Nixon.

Agrava-se a situação nas vias de acesso a Berlim-Oeste

BERLIM, 27 — (F. P.) — A situação nas vias de acesso a Berlim-Oeste agravou-se ainda mais durante o dia de ontem.

Perto do posto de Drenitz, à entrada de Berlim-Oeste, na auto-estrada Hemstedt-Berlim, cerca de 500 camiões formando uma coluna com perto de oito quilómetros de comprimento, aguardaram durante cinco a seis horas para passar. Os guardas fronteiriços da Alemanha de Leste abriam o sinal verde só de tempos a tempos e por períodos de alguns minutos apenas.

No posto de Staaken, na estrada Hamburgo-Berlim, cerca de 70 veículos pesados só conseguiram passar à cadência de dez por hora.

O tráfego encontra-se assim travado desde quarta-feira passada, por as autoridades leste-alemãs pretenderem protestar, deste modo, contra a reunião, em Berlim-Oeste, das comissões e grupos parlamentares do Bundestag (da Alemanha Ocidental).

BIAFRA: a pobreza e a morte motivo de alarme durante muitos meses

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 27 — (A. N. I.) — «A subnutrição, a pobreza e a morte continuarão a ser motivo de alarme, durante muitos meses, no antigo Biafra», — anuncia-se no relatório assinado pelo brigadeiro Said-Uddin Khan, do Paquistão, principal representante das Nações Unidas na Nigéria e enviado ao secretário-geral, com os resultados de uma viagem efectuada à Nigéria Oriental entre 17 e 23 de Janeiro.

Khan e o seu assistente, Rupert John, relatam que «o período de ansiedade derivada do derramamento de sangue e da violência terminará em breve, mas a questão da subnutrição, da pobreza e da morte permanecerá motivo de alarme durante muitos meses e necessitará de um grande esforço de todas as organizações voluntárias e governamentais».

LONGAS BICHAS

«Não há acusações de genocídio, mas houve casos de assaltos a mulheres e muitos mais de saque. Alguns soldados, pertencentes a contingentes que ocupam zonas remotas, mostraram-se desordeiros, mas os oficiais são muito claros sobre as regras de conduta e aplicam-nas por vezes com bastante severidade».

Khan e John afirmam que os refúgios dos nos acampamentos de Owerri

e Oni estão a ser alimentados pela Cruz Vermelha nigeriana, mas que o transporte é um dos maiores problemas.

Entretanto, longas bichas de refugiados começaram a encaminhar-se do antigo enclave para as suas terras. A Cruz Vermelha da Nigéria mantém algumas cozinhas, à beira da estrada, mas não são adequadas e são más as suas condições.

INSUFICIÊNCIA

Os refugiados que se meteram pelo mato tiveram pouco com que se alimentar. Quase todos os homens aptos deixaram os seus esconderijos e aguarda-se que «como já não têm comida, tragam também as mulheres».

O maior grupo de refugiados compreende pessoas que viveram na área em que se travou a maior parte do combate, estando completamente destituídos de todos os seus bens, têm falta de dinheiro e nem sequer dispõem de sementes para a próxima cultura.

«As próprias equipas da Cruz Vermelha da Nigéria e outras equipas, como o fundo «salva as crianças» e a Cruz Vermelha da Austrália, que trabalham sob os seus auspícios, estão a fazer o melhor que lhes é possível, mas isso é insuficiente para fazer face à situação».

«Avalia-se que cerca de um milhão de pessoas necessite de assistência de vários graus» — conclui o relatório.



RENDIÇÃO COM SORRISOS — O general Gowon e o general Effiong cumprimentam-se, no meio de sorrisos, logo após a queda de Biafra. «Biafra deixou de existir», disse o vencedor. «Somos nigerianos leais», respondeu o vencido

LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Reunidos em assembleia geral, os encarregados de educação dos alunos do Liceu Padre António Vieira elegeram os corpos gerentes da futura associação das famílias.

A reunião decorreu no gl-

násio daquele liceu e foi presidida pelo respectivo reitor, dr. António Araújo Howorth. Os corpos directivos ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL — Dr. António Howorth, eng.º Armando Palma Carlos, ar-

quitesta D. Maria Cecília Sena Rego e prof.ª D. Maria Ivone Freitas Leal.

DIRECÇÃO — Eng.º agrónomo Fernando Santos e Castro, dr. Fernando Moreira Ribeiro, D. Lucília Pinto Casquilho, eng.º Luís Artur Al-

meida d'Eça, Francisco de Souto e eng.º agrónomo José Manuel Frago de Almeida.

CONSELHO FISCAL — Dr. Armando Nogueira, eng.º António Luís Gomes e D. Domingos de Alarcão Telles da Gama.



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

EMPRESA HOLDING NACIONAL, ASSOCIADA A UM GRUPO DE EMPRESAS,
P R O C U R A
PARA A SUA SEDE, EM LISBOA

ACESSOR DA DIRECÇÃO

DIRECTAMENTE DEPENDENTE DA DIRECÇÃO GERAL

1. ATRIBUIÇÕES PRINCIPAIS

- 1.1. Superintender nos Serviços Administrativos da Sede
- 1.2. Orientar a elaboração e centralizar a recolha de dados quantitativos analíticos dos resultados e de pontos fundamentais da actividade das empresas do Grupo.
- 1.3. Orientar e coordenar os métodos e a acção do Controlador de Gestão e do Chefe da Contabilidade da Empresa.
- 1.4. Participar na avaliação de projectos de investimento.
- 1.5. Coadjuvar a Direcção nas relações públicas internas e externas.

2. CARACTERÍSTICAS DESEJÁVEIS

- 2.1. Experiência de organização do trabalho administrativo.
- 2.2. Bons conhecimentos de técnica de organização, nomeadamente de gestão orçamental.
- 2.3. Facilidade de adaptação ao trabalho de gabinete e à acção externa na projecção desse trabalho.
- 2.4. Facilidade de expressão e gosto pelo trabalho de equipa.
- 2.5. Idade compreendida entre os 35 e os 50 anos.

3. PODERÃO SER CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

Para além daquelas características:

- 3.1. Diplomado pelo ISCEF.
- 3.2. Facilidade em redigir textos normativos internos e exposições em português simples e fluente.
- 3.3. Conhecimentos de inglês e francês.

4. OFERECEMOS

- 4.1. Boas perspectivas de trabalho em equipa, ligado à orientação, à organização e ao desenvolvimento de um grupo diversificado de empresas.
- 4.2. Semana de cinco dias de trabalho.
- 4.3. Remuneração compatível com a competência do candidato e com a elevada responsabilidade do cargo.

5. PEDIMOS

- 5.1. «Curriculum vitae» com todas as referências julgadas úteis.
- 5.2. Indicação da remuneração mínima anual pretendida.

Favor enviar respostas para a NORMA — Av. 5 de Outubro, 122.
Rigorosa confidencialidade. Mencionar a Ref.º 135/DPA.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Angola os fuzileiros militares n.º 114604/67 António Vidal Rodrigues Gonçalves, natural de Coimbra, filho de António Rodrigues Gonçalves e de Irene Cruz Vidal; e o n.º 052714/67, José Jo-

quim Vicente Nobre, natural de Évora, filho de Ermelinda Pinho Nobre e Etelvina Maria Vicente Nobre. Na província de Moçambique o primeiro-cabo n.º 085283/67, Albino Mário Costa Alves, natural de Vila Cova (Barcelos), filho de Joaquim Bernardino Alves e Adelaide Gonçalves Costa, e o primeiro-cabo n.º 008349/69 Joaquim Ferreira, natural de Baão, filho de Manuel Ferreira e de Rosa da Conceição.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIAO ELECTRICA PORTUGUESA, para o estabelecimento, em Fogueiro, freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista a 6 kV com 92m de comprimento, parte aérea com 62 m e subterrânea com 30 m, do apoio n.º 52 da linha Laranjeiro-Seixal ao posto de transformação n.º 3-063 Cordoaria.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 19 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe GUILHERME MARTINS

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIAO ELECTRICA PORTUGUESA, para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma modificação da linha aérea a 30 kV derivado do apoio n.º 53 da linha Coima-Laranjeiro para o posto de transformação n.º 3-001 Fogueiro, sem alteração no comprimento, consistindo na supressão dos apoios n.º 1 e 2 e na montagem de um outro em sua substituição.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 21 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe GUILHERME MARTINS

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma modificação sem alteração no comprimento da linha dupla a 30 kV Coima-Laranjeiro entre os apoios n.º 53 e 55, com deslocação e substituição do apoio n.º 54 e montagem de um outro com o n.º 54-A para seccionamento de um dos termos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 22 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe GUILHERME MARTINS

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIAO ELECTRICA PORTUGUESA, para o estabelecimento na freguesia de Paio Pires, concelho de Seixal, de uma linha aérea a 30 kV com 389 m de comprimento do apoio n.º 38 da linha Coima-Sidénria ao posto de transformação dos Transportes Rodoviários-TRANSFEC.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 16 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe GUILHERME MARTINS



FERNANDO FRAZÃO

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Sua Família participa que amanhã, dia 28, às 19 horas, na Igreja de Santo António, à Sé, será celebrada Missa pelo seu Eterno Descanso, agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Também agradece por este meio, por impossibilidade de o fazer directamente, a quem lhe expressou o seu pesar e cujas moradas desconhece.



FERNANDO FRAZÃO

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

As Companhias de Seguros La Equitativa — Fundación Rosillo — Vida e Riscos Diversos — participam que amanhã, dia 28, às 19 horas, na Igreja de Santo António, à Sé, será celebrada Missa pelo Eterno Descanso do saudoso filho do seu querido Procurador e Delegado Geral, Ex.º Sr. António Frazão.

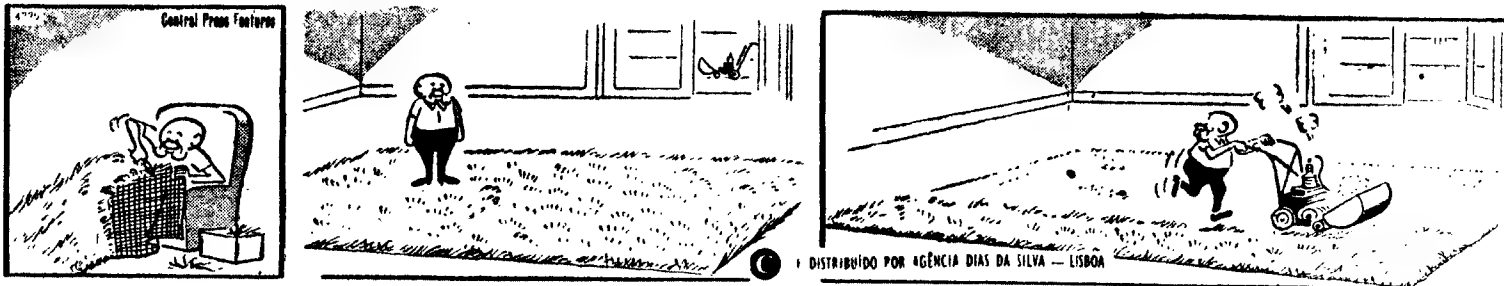
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

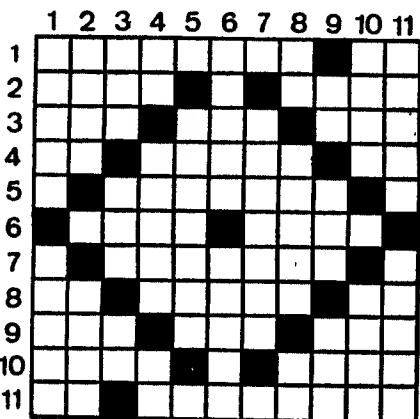
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5429

HORIZONTAIS: 1 — Móvel. Preposição. 2 — Estavas. Calosidade. 3 — General de Napoleão. Cabelos brancos. O mesmo que amio. 4 — Interjeição que exprime admiração. Oterecidade. Sufixo que designa estado. 5 — Ousadia. 6 — Vagueia. Cursos de água natural e abundante. 7 — Dera massagens a. 8 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Freguesia do concelho da Covilhã. Isolado. 9 — Chefe etíope. Pedra de altor. Saudáveis. 10 — Dança popular. Trituras. 11 — O sono das crianças. Nome de um mês.

VERTICAIS: 1 — Madeira. Iiha do arquipélago dos Açores. 2 — De cobre. Conjunção. Caiadura. 3 — Caminha. Heroína francesa que foi queimada viva (Inv.) Senhor. 4 — Artigo definido. Repouso. Preposição latina que designa movimento. 5 — Granjeira (ant). 6 — Encolerizada. Sembrante. 7 — Santa. 8 — Antes de Cristo. Cesta tpeida de esparto, onde se deita o azeite para espremer. Dois mil em romano. 9 — Em partes iguais. Tritura. Por baixo de. 10 — Espécie de capacete com viseira e crista. Tr para fora. 11 — Chinela de cordão. Tenho razões para

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



FUNDO DE TURISMO

EMPRÉSTIMO PARA FOMENTO DO TURISMO

2ª SÉRIE

EMIÇÃO
DE OBRIGAÇÕES

JURO

5 3/4%

DE 29 DE JANEIRO
A 5 DE FEVEREIRO

III
PLANO DE
FOMENTO

60 000 obrigações no valor nominal de 1 000\$00 para fomento do turismo. Dec.-Lei n.º 48 449 de 24-6-1968 e 49 017 de 22-5-1969.

Preço de subscrição: 1 000\$00.

— Vida máxima: 11 anos — Vida média: 7 anos (cerca de).

— Isenção dos impostos complementar, de capitais e de selo. — Taxa de juro líquido: 5 1/2 % (cerca de). — Pagamento dos juros: semestralmente a partir de 30 de Junho de 1970.

Amortização: Ao par, em 10 sorteios anuais, com início em 30 de Junho de 1972.

As obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros. A admissão à cotação das Bolsas será requerida até à data do pagamento do primeiro cupão. Subscrição pública, sujeita a rateio, de 29 de Janeiro a 5 de Fevereiro, nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme:

Caixa Geral de Depósitos
Montepio Geral
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America, Ltd.
Crédit Franco Portugais.
Crédito Predial Português
Almeida, Basto & Piombino & C.º
Augustine, Reis & Companhia
Pinto de Magalhães, Banqueiros



HOJE PODE VER...

O BOM GIGANTE:

«O CAMPEÃO»

Para os jovens espectadores há, pelas 19 e 45, a exibição de mais um episódio da série juvenil «O Bom Gigante», com Dennis Weaver, Clint Howard e Beth Brickell nos principais papéis.

II PROGRAMA

«O Barão», «Festivais de Espanha» e «TV Clube»

«O Labirinto», episódio da série «O Barão», a transmitir pelas 22 horas, o documentário «Festivais de Espanha» e ainda o «TV Clube» com os conjuntos musicais «Emotion» e «Bossa Jazz» preenchem a emissão do II Programa, «no ar» a partir das 21 e 30.

Realizado por Lou António, o episódio desta noite intitulado «O Campeão» conta «que um circo chega à cidade. O seu lutador, Tomado Turner, desafia qualquer homem ou animal e oferece cem dólares a quem o vença.

Ben, o urso domesticado, não se faz rogado, e prepara-se mesmo para lutar com Tomado Turner».



Karl Richter durante a gravação do seu recital para a TV Portuguesa

RECITAL DE ÓRGÃO POR KARL RICHTER

Herlander Peyroteo dirigiu a transmissão TV do Recital de Órgão por Karl Richter, realizado durante o 13.º Festival Gulbenkian de Música, na Sé Patriarcal.

KARL RICHTER

Karl Richter, um dos nomes mais destacados da vida

mundial alemã dos nossos dias, nasceu em 1926, em Plauen (Saxo). Pertenceu ao Kreuzchor de Dresden, de 1938 a 1943, e fez os seus estudos musicais em Leipzig, sob a orientação do professor Karl Straube. Em 1949 foi nomeado para o cargo de organista da Igreja de S. Tomás, daquela cidade e recebeu o Prémio Internacional Bach. Dois anos mais tarde, passava a exercer, em Munique, as funções de professor da Conservatório Superior de Música, organista da Igreja de São Marcos e director do Coro Bach. Desde então,

tem desenvolvido uma intensa actividade concertística, apresentando-se como organista, cravista, director de orquestra e de coros, nos Estados Unidos da América do Norte, U. R. S. S., Hungria, França, Holanda, Suíça, Itália, Escandinávia, Espanha, Brasil e Argentina.

Efectuou um grande número de gravações em disco para algumas das mais prestigiosas marcas da actualidade. De 1956 a 1964, organizou as semanas Bach de Aushach. Desde 1965 é director artístico do Festival Bach de Munique.

«Segredos do Mar»

O rápido crescimento no tráfego de navios-tanques criou este problema: o efeito acumulado de cada vez maiores quantidades de petróleo no serem descarregadas no mar. A poluição tornou-se, por

isso, motivo de preocupação mundial.

É este o tema tratado hoje pelo dr. Helder Mendes, no seu programa «Segredos do Mar».



Dean Martin



Jerry Lewis

NOITE DE CINEMA

«Eles no Colégio»

Para a «Noite de Cinema» de hoje está programado o filme «Eles no Colégio» (That's My Boy), com Dean Martin, Jerry Lewis e Eddie Maychoff.

«Um artigo campeão desportivo deseja que o seu débil filho siga os seus triunfos...»

O GRUPO 4 ORFEÃO DE VISEU NO TIVOLI

O Grupo 4 dá hoje, amanhã e depois os últimos espectáculos no Tivoli (sessões às 18 e 30) com a peça «Amanhã digo-te por música», de James Saunders. São definitivamente as representações finais deste original que José Palla e Camilo trouziram para o jovem agrupamento.

No elenco, três fundadores do Grupo 4 — João Lourenço, Moraes e Castro e Rui Mendes — alternam com Fernando Gusmão e com a estreante Luísa Selgueiro. Gusmão encenou, assistido por Irene Cruz.

Em assembleia geral, presidida pelo professor Reinaldo Correia de Almeida, foram eleitos os novos gerentes do «Orfeão de Viseu».

O presidente da Assembleia Geral foi reeleito; o antigo presidente da direcção passou para vice-presidente da Assembleia Geral, que tem como secretários, os srs. António Gonçalves e Celestino de Almeida Soares; para presidente da direcção passou o sr. Fernando Rodrigues de Abreu e Francisco Jerónimo, para vice-presidente; Fernando de Jesus Loureiro, tesoureiro; e Carlos de Vasconcelos Costa e Maurício Alves de Figueiredo, secretários.

canal da crítica

ENTRE O TELETEATRO E O TELECINEMA

Uma comédia. Russa. De Katayev. Realizada na Alemanha, em versão livre. Até onde foi a liberdade do adaptador? Eis a incógnita. A adaptação alongou-se por 90 minutos de televisão. É a pecha dos autores de «vandeilles»: falam muito, acham muita graça ao que eles próprios dizem e vão andando, vão andando...

O vaudevilhismo de Katayev não parece sacrificar-se ao puro divertimento, à vertigem desencontrada das situações. Tem objectivos de crítica social, crítica essa que assume aspectos por vezes de enorme dureza para algumas faces da sociedade soviética.

O problema da falta de habitação e o da distribuição das mesmas em precárias condições ao nível da caricatura, as relações amorosas entre os jovens e a vacuidade de algumas das suas ocupações e preferências, o desejo avassalador de determinados objectivos, característico de uma sociedade de consumo — eis alguns alvos das setas afiadas de Katayev. Evidentemente, repete-se, é muito difícil saber onde acaba a responsabilidade de Katayev e onde principia a do adaptador alemão.

Quanto à realização, que diremos de «Os Tempos do Amor»? E em que género classificaremos a emissão de ontem?

Entre a televisão e o teatro quatro formas de convivência são possíveis:

- 1 — A TV transmite directamente uma peça que se desenvolve em pleno palco;
- 2 — Uma peça, feita para o palco, é transmitida directamente do estúdio;
- 3 — A uma peça, feita para o palco, é dado um tratamento televisivo;
- 4 — A uma peça criada propositalmente para a TV.

«Os Tempos do Amor» é o exemplo de uma peça adaptada à televisão. E a adaptação foi executada com mão de mestre. Repare-se que só na aparência a emissão de ontem nos sugere um carácter cinematográfico. Os materiais utilizados podem ser os

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 15: Desenhos animados; 20 e 30: Recital de Órgão por Karl Richter; 20 e 55: Segredos do mar; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Noite de Cinema; 23 e 50: Marcha do Mundo; 24: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Série de Aventuras «O Barão»; 22 e 50: Festivais de Espanha; 23 e 05: TV Clube; 23 e 40: Fecho.

TELEVISORES MUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Infantil; 20: Conheço o Portugal Desconhecido; 20 e 20: Em Foco; 20 e 55: «Olho Vivo»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Noite de Teatro; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 20: Série do Oeste — «O Maioral»; 23 e 35: Fecho.

TUDOR

pilhas para transistores

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSION — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Notícias; 16 e 05: Consonetes por Eric Charden; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Carneiro da Costa; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Gráfica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares» original de Oliva Guerra; 21 e 05: Consonetes portugueses; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculos: Magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados por Lúcia Ribeiro; 22 e 50: Música, só música; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16 e 35: Quinteto em Sol Maior, op. 88 n.º 3, de Anton Reicha, pelo Quinteto Danzi; 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas da Obra de Cesar Franck; 18 e 30: Rádio Educativa «Auditorium Juvenil»; 19: Horizonte Literário, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto

Machado; 19 e 30: Música de câmara: Duo, op. 1, de Kodaly, para violino e violoncelo, por Jacopo Harelitz e Gregor Piatigorsky; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de Arco — Obras de Kreisler; 20 e 30: Música Coral Sinfónica, comentada por Maria Helena de Freitas; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — As 9 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e o Desporto; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ele e o seu mundo; 18 e 15: Momento Ixentel; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo acontecido; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Ele, cantam para si; 21 e 03: Terça-feira 6 nove; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Música tradicional e palestras religiosas; 23 e 22: Grande rádio; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 2 e 03: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismão.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 6 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa Noite em FM; 22 e 02: Programa à Go-Go; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 6: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ele e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Roballac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Noite dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Leitura; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Jazz; 22 e 30: Carrusel-3; 23: Notícias; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Rádio-nova; 18 e 05: Claque; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Aguarda mexicana; 21 e 15: Orquestras famosas; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Conta Sérgio Endrigo; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 22.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamados musicais; 22: Auditório; 23: 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22; Rádio Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.

(Continua na pág. seguinte)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COMPRA A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos-de-ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

RENDIMENTO DE 6 A 10% GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, A ESCOLHA DO CLIENTE.

190 contos rendem-lhe 1187\$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

achado um tanto monótona a emissão de ontem. Não será chegada a altura de se começar a criar em Portugal uma «companhia» de actores de televisão? A realização de ontem ensinaria muito a quem quisesse aprender.

MOMENTO DESPORTIVO

O eng.º Chaves Rosa, dos «Belenenses», vem ao «Momento Desportivo» fazer profissão de fé no amor da juventude pelo desporto. O clube de Belém abre as portas de par em par à juventude. Agora, a falta que mais se faz sentir é a de um pavilhão gimnodesportivo polivalente, mas isso também há-de vir.

Não é a primeira vez que

auscultamos este entusiasmo nos iniciados, nos missionários. Depois... depois são as dificuldades... as desilusões... o ar rarefeito... os obstáculos intransponíveis... a recusa... o silêncio... a fuga como uma libertação... o esquecimento como uma dadiça. Oxalá com o eng.º Rosa tudo se modifique. De salientar a insistência com que o entrevistador pretendeu levar o dirigente belenense para um ataque frontal à organização do Tómbola. O ataque, com utilização da «Bomba II TV», iniciou-se no sábado com a charla de João Coito que propôs se constituísse o Tómbola em empresa pública.

A entrevista capaz igualmente de nos fazer meditar na estranha máquina que é o Desporto no nosso País (cabeça monstruosa num cor-

po tão pequeno...) veio-nos do Porto. Falou Mário Silva, ciclista do quadro do Futebol Clube do Porto que abandonou o seu clube de há 11 anos para se colocar em Lourenço Marques. Motivo: proferiram-lhe condições inferiores às dos seus colegas. Porquê?

Mário Silva queixa-se. Queriam tratá-lo como a um «popular», a ele, vencedor da Volta a Portugal, a ele profissional consciente dos seus direitos. Porque o era, falava. Falava em seu nome e no nome dos seus colegas, por todas as razões e porque aquela era a sua profissão, tinha mulher e filho a sustentar. Falava muito, e por isso até lhe chamavam «revolucionário». Não, ele não podia concordar com aqueles que diziam que «os ciclistas só devem carregar nos pedais...»

(Este e outros problemas levantam a necessidade da criação de um sindicato que integrasse não apenas os futebolistas, mas todos os desportistas profissionais).

Mário Silva: mais uma aventura desportiva que chega ao fim. Aparentemente sem amargura. Aparentemente sem desespero. Mas que destino aguarda quem passou os melhores anos da sua vida a marcar estrada elástica em cima de uma bicicleta?

MÁRIO CASTRIM

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DO CONCELHO DA NAZARÉ

— Os Serviços Municipalizados de Água, Electricidade e Transportes Colectivos da Câmara Municipal da Nazaré tornam público que recebem propostas em carta fechada e lacrada, até às 16 horas do dia 13 de Fevereiro de 1970, para fornecimento de uma viatura tipo misto para serviço de transporte de material e de 8 passageiros, excluindo o motorista, e equipado com motor Diesel, dando em troca um outro veículo usado de marca AUSTIN J 4 MID, de características semelhantes às descritas.

— As condições do concurso podem ser examinadas na Secretaria dos Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, ou serem fornecidas a quem as requisitar, contra o pagamento de 10\$00 (Dez escudos).

— A abertura das propostas terá lugar no dia e hora acima referidas.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Concelho da Nazaré, 23 de Janeiro de 1970.

O presidente do Conselho Administrativo,
GUILHERME RAMOS

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Auto Portuguesa, Lda.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 50-A
Telefs. 5 40 26 - 4 74 96

LISBOA

VENDE

- FIAT 600 D — 1963-65
- » 1500
- » 1800 B
- » 2300
- » 850 COUPE
- » 1100
- ALFA ROMEO GIULIA 1600 TI
- ALFA ROMEO JULIETA AUSTIN 1100
- V.W. 1200
- RENAULT R-16
- PEUGEOT 404
- MG 1100
- DKW 1000 SP COUPE
- TAUNUS 17-M S
- FORD MUSTANG — 1967
- FIAT 124
- NSU PRINZ III
- RAMBLER DESCAPOTÁVEL
- OPEL 1700
- OPEL REKORD

FURGONETAS

- V.W. — 9 lugares
- RENAULT 4 L — 63-64
- RENAULT 4 F
- TAUNUS utilitária
- AUSTIN 850
- PEUGEOT 203

Temos mais unidades todas as revistas nas n.º oficinas

GRANDES FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTOS

Menor desaparecido

AVEIRO, 27 — Desapareceu, no dia, 11 da casa dos seus pais, no lugar do Olho de Água — Esqueira, o menor de 14 anos, Manuel António Dias dos Santos, filho do sr. José Dias dos Santos Noivo e da sr.ª D. Maria de Jesus Almeida. Vestia camisa verde, de lã, e calças cinzentas às riscas. Tinha as botas de borracha e o cabelo louro-escuro. Qualquer informação sobre o seu paradeiro pode ser comunicada aos pais, afilhados, que agradecem.



Manuel A. A. Dias dos Santos

TAUROMAQUIA

«Monumental» de Luanda

LUANDA, 27 — (L.) — O cavaleiro Varela Cid triunfou na primeira corrida da época tauromáquia de Luanda, ouvindo uma das maiores ovações registadas até hoje na «Monumental» desta cidade quando, a pedido do público, cravou um magnífico «curto».

José Júlio esteve bem, especialmente no segundo touro. Antonete revelou-se esforçado mas o terreno não ajudou a lide, devido às copiosas chuvas caídas esta madrugada.

Os forcados estiveram em bom plano, realizando duas valentes pegas.

NOVOS COMPUTADORES HEWLETT-PACKARD

A técnica de medidas electrónicas determinou, em muitos aspectos, os limites do actual progresso tecnológico e científico. Por sua vez, a contribuição da fábrica Hewlett-Packard no campo da aparelhagem electrónica de medida e de laboratório tem atingido notável plano, com a enorme expansão das suas múltiplas aplicações.

Com a mais sólida reputação de vanguarda nos meios internacionais da electrónica profissional no panorama actual da evolução tecnológica, a H. P. foi a primeira companhia a resolver o problema da adaptação, quando, há dois anos, enveredou, decididamente, no campo dos computadores, para provar a instrumentação que combina, simultaneamente, a aquisição de dados de medida com o seu processamento. Os computadores H. P., ainda que de uso geral, dispõem da capacidade especial de trabalhar com instrumentos de medida, fáceis e rapidamente, tanto para a interpretação das leituras como para o «controlo» das operações. Saliente-se que os computadores projectados especificamente para o processamento de medidas electrónicas são mais eficientes que os computadores de uso geral, que necessitam de laboriosa adaptação a este serviço.

A Telectra — Empresa Técnica de Equipamentos Electrónicos — S. A. R. L., como representante em Portugal de Hewlett-Packard, está a promover, em colaboração com esta companhia, sessões de apresentação dos computadores que fazem parte da linha de «Data Products». Uma das

sessões realizou-se ontem à tarde, tendo sido convidados os representantes dos órgãos da Informação, recebidos pelos srs. eng.ºs Vaz Pinto, administrador da Telectra, e António Neves, do departamento técnico da empresa.

Foram apresentados dois modelos da linha de computadores H. P.: O 2116B, o modelo mais representativo, por ser o de maior capacidade e por constituir o CPU nos sistemas em «Tempo Real» e «Time Sharing» da Hewlett-Packard; e o 2114A modelo mais simplificado e também de preço mais reduzido. Qualquer dos modelos é de uso geral e pode adaptar-se a um grande número de aplicações. Estes computadores podem funcionar em ambientes com temperaturas de 0 a 50º C e humidade relativa de 95% a 40%.

O modelo 2116B tem uma memória central de núcleos magnéticos de 8192 palavras de 16 bits com possibilidade de expansão para 32.000 palavras. A sua capacidade pode ser aumentada de um milhão de palavras com a utilização de memórias de disco. No «software» fornecido com estes computadores, incluem-se compiladores de Fortran, Algol e Basic (conversacional), além do Assembler.

Entre as aplicações possíveis deste tipo de computadores, incluem-se o ensino, oceanografia, ensaio de produção, navegação, comunicações, distribuição de energia eléctrica, sistemas de aquisição de dados e sistemas auxiliares de grandes computadores.

Mensagem do Patriarca Athenágoras para o Centro Ecuménico de Reconciliação da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 27 — Nesta cidade estão a decorrer as cerimónias e estudos da «Semana de Oração pela Unidade Cristã», promovidas pelos melhores anos da sua vida a marcar estrada elástica em cima de uma bicicleta?

Na sessão realizaria no Grémio do Comércio, o Metropolita

Emiliano apresentou à assembleia uma saudação especial do Patriarca Ecuménico Athenágoras, saudação dirigida àquela assembleia e a todos os cristãos portugueses.

Essa saudação é a seguinte:

«Durante a visita do meu representante, o Metropolita Emiliano, encontrar-me-ei unido em oração convosco. Agora, que o Amor expulsou o frio que separava as nossas Igrejas, é com particular alegria que eu vos saúdo. Muito gostaria de poder abraçar pessoalmente neste momento, todos os membros do Centro Ecuménico de Reconciliação e os participantes nesta «Semana de Oração pela Unidade Cristã».

Antes das suas divisões, as Igrejas compartilhavam os seus tesouros. Que esta atitude seja de novo assumida. O Inverno e os tempos difíceis são passados. Já entramos no período do Verão. O nosso clima é quente. É necessário aquecê-lo ainda mais por meio de encontros tão significativos como este. — Athenágoras, Patriarca Ecuménico».

O Metropolita Emiliano em Lisboa

Vindo de Coimbra e da Figueira da Foz chega hoje a Lisboa, o Metropolita Emiliano, que vem fazer uma palestra do Lisbon Unity Group. Amanhã à noite, no salão paroquial de Santa Isabel, às

21 horas, o Metropolita Emiliano dirigirá um enquérito sobre «Ecumenismo e Ortodoxia».

CURSOS DE FRANCÊS NO LICEU

CHARLES LEPIERRE

O Liceu Francês Charles Lepierre organiza cursos de Língua e Civilização Francesas destinados a funcionários e a adolescentes ou adultos que desejem aprender francês ou melhorar os seus conhecimentos.

Para adolescentes, o Liceu organiza, a partir de 12 de Fevereiro, cursos audiovisuais (com sessões no laboratório de línguas), a um ritmo de cinco sessões por semana, das 17 às 19 horas ou das 19 às 20 e 30 horas, o que lhes permitirá adquirir em 16 semanas uma boa prática da língua francesa.

Os estudantes que já possuem conhecimentos de francês serão, mediante testes, orientados para as classes que correspondam ao seu nível.

Podem, gratuitamente, assistir às sessões cinematográficas que o Liceu organiza semanalmente para os seus alunos e respectivos pais e candidatar-se — quando na 6.ª ou 7.ª classes — à obtenção de uma bolsa de estudo em Pau (França), durante os meses de Julho ou Agosto.

TRADUZIU-SE EM MAIS DE 300 000 CONTOS A ACÇÃO FINANCIADORA DO FUNDO DE TURISMO

Traduziu-se no volume global de 321 633 830\$00, dos quais 27 470 830\$00 foram investimentos não reembolsáveis, a acção financiadora do Fundo de Turismo, no decorrer do ano económico de 1969. Com respeito aos financiamentos não reembolsáveis, estes foram destinados ao fomento da promoção turística (26 738 830\$00), bem como, entre outras coisas, ao beneficiamento dos locais de interesse turístico (732 000\$00).

O fomento da indústria hoteleira e similares (291 617 000\$00), bem como outras realizações de atracção turística (2 546 000\$00),

constituíram os financiamentos reembolsáveis. Também neste sector se incluem as modalidades de empréstimo directamente mutuado (166 617 000\$00), com suporte nas receitas ordinárias do fundo e na emissão de um empréstimo por obrigações e de prestações de fiança a empréstimos concedidos através da Caixa Geral dos Depósitos (12 500 000\$00).

Com uma verba da ordem dos 4000 contos foi dotado o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, sendo assegurada a utilização para melhoramentos, nas zonas de jogo, da importância de 2403 contos.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TONY, «anjo da guarda»
de JOÃO NOGUEIRA:

«LIMITEI-ME A AJUDAR UM HOMEM EM PERIGO»



Nos lamentáveis acontecimentos que marcaram indesejavelmente a tarde desportiva de domingo último no Estádio da Luz, algo se verificou de positivo. Antítese da fúria destrutiva. Expressão aliciante de um esquecer de agravos. Consciência humanitária. Sem pensar. De impulso. Bela.

Referimo-nos a Toni e ao seu gesto instintivo de protecção. Falámos com ele. Para ouvir e registar. Para transmitir.

Quando me apercebi da invasão do campo, olhei para o juiz da partida e vi-o de costas, absolutamente alheado do que ocorria nesse mesmo instante e o visava especialmente. Pensei que ele precisava urgentemente de ajuda...

O jovem médio benfiquista sorri e acrescenta:

— Foi só o que pensei. A partir daí acabaram-se os pensamentos. Todos os meus gestos seguintes foram instintivos. «Vi-me» a fazer. Só isso...

Interrogando-se:

— E, afinal, que fiz eu?... O que qualquer um faria nas mesmas circunstâncias. Limitei-me a ajudar um homem em perigo. O mesmo fez um jogador do Belenenses, não sei se Estêvão se Saporiatti.

Afirmativo:
— Não! Posso garantir que ninguém tocou no sr. João Nogueira. Quando me apercebi da multidão — não seria uma multidão,

Amanhã BELENENSES- SPORTING (RESERVAS)

A contar para a Taça «Isaac Sequerra», realiza-se amanhã, no Estádio do Restelo (com início às 21 e 45) o jogo entre as «reservas» do Sporting e do Belenenses.

Entretanto, está marcado para as 20 horas, no mesmo estádio, um encontro entre a «reserva» do Benfica e uma selecção de juniores. No entanto, esta partida só se realizará se as condições do tempo forem favoráveis.

note, mas parecia — corri para ele e gritei-lhe: «Fuja!». Ele hesitou, momentaneamente indeciso entre fugir e não fugir. Impeli-o pelos ombros e auxilié-o a aumentar a velocidade da corrida. Ninguém lhe tocou. Só o larguei à entrada do túnel. Penso que se terá magoado quando saltou. Ia muito lançado.

Respondendo a uma pergunta:

O RELATÓRIO DO ÁRBITRO É APRECIADO AMANHÃ

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol que já está em poder do extenso relatório do árbitro João Nogueira que no passado domingo dirigiu o acidentado encontro Benfica-Belenenses.

A apreciação do relatório inicia-se amanhã, às 16 horas.

— Quem pode pensar em agravos ou prejuízos numa altura daquelas?... Creio que ninguém. Num momento de crise, ao ver-se alguém em risco eminente...

28.º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA AMADORA

A Associação Académica da Amadora comemorou, ontem, com uma sessão solene, a passagem do 28.º aniversário da sua fundação. Presidiu o sr. Artur Martinho Simões, ladeado pelas sras. D. Maria Rosa Temudo Vasconcelos Dias e D. Maria Fernanda Neto, e pelos srs. António Julião Levezinho, José Amaro e A. Pombo. Após a palestra proferida pelo professor de ginástica Dâmaso Rodrigues que falou sobre «Problemas desportivos», foram distinguidos 27 associados, com vinte e cinco anos de filiação e entregues medalhas a atletas campeões de várias modalidades desportivas.

interessa é ajudar, prestar auxílio. É uma reacção humana, que se sobrepõe naturalmente a tudo o mais!

Opinando:
— Evidentemente que lamentamento a atitude assumida pelos intervenientes no caso. Refiro-me à parte do público que se deixou exaltar em demasia. Toda a gente diz que errar é próprio dos homens, e deviam

Mas aconteceu. Oxalá que tenha sido uma vez sem exemplo...

Andebol, um desporto para todos (5)

A PROPÓSITO DA TAÇA LATINA

Lisboa, com uma população superior a um milhão de habitantes e com um crescente número de praticantes de desporto, ainda não possui um Pavilhão de Desportos, à altura da sua projecção, como grande cidade cosmopolita.

O actual pavilhão do Parque Eduardo VII, a que trónicamente chamam de desportos, serviu para remediar e mesmo assim, a sua cedência pela Câmara Municipal de Lisboa, nunca foi feita em condições aceitáveis para os desportos «nobres» a que têmham apelar de «pobres».

Este recinto é há muito insuficiente, pois já não reúne o mínimo de condições para as exigências da época.

Acreditamos que a Câmara Municipal de Lisboa a que preside um homem que muito tem feito pelo desporto, juntamente com a Direcção-Geral dos Desportos e o Fundo de Fomento Desportivo, se debrucem sobre o assunto e que resolvam esta necessidade imperiosa.

Não seria uma boa aplicação dos dinheiros do Totobola destinado ao desporto?

L. Ginásio e Técnico vencedores dos jogos para o «Regional»

A contar para a 4.ª jornada do Campeonato de Lisboa, em seniores, realizaram-se ontem à noite dois encontros.

Na Escola Nuno Gonçalves, o L. Ginásio venceu o Externato de Moscavide por 3-1 (15/6; 15/12; 10/15; 15/12), as equipas alinharam:

L. GINÁSIO — Fernando Simões, Eduardo Sousa, Caçal Ribeiro, Rodrigo Carvalho, Joaquim Azevedo, José Sales, António Ribeiro, João Preto e Marques Pereira.

MOSCAVIDE — Carlos Brilhante, João Ruivinho, Fernando Riça, Carlos Félix, Hélder Silva, José Fernando e Pedro Carrapito.

Árbitro: Alfredo Silva.
Bom começo dos ginastas, que pareciam ir alcançar um fácil triunfo. No entanto, os jogadores de Moscavide nunca se deram por vencidos, foram equilibrando o encontro

e oferecendo excelente réplica.

O maior poder dos vencedores acabou, não obstante, por impor-se, permitindo-lhes um justo triunfo.

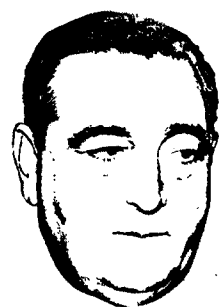
No ginásio do Técnico, a equipa da casa venceu o Sintrense por 3-0 (15/1; 15/8; 15/5).

Sob a direcção de Almeida Tavares e Fernando Alves, as equipas apresentaram:

TÉCNICO — André Mendes, João Carlos, Pinto Coelho, Costa Reis, Raul Carregoso, Luís Briz, Elbio Franco, José Coelho e Cunha Pereira.

SINTRENSE — José Manuel, Joaquim Silva, João Estrela, António Damião, Lyon de Castro, Angelo Silva, Rui Marcelino e António Rocha.

Vitória fácil dos «engenheiros» num encontro que não teve história tal como o próprio resultado indica.



por MATOS MOURA

no estrangeiro. Bons hotéis, boa alimentação e cuidados especiais na recepção.

A nossa tão reclamada hospitalidade vai ser posta à prova e eu sinceramente desejo que ela saia prestigiada.

Não é necessário ser-se rico para se ser fidalgo e eu creio que se impõe que as equipas que nos visitam sejam recebidas fidalgamente, que no fundo será uma retribuição daquilo que nos fazem lá fora, quando lá vamos competir.

Estou convicto que a nossa Federação fará todos os esforços para cumprir a sua missão, mas se lhe faltarem condições, lá irão por água abaixo, as suas boas intenções.

A direcção da Federação trabalha afanosamente para que nada seja descuidado. Os responsáveis pela parte técnica têm ainda mais de mês e meio para limar as últimas arestas da que será a nossa selecção que todos temos obrigação de aplaudir e acarinhar, para que ela nos possa dar a satisfação que todos ambicionamos. Uma vitória tão apetecida que nos encheria de orgulho.

Os responsáveis têm de cuidar os pormenores de todos os detalhes, em quanto é tempo e não guardarem para a última hora, em que já não há soluções possíveis.

Tem o conhecimento de alguns casos, que não têm tido a solução mais apropriada e conveniente. A selecção é uma constante, não se pode nem deve esquecer.

Vamos aproveitar o tempo que falta para acertar as agulhas e trabalhar afinadamente, para não haver depois... desculpas sem nexo.



Andebol feminino. Elas já jogam assim...

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O PORTIMONENSE VENCEU (1-0)

O TRAMAGAL

Em Portimão, no jogo que contava para o «Nacional» da 2.ª Divisão e fora adiado, o grupo local bateu o Tramagal por 1-0.

As equipas formaram:
PORTIMONENSE — Daniel, Jacinto, Marujo, Hélio e Celestino; Évora e Ramos; António Luís, Lecas, Mateus e Pacheco.

TRAMAGAL — Bonito; Mateus, Rui, Nelson e Armindo I; Armindo II e Baptista; Cateto, Vítor Gomes, Cunha e Mendes.

Árbitro: Ismael Baltasar (Setúbal).

Golo de Pacheco, aos 29 minutos do 2.º tempo.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AUTOMOBILISMO

PRIMEIRA OFENSIVA PORSCHE NAS 24 HORAS DE DAYTONA

• SIFFERT, REDMAN, RODRIGUEZ E O FINLANDÊS KINNUNEN RESPONSÁVEIS PELOS NOVOS «917»

Os Gulf-Porsches 917, capazes de atingir a velocidade horária de 260 km, vão correr pela primeira vez, no sábado, nas 24 Horas de Daytona, tripulados por Jo Siffert, Brian Redman, Pedro Rodriguez e Leo Kinnunen, pilotos da J. W. Automotive Engineering.

Os Gulf-Porsches foram especialmente modificados na sequência de testes realizados pela Porsche e pela equipa de John Wyer no Circuito da Austrália, em Outubro. Na corrida inaugural da época de campeonatos de 1970, em Daytona, os Gulf-Porsches utilizarão asas de estabilização mais pequenas do que as que se utilizaram em 1969. As longas asas foram substituídas por uma única secção de estabilização, simples mas muito eficaz, na linha dos Gulf-Mirage.

Os Porsches de 4,5 litros e 12 cilindros, com arrefecimento por turbinas, serão neobastecidos de hora a hora e a equipa Wyer tem programadas 22 paragens para esse efeito para cada carro. Da equipa de mecânicos Wyer especializada nestas corridas de longa distância, exige-se actuação relâmpago. No fim da época passada foi atribuído a John Wyer o troféu Roddick pela sua equipa, que culminaram com duas vitórias consecutivas nas 24 horas de Le Mans com o mesmo Ford GT 40.

Siffert, de 33 anos, e Redman, de 32, conquistaram para a Porsche, na última época, o Campeonato Mundial de Marcas e serão, em 1970, os responsáveis por um Gulf-Porsche.

Pedro Rodriguez, de 29 anos, foi um dos pilotos do Ford GT 40 vencedor de Le Mans em 1968 mas, para Leo Kinnunen, de 26 anos, o «Finlandês Voador», esta será a primeira época de corridas internacionais.

A corrida das 24 horas de Daytona, disputada num circuito que inclui uma zona própria para altas velocidades e outra cheia de curvas, foi vencida no ano passado por Mark Donohue e Chuck Parsons num Lola de 5 litros apesar de terem perdido duas horas nas «boxes». Problemas mecânicos perturbaram os dois corredores. Jo Siffert estabeleceu novo recorde de volta percorrendo o circuito de 6 quilómetros em 1 m. 54 s. (192,504 km/h.) num Porsche 908 de 3 litros. A média do vencedor foi de 168,88 km/h., inferior à média recorde estabelecida em 1966 por Ken Miles e Lloyd Ruby, em Ford Mk 2 de 7 litros em 172 km/h.

O piloto suíço Jo Siffert, de 33 anos, pode considerar-se um dos mais velozes do Mundo. Na sua estação de serviço Gulf de Friburgo (perto de Berna), Jo vende Porsches e planeia o seu sobrecarregado programa de corridas para 1970 que inclui um Grande Prémio em Março, as corridas para carros de desporto do troféu CanAm, com um Porsche, na

América do Norte, e um contrato com a J. E. Automotive Engineering para as corridas do Campeonato de provas de longa distância de 1970 com os Gulf-Porsche 917.

Jo começou a correr com um objectivo fundamental — comprar uma moto Gilera de 125 c.c. em 1957. A sua vontade de ter êxito foi recompensada e, em 1959, era campeão da Suíça numa 350 e classificava-se em terceiro lugar no Campeonato Mundial de «side-car». Com o dinheiro que ganhou nas corridas de motos comprou um Lotus 18 em 1960 mas vendeu-o em 1961 para comprar um modelo mais moderno — o Lotus 20. Os seus carros eram pintados de vermelho com uma lista branca e Jo usa um capacete vermelho com a cruz branca suíça na frente.

O degrau seguinte na escada da sua carreira de corredor foi a entrada na Fórmula 1, correndo com o seu próprio carro até assinar um contrato com o «team» de Bob Walker que pressentiu no suíço o talento, a determinação e a chama necessária para vencer corridas de Grandes Prémios. No Grande Prémio de Siracusa, em Abril de 1965, Siffert manteve grande luta com Jim Clark e John Surtees tendo comandado desde a 36.ª até à 45.ª volta, quando o motor se avariou. Esperou pela corrida de Enna, nesse mesmo ano, e bateu então Jim Clark em toda a linha.

Quando se verificou a alteração da fórmula, em 1966, Rob Walker tinha limitações na escolha das suas máquinas e decidiu-se pelo Cooper-Maseratti de 3 litros, principalmente porque garantia

potência e confiança. Não era, contudo, tão rápido como se esperava.

Para 1968, Walker decidiu comprar a Siffert um carro verdadeiramente competitivo e adquiriu o Lotus-Ford 49 de Jim Clark logo a seguir à vitória no Grande Prémio da África do Sul. Mas na primeira volta dos treinos para a corrida dos Campeonatos em Brands Hatch, Jo sofreu um acidente e o carro ficou muito danificado. Um incêndio nessa noite, na oficina de Walker, onde estavam a ser aproveitados os destroços, destruiu completamente o equipamento técnico da equipa. Walker comprou para Siffert um Lotus-Ford em segunda mão, entendendo que ele precisava doutro carro para o Grande Prémio da Grã-Bretanha, em Brands Hatch. Jo combateu o seu azar na corrida anterior de Brands Hatch e venceu o Grande Prémio. Era a primeira vitória do piloto suíço numa corrida do Campeonato do Mundo de Condutores, e foi também a primeira vitória de Walker em Grandes Prémios desde a vitória de Stirling Moss sobre os Ferrari em Nurburgring, em 1961.

Na época passada, venceu seis das corridas internacionais de carros de desporto em Porsches e classificou-se em quarto lugar no troféu CanAm tripulando o seu Porsche 917 PA de 4,5 litros, em competição com os carros de motores americanos de 7 litros.

Siffert fala melhor o francês do que o inglês. Os seus passatempos quando tem tempo para se lhes dedicar — são o «ski», o hóquei no gelo e as corridas de «ski-bob».



O truque do guarda-redes

HUMOR
NO
DESPORTO

Tommy Docherty fracassou como técnico do Aston Villa

Depois do grande escândalo feito pelos sócios, após o encontro da passada semana, em que o Aston Villa foi derrotado em casa pelo Portsmouth por 3-5, os dirigentes do clube de Birmingham decidiram rescindir o contrato com o treinador Tommy Docherty e dispensar, também, os serviços do preparador físico Arthur Cox.

Tommy Docherty esteve treze meses ao serviço do Aston Villa e ainda há três semanas havia recebido um voto de confiança da Junta Directiva como reparação moral pelo descontentamento que os sócios do clube vinham manifestando pelo seu trabalho, por vezes até em termos desprimorosos para a sua dignidade profissional.

Quando Docherty assumiu a direcção do Aston Villa, depois de fracassadas as negociações que na altura vinha entabulando com o Atlético de Bilbao, aquele clube inglês encontrava-se no último lugar da classificação do campeonato da II Divisão.

Com a entrada de Docherty, o Aston Villa conseguiu uma série de vitórias que o reabilitaram. Pouco depois, porém, tudo voltou a correr mal e presentemente a equipa encontra-se na pior situação até hoje registada em noventa anos de história do clube.

De novo no último lugar da classificação, a derrota frente ao Portsmouth fez desencadear um autêntico escândalo por parte dos sócios, o qual veio a ditar a sua saída do clube.

O fracasso de Docherty foi tanto mais desastroso quanto é certo que obrigaria o clube a investir cerca de 25 mil libras esterlinas (dois mil e quinhentos contos) na aquisição de reforços, sem que os resultados tivessem sido compensados.

CULTURISMO

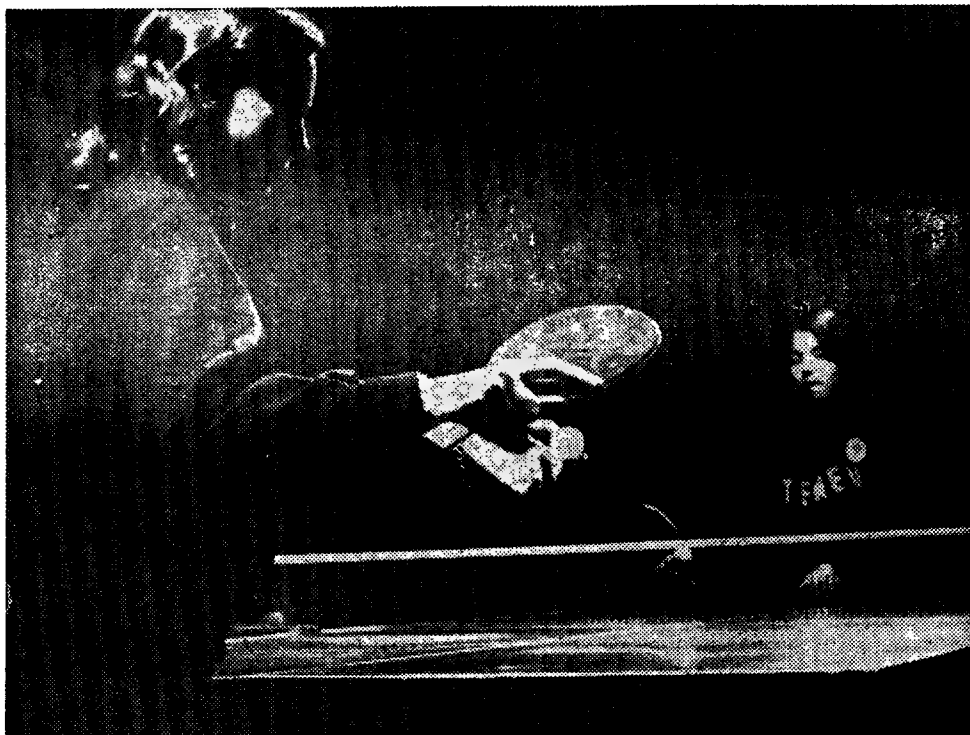
A força disse presente no «Critério Nacional»

Contrariando a ideia (errada) dos muitos que imaginam o culturismo como uma modalidade em que só a plástica interessa, as provas de força — e até de destreza — vão aparecendo ligadas às realizações culturistas propriamente ditas.

Assim aconteceu uma vez mais, agora no Ginásio Clube do Sul onde teve lugar o Critério Nacional de Culturismo (sector de levantamentos).

Para além dos progressos verificados em relação a alguns concorrentes, deve destacar-se a expressão qualitativa do Ginásio Clube do Sul na modalidade e a vitória que os seus atletas alcançaram em três das cinco categorias inscritas no Critério. As classificações foram as seguintes:

Plumas — 1.º, José Almeida (Ginásio do Sul), 412,5 quilos; Leves — 1.º, João Isidro (Ginásio do Sul), 460 quilos; Médios — 1.º, Vitor Jorge (Ginásio do Sul), 447,5 quilos; Meios-pesados — 1.º, João Macedo (Ginásio Heróules), 350 quilos; Pesados — 1.º, José Sotomayor (Lisboa Ginásio) 447,5 quilos.



O ténis de mesa é uma modalidade desportiva que procura progredir. No sector feminino conta o interessante jogo da bola de celulósio com muitas simpatias, que lhe granjeiam certamente maior numero de praticantes. Entretanto decorrem os campeonatos individuais e aqui temos uma interessante imagem do jogo entre uma representante do Ateneu e outra do Paço de Arcos

JUDO - EXPANSÃO QUE SURPREENDE

Credor de uma expansão surpreendente — atendendo, sobretudo, às características muito especiais de persistência e de calma julgadas pouco compatíveis com a foga da incerteza ao temperamento latino — o Judo continua a suscitar admiração... e actividade.

Em face do crescimento verificado, quer no número de praticantes, quer no de clubes filiados, os dirigentes ondossam os melhores esforços no sentido de uma actualização constante dos regulamentos, por forma a torná-los funcionais e compatíveis com a dimensão já atingida.

Assim, reunido sob a presidência do eng.º Prieta Caetano, o congresso da Federação Portuguesa de Judo apreciou as alterações a introduzir no regulamento interno, de acordo com o estudo realizado nesse sentido por uma comissão especialmente designada. Vários dos pontos discutidos e já definitivamente assentes dizem respeito a aspectos da arbitragem, de competições, de filiações e de hierarquia.

Estiveram presentes no congresso representantes do Grupo Desportivo do Liceu de Santarém, Judo Clube de Portugal, Clube Shell, Ginásio Clube Português, Associação Académica da Amadora e Centro Especial n.º 1 da Mocidade Portuguesa.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Leixões-Setúbal	X
U. Tomar-Braga	2
Boavista-Porto	X
C. U. F. Varzim	X
Académica-Benfica ...	2
Belenenses-Guim. ...	1
Penafiel-Gouveia	1
Vizela-B. Mar	2
T. Novas-Sanjoan. ...	2
A. Viseu-Famalicão ...	1
Luso-Farense	X
Sesimbra-Portimon. ...	X
Tramagal-Peniche ...	2

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — O FILHO DE SHANE — A V I S

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
ESTREIA

Um movimentado «western»
O FILHO DE SHANE
com Mike Marshall e Michele Girardon
Eastmancolor

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595

As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
EM 6.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL
em TODA-AO cor de Lux
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134

As 15.15 e 21.30
Technicolor — Techniscope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER

OS HOMENS
DE LAS VEGAS
com Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais e Roger Hanin

EDEN
(Adultos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.45
Uma história moderna
e provocante sobre o amor
e o sexo.

MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
c/ Susan George e Victor Henry

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.30
Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRTICO
com Rock Hudson, Ernest Borgnine e Patrick McGowan
Panavision - Metrocolor (70 mm)

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134

As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 3.ª SEMANA
TRES QUARTOS
EM NOVA IORQUE
com Annie Girardot

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933

As 21 horas
UM HOMEM PARA IVY
O ÚLTIMO MOIKANO

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) As 21 horas

O 41.ª
O GRANDE INDUSTRIAL

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131

As 15.30 e 21.30
Um filme gigante
em 2.ª semana

O OURO
DE MACKENNA

Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de ação numa
pallpitante aventura!

QUINZENA DE CINEMA
INGLES

Amanhã — Adultos — 18.30 h.
VIDA SOLITÁRIA, de Brian
Forbes, com Edith Evans
e Eric Portman
Dia 30: **O Despertar do Amor**
(Adultos)

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telet. 54153/4

Hoje às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA

THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)

(Oscar para o melhor realizador)
com Anne Bancroft, Dustin
Hoffman e Katharine Ross

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 2.ª SEMANA
Ingrid Bergman e Walter
Matthau

A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia
cinematográfica do ano!

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080

3.ª SEMANA
As 15.45 e 21.45
Technicolor
o regresso de Ingrid Bergman
que com Walter Matthau forma

A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia
cinematográfica do ano!
o par mais sensacional
do momento

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016

As 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Technicolor

A LOUCA
DE CHAILLOT

com Danny Kaye e Giselleta
Massina

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593

As 21.30
Um filme sensacional
de ação, violência
e sexualidade!

QUE IMPORTA MORRER
com Kirk Douglas e Sylvia
Koscina

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305

As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
Exito incomparável

Um filme de excepcional nível
em realismo dramático

A MORTE
DE UM PISTOLEIRO

com Richard Widmark e Lena
Horne

A trágica odisséia de um «che-
rife» vítima de uma revolta con-
tra ele...

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283

As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

UM VENDAVAL DE PAIXÕES
**PROVOCADAS PELA CONDE-
NAÇÃO DE UM GRANDE**
AMOR

MARIA ISABEL
com Silvia Pinal e José Suárez
A odisséia de uma jovem presa
ao segredo de um pecado de uma
amiga...

— EASTMANCOLOR —

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808

As 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis
Jr. e Ricardo Montalban
no super-espectáculo de Bob
Fosse em cinematocolor e techni-
color:

«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser
amada)

O filme selecionado para inaugu-
rar o Festival de Cannes de 1959

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095

As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
10.ª SEMANA

A espantosa comédia de
PIETRO GERMI

DIVÓRCIO
A ITALIANA

com Marcello Mastroianni

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743

As 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis
Jr. e Ricardo Montalban
no super-espectáculo de 1970, em
cinematocolor e technicolor

«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser
amada)

O filme escolhido para inaugu-
rar o Festival de Cannes em 1959

LIZ
(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas
O HOMEM DE KIEV
A PROCURA DO AMOR

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 522523-326710

As 15.15, 18.15 e 21.30

Um desafio aos seus nervos...
Uma aventura no topo do mundo

2.ª SEMANA
MISSÃO NO ÁRTICO

Panavision Metrocolor
com Rock Hudson, Ernest
Borgnine, Jim Brown
70 mm

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375

As 21.30
CINEMASCOPE

Um extraordinário filme de
espionagem de intensa ação

O COMISSÁRIO X
E AS 3 PÂNERAS
AZUIS

com Tony Kendall e Corny
Collins

CASINO
ESTORIL
(M. 17 anos)

As 21.30
O DIABO À SOLTA
c/ Yves Montand e Madeline
Renaud

GRANDE ÊXITO DA REVISTA «PEÇO A PALAVRA!»

De dia para dia mais se
acentua o êxito, obtido pela
alegre revista «Peço a Pal-
avra!», que os empresários
Giuseppe Bastos e Vasco
Morgado apresentam, todas as
noites, às 20 e 45 e às 23 ho-
ras, no Varietades.
A frente do elenco, estão
os artistas Aida Baptista,
Carlos Coelho, Eloísa, Spina,
Max, Anita Guerreiro, Vítor

Espadinha e Mariano Fran-
co, com a atracção nacional
António Calvário, um formo-
so grupo de «discípulos» e
um grande «baller» interna-
cional. Escrita por Paulo de
Fonseca, César de Oliveira e
Rogério Bracilha e música
da por João Nobre e Carlos
Dias, a revista «Peço a Pal-
avra!» é um espectáculo com
deslumbrante montagem e de

para alegria e com...
Muitos são os quadros e os
numeros que o público aplau-
de com entusiasmo. Entre os
numeros musicados de maior
agrado, destaca-se «Cheira a
Lisboa», uma linda canção, na
voz de Anita Guerreiro.
Se ainda não viu «Peço a
Palavra!», não perca a sua
oportunidade de se divertir
com um bom espectáculo.

FARMACIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

ALCANTARA — Proibidade, R. de
Alcantara, 15-A-8 (636589).

AJUDA — Lidia Almeida, Calça-
da da Ajuda, 170 (637318).

ALTO DO PINA — Eusil, R. Bo-
rdo Sabrosa, 104 (841912).

ALVALADE — Rainha Santa, Rua
At. Lopes Vieira, 57-B (765262)
* Alentejo, Av. da Igreja, 28-B
(712682).

ANJOS — Guerra, Rua Andrade,
32-36 (845518).

AREIRO — Belo, Av. de Roma,
53-A (776314) * Est. dos Uni-
dos, Av. Estados Unidos da
América, 16-B (725859) * Cen-
tral do Areiro, Av. Paris, 2-2 A
(720820).

AVENIDAS NOVAS — Santa Ma-
ria, Av. 5 de Outubro, 283-A
(763016) * Cordote, Lda., Av.
Visconde Vaimor, 28-A-8 e C
(772291) * Soldado, Av. Praia
da Vitória, 53-55 (43938).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO — R. Fialho
de Almeida, 38-A (44000).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO — Ascenso,
Rua 27, 41 (311216).

BAIXA — Frazão, R. das Pontes
de St. António, 72 (328180) *
Durão, R. Garrett, 90-92 (324166).

BENFICA — Marques, E. de Ben-
fica, 648 (700096) * Vitex,
Est. de Benfca, 373-B (780548)
* S. João, Est. da Luz, 124-A
(783179).

CAMPO DE OURIQUE — Condes-
tável, R. Coelho da Rocha, 11/9
(666206) * Almeida, R. Silva
Carvalho, 186 (681726).

CAMPOLIDE — Imparcial, R. Ge-
neral Taborda, 28 (689311) *
Rualte, Lda., Rua do Alto do
Corvalhão, 5-A e 5-B (651721).

CHARNECA — São Bartolomeu,
Vila Paulo Jorge, 1 — Golfinhei-
ros (790969).

CHILE — Lab. do Brasil, R. Al-
ves Torgo, 29-31 (46843).

CONDE BARÃO — Lys, R. do Es-
perança, 17-19 (660918).

CONDE REDONDO — Branco, Av.
Duque de Loulé, 61-65 (45048).

ESTRELA E LAPA — Gama, Calç.
do Estrela, 180 (660339).

PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte
Pacheco Pereira, 1-C (610741).

PENHA DE FRANÇA — Dimer,
Rua Conde de Monsaraz, 7-B
(842533).

PICHELEIRA — Bariz, Calç. da
Picheleira 140-B-C (702703 e
728395).

REGO — Prates & Mota, Rua do
Beneficência, 91 (737228).

SANTO AMARO — Santo Amaro,
Rua F. Elísio, 29 A-B (637070).

SÃO PAULO — Ultramarina, Rua
de S. Paulo, 0 (321771).

DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
Grilo, Rua do Grilo, 25 * Al-
ves de Carvalho, Rua do Vale
de St. António 7-9 (840125).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. An-
tônio dos Santos Jorge, 15 (Tel.
294100).

ALHOS VEDROS — Gusmão — R.
Cândido dos Reis, 30 (Telefone
244020).

ALMADA — Castro Rodrigues —
R. Capitão Leão, 21-A (Tel.
270076).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança
— Est. Nacional, 174 (Telefone
224302).

BARREIRO — Normal — Av. Al-
fredo da Silva, 11/6 (Tel. 2733035).

COVA DA PIEDADE — Castro Ro-
drigues — L. 5 de Outubro, 62
(Tel. 2701219).

MOITA — Silva Rocha — P. da
República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Moderna — R. Bu-
lhão Pato, 60 (Tel. 230156).

SEIMBRA — Lopes — R. Cân-
dido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — Higiene — R. Frei
Agostinho da Cruz (Tel. 22408);
Portugal — R. Candido Castelo
Branco (Tel. 28210).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja,
51 (Tel. 2218580).

VENDA NOVA — Nova — R. Elias
Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abreja
(Tel. 299088).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nilo — Aven.
Comb. G. Guerra, 64 (T. 212070).

CAXIAS — Nova — Rua Bernar-
dim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás
Rua Costa Pinto, 85 Telefone
2432034).

OEIRAS — Godinho — Rua Cân-
dido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PARADE — Brandão — Av. da
República, 77-C (Tel. 2471054).

ESTORIL — S. João — S. João do
Estoril (Tel. 261186).

MONTÉ ESTORIL — Suíça — Cru-
zeiro (Tel. 260087).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do
Regimento 19, 41 (Telefone
260141); Cascais — Rua Can-
de de Monte Real — Bairro Coi-
xas (Tel. 287437).

SERVIÇOS URGENTES

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas, 861353
* Companhias Reunidas, 537011
* Gazdila 538821 * Gazdi-
la idem e tenados 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222
Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviços de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 866141 * Judiciária,
535380 * Marítimo, 326456 *
Internacional, 362721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G.N.R.
(área rural), 36865

SAUDE — Cruz Vermelha, 865342
* Ent. e magem permanente,
766161 * Ent. e magem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * San-
que, 17169 * Transfusões, 108
* oxigenio, 538524 * Centro
de Int. e Toxicações (informal),
767777 761176 e 763450.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111
* Caminhos-de-ferro, (C. P.),
869029 * Caminhos-de-ferro
Estoril, 861121 * Estação flu-
vial (T. Paga), 325345 * Esta-
ção marítima de Alcântara,
663193 * Estação Marítima da
Rocha, 672445 * Estação flu-
vial (Belém), 638511.

BOM APETITE

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 530758

restaurante
aramelro
LISBOA
(Rest. Antares)
Trav. St. António, 21
PRÉMIO DO S. N. I.

RESTAURANTE
QUINTA DE
S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SÓSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42968

DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua, Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente pouco nublado, havia nevoeiro em algumas localidades e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 15,3; mínima: Penhas da Saúde, -4,6.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 2º; Faro, 5º; Funchal, 16º; Lisboa, 5º; Penhas Douradas, 0º; Portalegre, 6º; Porto, 2º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 7º; na água do mar, 8,2.

PREVISÃO GERAL
ATÉ AS 24 HORAS
DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de sudoeste; períodos de chuva passando e aguaceiros.

Amanhã
Nascer às 8 e 46
Ocaso às 18 e 53

MARES:
PREIA-MAR: Hoje — (3,8 m); (19 e 21 (3,5 m); Dia 28 — 7 e 30 (3,7 m); 19 e 57 (3,5 m); Dia 29 — 8 e 18 (3,5 m); 20 e 45 (3,4 m); BAIXA-MAR: Hoje — 0 e 21 (1,1 m); 12 e 50 (1,1 m); Dia 28 — 0 e 58 (1,2 m); 18 e 28 (1,2 m); Dia 29 — 11 e 45 (1,3 m); 14 e 15 (1,3 m).

Atribuído o Prémio Nacional Tomás Aquino

Em homenagem à memória do que foi competente profissional, abnegado dirigente de classe e grande colaborador do nosso prezado colega «Diário Popular», foi agora instituído o Prémio Nacional Tomás Aquino.

O prémio, que passa a ser atribuído anualmente pelo Centro de Formação Profissional das Artes Gráficas do Sul, destina-se a distinguir o aluno melhor classificado nos exames de aptidão profissional. O vencedor da primeira edição deste prémio foi o sr. António Jorge Custódio Cordeiro, sócio n.º 12421 do Sindicato dos Tipógrafos de Lisboa, portador da carteira profissional n.º 16729 e empregado da Empresa Tipográfica Casa Portuguesa, o qual obteve a média final de 15,5 valores.

A entrega do prémio efectua-se amanhã, às 18 horas, na sede da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, Avenida Defensores de Chaves, 41, 4.º, durante uma sessão pública á qual estará presente o presidente daquele organismo.

CONSELHO DE MINISTROS

No Palácio Nacional de S. Bento reuniu, esta tarde, o Conselho de Ministros, sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano. Foi a primeira reunião do Conselho depois da remodelação ministerial de 15 do corrente.

A Espanha e a URSS poderão estabelecer em breve relações diplomáticas

MADRID, 27 — (F. P.) — As possibilidades de aumento das trocas comerciais entre a Espanha e a União Soviética «não supõem implicações de outra natureza», declarou Nímélio Fernandez Cuesta, subsecretário de Estado espanhol para o Comércio.

Em 1969, segundo indicação do subsecretário, as exportações espanholas para a U.R.S.S. foram de 8 milhões de dólares.

Dr. Manuel Godinho Matos Júnior

Em visita oficial, à Dinamarca e Suécia, para assistir à reunião dos inspectores da E. F. T. A., seguiu ontem, por via aérea, para aqueles países, o sr. director do Exercício Farmacêutico da Direcção-Geral de Saúde, dr. Manuel Godinho Matos Júnior.

lhões de dólares. «Mesmo se estas exportações fossem bruscamente duplicadas, acrescentou, representariam ainda uma pequeníssima parte do nosso comércio exterior».

A Espanha assinou, desde 1958, acordos comerciais bilaterais com todos os países europeus do bloco socialista, com excepção da União Soviética.

Entretanto, o encontro que se registou recentemente no aeroporto de Moscovo, de Lopez Bravo, ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, com o subsecretário soviético dos Negócios Estrangeiros, Kovalev, suscitou numerosos comentários em Espanha e evoca-se a eventualidade da assinatura numa data próxima de um acordo comercial hispano-soviético e mesmo o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países.



O nome de Artur Portela na toponímia de Lisboa

Ao assinalarmos, em 11 de Março do ano findo, a celebração do 10. aniversário da morte de Artur Portela, que se fazia no dia imediato com significativas homenagens à memória do grande jornalista, o «Diário de Lisboa» sugeriu que o seu nome fosse dado a uma das ruas da cidade. Portela, dos maiores jornalistas de sempre, um dos que — acompanhando Joaquim Manoel, ergueram, com muito talento e o generoso esforço de uma mocidade estuante e sonhadora, este jornal ao nível do seu prestígio, assinalando, assim, um marco evolutivo na história da Imprensa em Portugal —, esse extraordinário jornalista e vigoroso escritor fora um amorável e apaixonado cronista de Lisboa, que lhe ficou devendo páginas lapidárias, inolvidáveis, com a forte sugestão dos dramas, dos anseios, dos sofrimentos e das alegrias da multidão — e de tudo o que há de emotivo e de aliciente no fulgurante impressionismo cidadão. Isto e a estatura do jornalista saído do viveiro lisboeta justificavam essa homenagem da cidade que, ao perpetuar-lhe o nome na sua toponímia, trazia-lhe a memória — sempre avivada — ao convívio e ao reconhecimento do povo por ele exaltado.

Houve uma manifestação de intelectuais, impetrandos a edilidade a concretização do alvitre do «Diário de Lisboa» e o seu presidente, sr.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfafa. Basta ligar a 323-422. Rua da Prata, 156, s/l (único no género).

general França Borges — a quem jornalistas e outros trabalhadores intelectuais devem actos de justiça e expressivas manifestações públicas de apreço —, manifestando, desde logo, profundo interesse por tal solicitação, prometeu todo o seu esforço para que a Câmara homenageasse o saudoso jornalista. Assim foi, e em 17 de Abril seguinte, o «Diário de Lisboa», tributando o seu reconhecimento ao presidente do Município, anunciava a decisão camarária de dar a designação de Praça Artur Portela — escritor e jornalista (1901-1959) — à praça da Quinta do Brito, à Estrada do Poço do Chão, numa das modernas zonas urbanizadas que engrandecem a velha cidade.

Lá está nos cunhais da nova praça cidadã o nome do grande jornalista e admirável apaixonado cronista de Lisboa. E a cidade, prestando-lhe tal justiça, de algum modo se redimiu de muitas injustas e molestadoras ingratidões para com tantos que a amaram e com o seu talento as graças lhe celebraram.

Como conservar Dentes postiços com mais firmeza no seu lugar

A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó alcalino (não ácido) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

O Dique dos Vinte já dá passagem

SANTARÉM, 27 — As águas do Tejo continuam a baixar, e, esta madrugada, cerca das 6 horas, o Dique dos Vinte deixou de estar vedado ao trânsito. Assim, já se pode circular na estrada que liga a Chamusca à Golegã.

Fechadas ao trânsito continuam a estar as seguintes vias de comunicação: Tapada-Alpiça, Santarém-Alcanhões, Reguengo do Alviela-Pombalinho e Valada do Ribatejo.

Mantém-se correia pelas águas a localidade de Reguengo do Alviela — situação que se prolonga há 24 dias. Os seus 350 habitantes estão reduzidos, no que diz respeito a abastecimentos alimentares, às duas mercearias da aldeia. Em caso de necessidade, recorrem ao barco, numa ida até Pombalinho. A viagem só é possível, contudo, quando o tempo está bom. As pessoas que têm obrigações profissionais a cumprir nesta cidade, também utilizam embarcações até Pombalinho, onde tomam a camioneta.

A prolongadíssima cheia deste ano agravava constantemente a crise da agricultura, mantendo inactivos (e desmoralizados) os trabalhadores rurais.

As últimas leituras nas escalas hidrométricas de Vila Velha do Ródão, Barquinha e Santarém atestam que as águas do Tejo descem sensivelmente. Assim, na primeira localidade, entre as 3 e as 9 horas de hoje, o nível desceu de 8,30 metros para 7,90. Na Barquinha e em Santarém, em igual espaço de tempo, verificaram-se as seguintes descidas do nível das águas, respectivamente: 6,36 metros para 6,14 e 6,99 para 6,90.

«OPERAÇÃO SAUDADE»

Vindo da Guiné, chegou hoje a Lisboa, o soldado Joaquim Gomes Rodrigues, residente em Fornos (Barcelos), que foi contemplado com o prémio M. N. F. de «Operação Saudade».

FAZ HOJE 100 ANOS E ENTREGA-SE COM AFÃ À LIDE CASEIRA!

BEJA, 27 — A sr.ª D. Maria do Rosário Veríssimo, natural de S. Marcos da Taboira, Castro Daire, e há muitos anos residente nesta cidade, completou hoje 100 anos. Apesar de tão avançada idade, D. Maria do Rosário possui uma memória prodigiosa e deliciosa os familiares e vizinhos com as recordações da sua longínqua mocidade. Entrega-se ainda, com a maior vivacidade, à lide caseira, sem precisar de usar óculos. Dois filhos, 3 netos e 10 bisnetos fazem-lhe companhia no dia em que, para ela, se fecha um século — e outro se inicia.



Deu hoje entrada na Clínica de S. Lucas o «matador de touros Mário Coelho, que vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica pelo dr. José da Cunha. A operação é provocada por uma cornada em tempos sofrida por Mário Coelho em arenas espanholas, que lhe afectou os movimentos da perna esquerda e impossibilita, de momento, a deslocação do toureiro de Vila Franca de Xira a praças do México.

por Henrique Ferreira Rosa

para me desforrar e todas as flores cá de casa para desfolhar. E uma para morder até só ser semente. Recuso-me hoje a falar de amor. Chegam-me as fotografias para rasgar e moladuras de prata e pano para queimar no meu fogo. Só espero que não me reste tempo para falar de amor.

2 — A verdade é mole como plasticina ou borraça quente. Molda-se com os dedos, conforme os dedos, conforme as mãos.

3 — Estou resolvido a não falar hoje de amor. Tenho pássaros na gaiola

passados na guerra

4 — Os livros empilhados na mesa dizem-me que «ainda bem que agora uso óculos se não». E uma jarra ali ao canto, com desenhos imitando pinturas rupestres traz-me um sentido de antiguidade insuportável Também há pratos antigos pratos e quadros amarelos, mas tudo tão longe de mim como uma palavra. Como uma imagem.

5 — Iniciei ontem o meu processo de autodestruição. Lento como é, leva muita gente a julgá-lo inacessível). De s n u d e i-me frente ao espelho até me rir da minha pele e da minha cintura. Depois, cobri-me com cinzas de cigarros egípcios, que são fracos e cheiram mal. Amanhã cortarei as unhas dos pés e deixarei pela primeira vez crescer a barba.

Tudo acabará daqui a
dois meses, quando for
baptizado.

6 — Vieram-me agora dizer que aquela velha a que eu chamara idiota, morreu sob um anúncio de um eléctrico Estou arrependido do que fiz (Devia-lhe ter chamado somente velha)

7 — O silêncio não é uma virtude do homem.

por Mário Gabriel Bonito

«O Cravo Espanhol» é um retrato de simplicidade. Nêle se descrevem as relações humanas directas de um povo, as suas imediatas ambições, os conflitos

os mais puros. «O Cravo Espanhol» pretende ser esse retrato. Dizemos pretendendo, porque a intenção do autor não segue uma linha homogénea através de todos os actos. Precisamente quando Romeu Cortes se divorcia do povo a que pertence, assiste-se a um esboço de conceitos mais ou menos bem expostos até aí. Referimos as boas do baptizado, no discurso de Chico Ferro Veindustrial (discurso em boas doses de demagogia) e o final que deveria ser orientado noutro sentido. Na direcção exacta da visão poeta-povo, intenção que se perde, «retrocesso» que deve procurar-se.

Assistimos a uma cega-
a. Servindo-se de um Car-
aval como «backgrond»
os actores tomam as má-
as do que são e desen-
olvem as suas ambições
uma espécie de sonho.
onho que não pode igno-
r-se, alheamento que pre-
ndemos todos os dias.
E o auto-retrato faz a
destruição dos mitos oní-
cos. Fazer de touradas
símbolos de algo a alcan-
ar, eis uma boa escolha
ser destruída. Aí já um
tor desta peça. Com a
estabilidade de entrar em
minhos de sondagem de

uma mentalidade portuguesa, o marialvismo na conduta do macho lusitano

Daqui até ao espectáculo do Teatro Nacional existe um hiato assustador que justifica a continuação do desprezo a que nos dedicamos pela obra de Amélia Rey-Colaco.

A linha que gostaríamos de ver imprimida ao Cravo Espanhol era a da farsa, sem qualquer compromisso com o melodrama. E aí entraríamos num acordo com o texto de Romeu Correia, no sentido de breves alterações. Nomeadamente na transformação de uma morte, que, aparecendo como um «castigo», atinge os toros da mais fúnebre tragedia.

Edificar um espectáculo do Cravo Espanhol não nos parece tarefa fácil. A utilização de cor, luzes, recursos de interpretação, minúcia de encenação, foram coisas esquecidas, com maior ou menor gravidade. Mas também nada podíamos esperar de Pedro Lemos, obreiro de uma geração caduca a qual ainda não assistiu ao nascimento de qualquer outra nova. Uma que saiba pegar em cravos espanhóis, em foras, em tombos no inferno, em pecados João agonias.

mas sobretudo, pegar em coisas muito mais importantes.

A encenação perde-se, saltita entre texto e público oferecendo a este último apenas as palavras do primeiro que poucas vezes o animam. É um naturalismo estafado, ou qualquer coisa de indefinido que o valha (e que hoje em dia já não valha), exibido por uma confusão de actores cada qual puxando para o seu lado.

Uma linha possível seria a caricatura.

E essa linha percebeu-a Henriqueta Maya. O seu populismo imamente desdobra-se na criação de uma caricatura notável que o é em ambas as cegadas. A da vida e a do carnaval. Ela sabe ser a rapariga da beltra-Tejo e corresponder às reacções e impulsos, á ternura e á ingenuidade de uma oferta de papoilas vermelhas.

É trágico, sabemos-lo. Ignorar que uma peça de teatro significa uma equipa de actores empenhada em transmitir a recriação de um escrito. Mas uma vez que as coisas são como são, diante de uma encenação errada onde os actores se desafiam para ver quem faz pior, é justo que se destaque uma actriz que soube entender o texto. Sentilo é que (admitindo

(Continua na 3.^a página)

por Luís Manuel Mateus

Pois é!... — devem tomar uma expressão triste e um tom de voz resignado ao dizer este «pois é» inicial — vá, repitam comigo: Pois é! Pois é isso mesmo! E afinal nem sequer é muito difícil dizer isto assim. Basta desviar os olhos e encolher um bocadinho os ombros (não é preciso muito) e dizer...

Se por acaso acham que ainda não está bem voltem ao princípio, conhecem tantas vezes quantas acharem necessárias e (vá lá que é isso?), não achem graça, não se riem que isto não tem piada. Nós estamos aqui como numa aventura vamos por um caminho numa floresta escura... mas não, não é assim, e dizem que também não é nada semelhante a «entrar em castelos à meia-noite». É uma coisa muito diferente deste tipo de aventura-medo.

Já conseguem mesmo fazer o que vos pedi ao principio? (repto) — estão muito a tempo de recommear e garanto que com treino tudo se consegue) Mas vamos a isto, vamos á tal aventura. Vá, um bocadinho de coragem basta. Se quem mesmo entrar, a porta está aberta, a entrada é gratuita a partir dos quatro anos, só necessitam de fazer o tal «pois é» com sentimento. Vamos, mais expressão nesse olhar. É que, sabem, é mesmo assim — pois é! (AAAAA — admiração ou vontade de rir?) não pode deixar de ser assim — resignação acima de tudo. Acreditem que só assim é possível entrar, acreditem e não perguntem porque. Mas vamos a isto.

Pois é: Imaginem que eu estou num café. Eu ou qualquer um de vocês aliás não é necessário escolher ninguém de especial. Mas vá lá, seja eu o café. Imaginem-me em frente de uma mesa de tempo verde-fórmica, com um caderno e uma caneta. Eu estou sentado a pro-nunciar palavras para contar minha aventura e gos-tava que vocês entrassem nela. Mas só consigo en-contrar uma descrição do café — aquela que lá to-

dos sabem de cor — e nao quero estar a discutir se era esta ou nao bem feita, se e ou nao importante sentir o ambiente. Voces concordam que nao interessa estar a falar nisto; no fim de contas nao e ai que esta a minha historia.

Vou falar agora da distância que vai de mim a todos os barões da rua, nomeadamente o dos automóveis. Sinto-me longe, sem dúvida que sinto (começam agora a tactear um certo «crima» nas minhas palavras. Acertei?). Mas o sentir-me cada vez mais afastado, cada vez mais dentro da minha mesa, é isso o fim do que me aconteceu. Se a rua tem pouco interesse para mim, enquanto vos estou a contar isto, e por causa de outras ruas em que passeei hoje. Mas vamos ficar por aqui: que isto não leva a nada.

O que eu acabei de escrever foi a primeira tentativa. Não vos preveni acerca disso só para não se assustarem a pensar em quantas eu posso ainda fazer.

Nesta altura (e pela segunda vez nesta noite) apetece-me falar dos cafés e das ruas. Mas vos fugi a isto. Vocês até se chateavam se eu fosse contar tudo de novo — fávias! e nesta insónia que não me deixa quieto...

Mas, voltando ao assunto de outra maneira, no meu dicionário quando se fala de aventura, fala-se de descoberta. E não há coisa mais verdadeira: eu, quando me sentei para tomar uma bica, era também para descobrir (talvez seja escusado dizer, mas vocês notaram isso logo, pela maneira como eu segurava a colher). Eu até estava a pensar que encontrar pode perfeitamente ser não encontrar coisa nenhuma, ou perder o que se achou e não cair na armadilha de contar às pessoas. Porque, não tenham ilusões, já ninguém acredita no amor-á-primeira-vista (por exemplo), ou no amor-à-segunda-vista (exemplo), e quem é que ainda consegue ver numa fonte no rio que desagua no

mar?, ou perceber a dificuldade de estar numa cidade? (outros exemplos). E é que já não há quem tenha medo do papão ou dos lobisomens. E tudo isto são exemplos (como eu tive o cuidado de dizer) e nem sequer são dos mais típicos, não são. São escolhidos ao acaso — basta folhear a memória que eles surgem logo aos montes, dispersos, sempre dispersos.

Já devem ter percebido que a minha aventura não tarda a surgir, que estamos a chegar ao ponto-eixo de todo este palavreado. Pois é! (usem agora ao máximo aquilo que vos ensinei — enorme resignação — e preparem-se para o que vier) é verdade que ainda não vos contei tal história que motivou tudo isto. Estou agora a tentar pela terceira vez — «não há duas sem três» — e eis-me na minha última oportunidade de contar que hoje de manhã, depois de... não, não é assim, isto também não levava a nada.

Acham que eu sou mesmo capaz de contar assim tudo, sem mais nem menos? sabem, é que eu duvido que me seja possível. Não consigo perceber bem porque, sinto falta de palavras para dizer o que queria...

Estou muito inclinado a pensar que agora vocês ficam que nunca mais me podem ver — se chegaram até aqui vão querer que eu conte tudo, títimim por títimim, sem andar a fugir pelos cantos das palavras. Corado e chelo de vergonha (vergonha de quê? Não, não me perguntem isso por favor). Mas é mesmo verdade. Eu talvez nem os diga mais nada, ficam assim, com um segredo.

« É uma aventura, isto de falar com vocês, é mesmo uma aventura. Não concordam? (vamos ponham-se no meu lugar a ver se não acham o mesmo).

E agora (vamos acabar bem?) digam alto, com toda a expressão que conseguirmos: Pois é! (última designação desta barafunda toda) Pois é!...

Diário de Lisboa

Juvenil

N.º 658

DOS JOVENS PARA TODOS

N. 658

DOS JOVENS PARA TODOS

CINEMA DA CRUELDADE

por Tito Lívio

1 — No princípio era a solidão que destrói e corrói os corpos. Depois havia Alvisse um jovem, filho de um burguês — rico — industrial. Alvisse preso a uma cadeira de rodas. Como recusa e defesa ao mundo das pessoas «normais», assépticas e «saúdaáveis».

Alvisse cuja ironia percorre todo o ritual, toda a cerimónia daquele almoço formal. A câmara a perpassar pelos rostos. Para além deles, Ávida, cruel. Numa dissecação útil.

A vida — jogo que diverte Alvisse. Que se prepara para a cerimónia — ritual — eutanásia tomando banho e usando gravata. Alvisse coberto de lama nessa cena espantosa da clínica. O homem-barro bíblico regressa ao pó, símbolo da abjeção.

O binómio Alvisse — Lea. Personagens de um jogo cruel que conduz à impotência, à destruição mútua, ao Nada.

A destruição voluntária do ser. Como recusa à vida superficial dos homens — fechados — nos — seus casulos. Industriais, ídolos da canção. Convencionais mães de família.

«Desejo Perverso» acusa e testemunha. Pela mão inquietante de Salvador Samperi. Como eu Buñuel, Marco Ferreri ou Losey.

2 — Losey. O de «Acidente» e «Eva». Preocupado com a comunicação dos seres «robots». Perpassando de olhos vazios, amorfos pelas ruas. Sem se ver.

Cenci e Eleanor — o estranho binómio. A impotência e a frustração. A impossibilidade de aprender a viver só. Uma solidão que se agarra à pele como um vírus.

O encontro no autocarro. O vislumbre. A aliança.

A casa. Como presença obsessiva. Fundamental. Analisada nos seus minúsculos

detalhes. No barroquismo imponente. Tão ao gosto de Losey. Presença quase animista e animada. Onde se desenrola a cerimónia. Ritual da convenção entre Cenci a criança — menina — mulher que se recusa a crescer e Eleanor, prolongando doentamente (o ritual perante o retrato da filha morta, a visita ao cemitério). Aliança que supõe reciprocidade com a troca ritual de presentes entre ambas.

Cinema simbólico em que os objectos adquirem um sentido subjectivo necessário ao ritual (os vestidos, a boneca, a caixa de música), das causas últimas dos nossos pensamentos e motivações (o carácter esquisito — histérico de Cenci).

A psicanálise e a antropologia. Como em Polansky — «Repulsa» e a «Semente do Diabo».

Eleanor assumindo a personagem de mãe até ao

sobre «DESEJO PERVERSO» e «CERIMÓNIA SECRETA»

e um P. S. final para «O HOMEM DE KIEV» de Frankenheimer

fim. Até à impossível reconciliação. Ao crime final. A vingança. O suicídio de Cenci, repetindo a morte de Esther, a filha de Eleanor.

Como em o «Desejo Perverso» há o ritual — a preparação para a morte — o dispor metódico dos comprimidos na casa violada. O grito que morre na garganta «Mamã», como repetição de igual palavra no primeiro encontro.

A admirável cena da morte de Cenci — Mia Farrow, como cordeiro imolado no altar. O romper definitivo da aliança provocado por Albert. Mais uma vez o jogo, a cerimónia — a simulação da violação, o mimar da posse. A perversão de Albert — as rosas, os postais, os retratos de Cenci, a antevisão de Cenci — criança como objecto de posse possível e desejável.

As tias Hannah e Hilda elementos quase clownescos na sua crueldade. In-

vadindo e violando a intimidade da cerimónia.

A fim inevitável — a destruição — o suicídio de Cenci, a morte de Albert, o homicídio de Eleanor.

Vingança de Esther, a filha afogada. Reencarnada em Cenci. A intrusão do homem — Albert é Sansão (corte das barbas) e Electra. Mitos. A riqueza de um filme. Obra prima de Losey. Da dificuldade de comunicação, da necessidade que os seres têm uns dos outros. Do vazio das sociedades modernas. Do ritualismo dos pequenos gestos diários. Da sua sacralização (do real). Da presença onipotente da Igreja (a noção de pecado e culpa). Puritanismo. Só os demasiado iconoclastas poderão ver em «Cerimónia Secreta» um filme menor de Losey.

P. S. — Para Frankenheimer. O de «O Homem de Kiev». Muito se falou. Pou-

co se percebeu (pecha de certas críticas de cinema de o Juvenil — pecha intelectualista). Apenas ainda.

1 — A recusa de Iakov Bok em se tornar herói. O herói pela força das circunstâncias. O anti-herói. Homem comum de todos os dias.

2 — A impossibilidade de uma neutralidade de opções perante a vida. Ninguém pode ser apolítico. Asserção nuclear.

3 — A conversa de Bibikov com o ministro czarista da justiça. O ódio aos judeus fomentado pelo poder. Como medida de diversão. De defesa. De derivação das agressividades incontidas do povo.

4 — O grandiloquente inútil da cena final. O fim necessário — revolta do guarda (paga com a morte), contra a máquina de repressão, a arbitrariedade, a injustiça.

JOSEPH LOSEY e «CERIMÓNIA SECRETA»

por Rui Manuel B. Manaças

Há dois tipos de cinema. Para uns, o cinema é uma mera mercadoria, para a qual os realizadores pretendem arranjar a melhor embalagem. Da observação da camada burguesa que vai ao cinema para esquecer os seus problemas, veio o código necessário para apresentar as ditas embalagens. Assim, as histórias de amor com rodriquinhos e tudo, as histórias de guerra e espionagem com todos os ingredientes necessários e alguns filmes eróticos destinados a explorar o gosto fácil de certo público, são utilizados das mais diversas maneiras. O objectivo de tais filmes fazer sentir frustrados e amargados por uma vida agitada.

Para outros o cinema é uma continuação da vida, uma luta indeterminada pela compreensão do homem e da sua posição no mundo nas suas mais variadas aspirações — surge assim o cinema de autor — cinema apreciado por poucos, infelizmente (note-se, no entanto, que não estamos a fazer a apologia do cinema de minorias; pelo contrário, o cinema, como arte que é, destina-se a todos).

Está neste caso — o cinema de autor — Joseph Losey — cinema que, não deve apenas ao impulso

do seu autor. Este obedece, consciente ou inconscientemente, a uma ordem social ou moral, religiosa ou estética, a determinado estado das leis que o rodeiam e que moldam o espírito e a fisionomia duma época, de que este será ao mesmo tempo testemunha e intérprete. Aparece-nos então o cinema como testemunho histórico.

Postas estas considerações, destinadas a situar, embora sumariamente, o autor e a sua obra num contexto social, passemos a analisar Losey e o seu último filme, agora em exibição num cinema de Lisboa.

Losey, mais que qualquer outro cineasta, é exemplo do que dissemos atrás: qualquer cineasta americano é, no dealbar da sua carreira, um empregado da gigantesca máquina hollywoodiana. Daí que se compreenda o seu exílio na Inglaterra. O próprio Losey o disse: «Na Europa o realizador é um emigrado, na América é um operário especializado».

Aparece-nos, como em «Acidente» — único filme que conhecemos deste autor —, a exploração do mesmo tema: A violência. Mas uma violência diferente daquela que estamos habituados a ver: é a violência de relações,

Um caso de psicopatia — Cenci (Mia Farrow) — que perde a Mãe muito nova. Vive os primeiros anos da sua vida com duas tias, num ambiente luxuoso, isolada completamente do exterior. Aos 22 anos, julga encontrar a Mãe e vê-se então solicitada para dois pólos opostos de amizade e educação: o Pai — Albert (Robert Mitchum) e a suposta Mãe — Leonara (E. Taylor).

Desta mútua solicitação nasce o desenrolar da acção cuja característica fundamental é a constante tensão entre uma realidade exterior (Londres, a casa, os jardins, o Hotel na praia, os objectos, o quotidiano imóvel) e uma realidade interior (o enlouquecer progressivo que conduzirá ao suicídio de Cenci).

Mas o filme é mais que isto e reduzi-lo à fábula final de Leonara — «Dois ratos caíram num balde com leite. Um deles gritou por socorro e afogou-se. O outro continuou a dar às patas e encontrou-se a andar em manteiga» (citas de memória) — seria limitá-lo. O filme, como aliás, outros de Losey, denuncia e acusa o «british way of life» pela mútua destruição dos indivíduos através das reacções que são levados a travar uns

com os outros no quadro da mais banal quotidianidade e de específicos extractos sociais» (1).

Acerca de Losey disse Noël Calef:

«Losey é, além de tudo, um homem que sabe exactamente o que quer — nunca aceitará um movimento de câmara gratuito. Pode parecer gratuito mas, para ele, tem um significado. Não lhe basta rodar uma cena como está escrita, mas de chegar a dar a cada movimento de personagens, a cada movimento de câmara, a cada objecto de cenário, a cada detalhe, um significado próprio (2).

Daqui nasce um cinema que se afirma mais pela sua rigorosíssima construção técnica do que por qualquer ideologia político-social do autor (de toda a maneira importante — sim) aí inscrita».

Pelo que dissemos e pelo muito que haveria a dizer, se nos afigura «Cerimónia Secreta» uma obra importante e a ver dentro do panorama cinematográfico da capital.

(1) — M. Machado da Luz in «Seara Nova», numha crítica a «Acidente».

(2) — Declarações de Noël Calef, cenarista dum dos filmes de Losey, em «Joseph Losey, volume de «Cinema Aujourd'hui».

POEMA PARA UM DIA DE SOL AMARELO PERLADO AQUI E ALI DE FUMOS CINZENTOS

por José Anselmo

Meu amor
quando a manhã cair fugiremos juntos voando
passaremos de mãos dadas
sobre chaminés sem fumo de negros enganados
pessoas sempre com 2 olhos 1 nariz 1 boca

Sim amor
quando a manhã cair
tu e eu de mãos dadas fugiremos juntos
deixaremos a cidade-tédio
das casas-jardins-de-relva-portões-dourados
onde se plantam tulipas

Sim amor
amanhã talvez depois do primeiro frio de sol
partiremos
enfim mesmo que não partamos
convém pensar que o poderíamos fazer.

AINDA «O HOMEM DE KIEV»

RESPOSTA A A. ROMA TORRES

por Ana M. da Costa

Amigo:

— Não sei há quantos anos nasceste, todavia, adivinho que, psicologicamente, és ainda uma criança. Uma criança que decora uns tantos assuntos e na primeira oportunidade atira a quem calha os seus esguichos de sabedoria.

Já alguma vez abriste os olhos para ver bem e meditar sobre tudo o que te rodeia, ou olhaste francamente para dentro de ti mesmo? Faz isto uma vez, pelo menos uma vez. Se conseguires encontrar a verdadeira razão, o «motivo» por que escreveste um artigo intitulado «E ainda o Homem de Kiev» talvez consigas encontrar algo proveitoso, até aqui desconhecido e abandonado no teu verdadeiro mundo introspectivo. Olha que é tempo de procurares umas miguitas de humildade. Se és sensacionalista, porque acusas os sensacionalistas?

Nós, os jovens, queremos a máxima verdade, de tudo e de todos. Estamos cansados de palavreado e flores mortas.

Quiseste ser positivo, lógico, incisivo e tudo! Mas falhaste redondamente. Tiveste que justificar em primeiro lugar que és um grande conhecedor do mundo cinematográfico, enumerando uma série de nomes de cineastas, títulos de filmes e até tiveste necessidade de transcrever palavras do Frankheimer (para tornar o artigo ainda mais extenso).

Se queres ser um crítico — nunca faças comparações. Cada obra, cada ser, cada coisa tem de começar por ser distinta aos olhos de quem critica a fim de poder ser justo e imparcial. A fim de poder analisar calmamente o todo — bom ou mau — que lhe põem à frente do nariz. De contrário, torna-se o quimico de todos os críticos.

É pena, lamento não teres conseguido ser, até aqui, um crítico original...

Ocorre-me perguntar — te se alguma vez estiveste preso. — Tu nunca estiveste preso. Por enquanto estás preso a ti próprio «incapaz», porque tal como tu dizes tomas uma posição mais exigente (exigência que não satisfaz os outros, sobretudo os que são capazes de meditar, de amar o pó, os sentimentos e a própria aragem). E, procuras justificar os teus juízos num artigo quilométrico bailando superficialmente à volta da sua essência com palavras gastas, usadas, repetidas, omitindo o pensamento, o teu verdadeiro sentir e pensar acerca de «E ainda o Homem de Kiev».

Aprende a dizer, porque é que não gostas.

Sauda-te a tua amiga
Ana Isabel Monteiro
da Costa

A DECRUA PARA A ISABEL QUE LADRA

por Manuel Augusto Frade

vinhas de longe, sempre, depois este hábito de beijar as pessoas à chegada, agradava-te, era assim que passavas os momentos seguintes a lamentar-te que o pó-de-arroz e não sei que mais, mas chegavas, e tornarias a partir porque interessava antes de tudo arejar, para chegar de longe a outro sítio, e haveria pó-de-arroz, entre outras coisas o rio, todas as tardes descíamos até à albufeira, havia a espanhola e os pescadores, e havia sobretudo o pasmo dum a quem perguntaste se gostava das tuas canções porque as baleadas falavam deles, e o pão, levantou-se e foi buscar água à mina na certeza dos restos da merenda, mas merenda não havia, dieta não cabe no poema que um homem aperta nos dedos grossos, nem a lua propriedade dos homens nos olhos daquele que encorrou o gado mais cedo e se foi sentar numa fraga com o eão ao lado pra ver se os via descer, mas não, sorriste, sorriste, a cidade, era longe a cidade donde tu vinhas, o corpo estendido na areia, um gesto difícil este dos

dedos estendidos, a urgência dos remos feita de saliva e o céu a tornar-se parado, eram tudo isto os dias que ficavas connosco, e contigo a cidade repito, havias de voltar um dia, de longe, então a estrada as árvores e o rio de novo, e a espanhola, e os pescadores, entretinha-me a pensar em qualquer coisa enquanto não voltasses, era fácil uma pessoa, aborrecer-se, ainda as noites, o tempo que quisemos fosse de construção, ficaria um jardim para roubar rosas, colher não era suficientemente largo, os dedos, hoje lembro-me de andares sempre a dizer que tinha as unhas sujas que porcaria para que serviam os dedos? para tudo menos para alisar os cabelos, nem para semear que não compensa, talvez que isto de usar um para cada anel não seja mesmo imitação, as velhas perguntavam o que fazíamos nas tabernas, havias de sentir a falta disto na cidade, entretanto digo da satisfação de estar horas a discutir problemas dos outros, era preciso concluirmos por fim uma aproximação, mas não fomos comer a casa da

luisa, nem nos levantámos às cinco horas pra ir pro campo, até a gente que está habituada sabe deus... os domingos, lembraste uma vez teres dito que gostavas de ser folha? para quê pergunto, quando morrer não quero que as pessoas ponham perfume, prometo, connosco este hábito de procurar nas coisas ideias fáceis, isso era quando as tardes eram nossas e não havia mais nada para fazer do que ouvir música e passar as letras que sabíamos. (make love aparece, traduzido por: expressão ordinária), entretanto pergunto se estar uma tarde com vontade de cuspir só para não sair da sala significa paixão, hoje a certeza de tudo isto ter ficado, a areia e os remos, e o caminho para o rio sobretudo, vereda de cabras, e o depois de almoçar e o depois de jantar, e a tereza rural porque não alimhava com a malta, por isso digo que para saber a terra é preciso habitá-la deixar crescer as sementes até ser tudo verde e voltar-mos lá um dia para sorrir porque é tudo erva, só por isso.

UMA NO CRAVO (ESPAÑHOL)...

(continuação)

a lógica do espectáculo) fugiu das directrizes (erradas, se as houve...) que o encenador apontava.

Porque Henriqueta Maya é a única que sabe estar em cena, a única que se movimenta com convicção e que exterioriza segundo uma linha firmemente traçada.

Desde a sua entrada em cena, o espectador fica preso à sua actuação cujos momentos são quase todos de um teatro sentido, de carne e osso, compreendido e exteriorizado: o choro fingido, o diálogo enquanto passa a ferro na abertura do segundo acto, o quebrar de elos na morte.

A sua caricatura atinge, porém, o auge, na cegada do carnaval, em que, funcionando de cavaleiro na tourada de trazer por casa, Henriqueta atinge um momento de antologia.

IV — A PATEADA

No final de cada acto e do espectáculo houve pateada.

Uma pateada é uma manifestação salutar, tanto como uma salva de palmas. E, perante o espectáculo que é o «Cravo Espanhol», estará mais certa a pateada que a salva de palmas.

Simplesmente, ambas as coisas se dirigem a objectos diferentes: à encenação, à interpretação, ao autor, etc. E, neste caso a pateada irá quase toda para o encenador, ou em última instância, para o em-

presário. Porque, se é o empresário que se responsabiliza pela escolha do repertório é ele que sabe (neste caso ela) que linha está a dar ao seu teatro, através das escolhas.

A pateada será, pois, para Pedro Lemos e para Amélia Rey-Colaço. E nessa altura batemos os pés até à exaustão.

Não queremos bater os pés contra Romeu Correia. Por causa da sua ternura pelo povo que somos. Se ele sabe ou não transmiti-la, isso resultará de acordos com os encenadores. Mas, na verdade, ele enuncia uma temática populista que será mau ignorar.

V — DA OPORTUNIDADE DAS PATEADAS

Já que houve pateada e que se pediu um colóquio sobre a peça, pedido indeferido por um pano de cena caído e mudo entre os actores confundidos e o público apavorado, então cabe-nos falar da oportunidade das pateadas.

Em face dos outros espectáculos de teatro pseudo-português que passaram impunes (ou quase), a pateada no «Cravo Espanhol» é injusta.

«A Forja» era um mau espectáculo, compromisso entre nada e coisa nenhuma, de interpretação desorientada numa encenação à quem quer e não pode, ou melhor, a quem não pode e também não quer.

Mas pior que «A Forja» era «O pecado de João Agonia». Encenação que desprezava os valores (de oportunidade discutível) a retrair numa nova exegese do texto de Santareno, assim sem interesse nenhum para o momento português (e é por de mais conhecido um texto de Santareno que poderá servir um bom espectáculo).

E pior que tudo, porque é um insulto à colectividade esmagar a pés firmes Aquilino Ribeiro, foi o que aconteceu durante tanto tempo no horroroso Teatro Maria Matos com «O tombo no Inferno». Não há palavras que cheguem para descrever o que era dado contemplar ao espectador. Se tivesse existido teatro na Idade da Pedra, talvez tenha sido menos elementar que a demonstração levada a efeito junto à Avenida de Roma, no século XX, com um tombo nas profundezas do Inferno.

Neste momento em que, não se sabe como, porque nada aconteceu na verdade, aparece tanta peça portuguesa em cena. É bom que se comece a separar o trigo do joio. E há para aí tanto joio que a tarefa é fácil.

Essa tarefa é a de derubar os mitos e a propaganda. É a de pegar nos autores e ver o que se pode fazer com a matéria-prima. Desmitificada, claro.

POEMA

por Vasco da Câmara Pestana

os olhos em torno da mesa as nossas palavras subiam no ar formavam um cilindro um abraço contínuo os braços não existiam ou então enterravam-se no chão e abriam um túmulo cilíndrico lembro-me do cais era diferente as mãos eram precisas para agarrarem para conservarem o corpo com mais força por mais tempo os pés ninguém os sentia podiam ser os meus esmagavam as lágrimas as uvas sem sumo na mesa os olhos eram os dos cais os olhos do cais eram guindastes ferrugentos que subiam talvez as palavras pesassem porque ninguém falava mas os corpos erguiam-se com ruído as bocas cansadas de lábios secos e o cilindro fechava-se num abraço muitos cilindros transparentes erguiam-se no cais eram leves e com o vento caíam.

HOMEM SEM MEMÓRIA É HOMEM SEM HISTÓ- RIA.



APONTAMENTO

por Alberto Costa

Alberto entrou de novo em casa. Pegou na mala e lembrou-se da família. Abanhou os ombros desconfiadamente e ao passar pelo pátio reparou que o seu cão saltando tentava agarrar um osso que se encontrava numa saliência da parede. Agarrou-o e atirou-o ao animal que indiferente ao dono imediatamente o começou a roer.

Alberto caminhava ao longo do rio que de uma largura apreciável servia de esgoto aos produtos das fábricas. Ao longe já se via a ponte grande, metálica e arqueada. Alberto, ao subir, pôs a mão no varão do resguardo e olhou para os 500 metros maciços que

se estendiam à sua frente. Ia andando vendo lá em baixo a água azul-verde-cinzenta, mas a ponte parecia-lhe enorme. Estava cansado. Sentou-se e pensou em sua casa: os seus pais seriam com certeza informados por sua amiga. Mas que importava isto (pensamentos estúpidos). Novamente se pôs a caminho mas o fim da ponte parecia-lhe a distância constante. A mala fazia-lhe doer a mão e o corpo Alberto caminhava, olhos fixos nos prédios, mas não progredia. As moradias sumptuosas já estavam iluminadas. Era noite. As horas passavam e o espaço mantinha-se. Acelera-

rou o passo mas não conseguia aproximar-se da outra margem. Um automóvel grande e preto guiado por um senhor de cartola passou por ele veloz e em breve se embrenhou nas ruas de acesso à cidade. Aturdido voltou para trás e ainda olhou uma última vez, para o fim da ponte. Em breve chegou à aldeia. Monoliticamente seguiu para casa passando por cima de jardins e de tudo o que lhe fizesse gastar mais tempo. Entrou no pátio e na escuridão distinguiu o seu cão a movimentar-se. Ainda roía o mesmo osso que ele lhe tinha dado. Entrou no quarto e deixou-se cair pesadamente na cama num lazer infinito.

EM 1969 — A POESIA

Luis de Miranda Rocha: — Antes de mais, por onde vamos começar? Que critério vamos usar na enumeração de livros e autores: — um critério de qualidade ou um critério de representatividade? (significado, importância, etc.).

Fernando Almeida Ribeiro: — Entendo que o critério de representatividade é tremendamente falso e injusto, enfim, pouco democrático. Apesar de tudo, e como nos encontramos num meio onde é assustadora a falta de um ritmo de produção qualitativamente maior, aceito-o, embora com algumas reservas.

L. M. R.: — Então falaremos em primeiro lugar de uma estrela (a de António Franco-Alexandre, «A Distância») e de uma edição da obra quase completa de Adolfo Casais Monteiro (com um inédito ainda, muito interessante). O livro de Franco Alexandre não é certamente o melhor do ano. Mas é dos que se devem mencionar antes de muitos outros. Os melhores ainda não foram novos mas nomes já de certo modo consagrados: Ramos Rosa, Luísa Neto Jorge, Gastão Cruz...

F. A. R.: — Não estou de acordo. «A Distância», por ser uma estrela de um autor praticamente desconhecido, constitui a revelação do ano.

L. M. R.: — Será. Mas está ainda demasiado preso a Jorge de Sena e a um tipo de discursivismo que já não constitui grande novidade entre nós nem é o melhor sintoma de modernidade na actual poesia portuguesa, já enriquecida com outras vias discursivas, com outros processos depois de Jorge de Sena.

F. A. R.: — Também não concordo. Jorge de Sena demonstra-nos em «Peregrinação ad loca infecta» um poder e uma actualidade francamente inovadores. Creio que este livro representa uma nova fase poética do autor. Mas, para falarmos dos mais novos, creio que, pela publicação de «Algumas Palavras», Eduardo Guerra Carneiro se afirmou mais um grande poeta.

L. M. R.: — Mas não podemos ser muito entusiasmados. Porque, parece-me a mim, o livro de Guerra Carneiro enferma ainda de muitos vícios que têm aquietado a produção dos poetas ligados ao neo-realismo, mesmo os mais novos, localizados em Coimbra em torno de «Poemas Livres». Todavia «Algumas Palavras» é um livro distinto, nele são visíveis aquisições valiosas. Ramos Rosa, o surrealismo, o que há de positivo na lição experimental.

F. A. R.: — A propósito de Ramos Rosa, «A Construção do Corpo» é quanto a mim um livro extremamente difícil. Confesso que não posso actualmente bagagem teórica para o analisar eficazmente. Mas talvez sobre o livro tu queiras dizer alguma coisa.

L. M. R.: — «A Construção do Corpo» é na minha opinião o melhor livro do ano e um livro do maior poeta português da actualidade. Isto parece um «slogan» vulgar mas eu queria que não fosse. Porque toda a actual poesia portuguesa está, advertida ou inadvertidamente, ligada à sua obra. Todos lhe devemos pelo menos isto: a recolocação dos problemas centrais da poesia no

seu devido lugar e uma reflexão poética intensiva sobre o material poético específico — a linguagem.

F. A. R.: — Não: para mim os melhores poetas portugueses actuais são: Herberto Helder (em primeiro lugar). Nuno Júdice e Luísa Neto Jorge (dos Dezanove Recantos) (1).

L. M. R.: — O primeiro e o terceiro admito que possam ser polémica, jornalística e publicitariamente declarados como tal. O segundo, não o conheço senão de meia dúzia de poemas isolados. Isto parece-me demasiado escasso e nem sequer nos permite formular um juízo crítico, com um mínimo de fundamento e segurança.

F. A. R.: — Apesar de tudo os sintomas da poesia de Nuno Júdice são claramente inovadores e só é de desejar que ele publique em breve para se ver melhor como é.

L. M. R.: — Falemos de Gastão Cruz e de Luísa Neto Jorge. «As Aves» é talvez inferior a «Outro Nome». Mas é um livro exemplar sob o ponto de vista da unidade formal, estilística, temática, um livro rigorosamente unitário. E também um livro exemplar porque nos «diz» de uma experiência que na nossa literatura ainda não tinha merecido o interesse de ninguém (e isto não significa que Gastão Cruz tenha dito tudo), apesar de estar a ser vivida por um número elevado de jovens autores. De «Dezanove Recantos» é um marco na actual poesia portuguesa. O livro instala um tipo de discurso verdadeiramente novo. E a realização efectiva do programa implícito (e ainda mal formulado) na produ-

ção jovem mais representativa do princípio da década.

F. A. R.: — De acordo. Mas falemos também de «A Fumina da Imagem». Um livro onde a nota dominante é a responsabilidade do poeta perante os outros homens e perante uma circunstância histórica determinada, definida.

L. M. R.: — A propósito: também Ary dos Santos, a seguir ao êxito triste da «Desfolhada», acreditando decerto antecipada a mente na popularidade e na simpatia do público, publicou um livro que é um provocador de erros e defeitos muito correntes num certo sector crítico. Mas sobre o livro já um Manuel Gusmão disse o que era mais urgente dizer-se (no Jornal de Letras e Artes, n.º 270).

Eu acho que não se pode transigir com o mau gosto e corresponder às exigências da mediocridade sem aceitar (e contribuir decisivamente para) uma subversão de valores e comprometer gravemente a qualidade da produção poética: Ary dos Santos não sabe (ou simula não saber) os riscos que corre. O que ele está a fazer não deve ser feito por nenhum poeta consciente dos problemas e das dificuldades do seu ofício e das responsabilidades daí decorrentes.

F. A. R.: — De acordo com a denúncia desse processo comercialista de vender poesia a metro.

L. M. R.: — Voltemos aos novos, às estrelas. Além de Franco Alexandre, alguma outra que te mereça uma referência ou uma consideração especial?

F. A. R.: — Não. (Já mencionei o livro de Eduardo Guerra Carneiro). Toda a produção restante me parece irrelevante, dada a imaturidade prática dos autores.

L. M. R.: — Ocorrem-me três estrelas: Rogério Vidi-gal, Eusébio Martins e Ana Maria Ferreira. Qualquer dos livros que publicaram justifica que se fixem os seus nomes. Um volume colectivo: «Três Poetas na Cidade». Leste?

F. A. R.: — Li. Não tem interesse de maior, a não ser alguns prosopoeias de Fernando Grade.

L. M. R.: — Há um grupo poético que começa a constituir-se, a definir-se no Jornal de Letras e Artes. Nuno Júdice, Rui Dinis, Manuel Gusmão. Que se oferece dizer sobre isto?

F. A. R.: — Entendo que a salvação da poesia está, terá de ser realizada colectivamente. Assim parece-me extremamente importante esta tentativa de Manuel Gusmão, Nuno Júdice, Rui Dinis.

L. M. R.: — Mas um grupo poético não se faz pela determinação de cinco ou seis indivíduos cultores do exotismo e da diferença (não sobretudo, mas também). Nuno Júdice e Rui Dinis parecem-me realmente dois bons poetas e Manuel de Gusmão um mau poeta e um crítico cujo terrorismo se torna a todo o instante inconsequente, pela gratuidade, pela infundamentação, pela arbitrariedade, pela pura ostentação.

F. A. R.: — Pôr isso mesmo, merecem o nosso apoio e a nossa crítica.

L. M. R.: — Já agora, e para terminar, falemos da crítica e do ensaísmo preocupados com questões teóricas e práticas relativas à

poesia, à actividade e à produção poéticas. Parece que ainda não há entre nós uma crítica regular de poesia, além da de Gaspar Simões (que já não nos interessa grandemente e da de Eduardo Prado Coelho, que aliás ultimamente parece ter-se eclipsado).

F. A. R.: — A crítica de Gaspar Simões (que semanalmente leio e admiro...) é o modelo acabado, «cadáver adiado que procria», da má crítica de poesia, teatro e ensaio que se faz em Portugal. Só é pena que Manuel de Sousa Lobo, José Régio, etc., o defendam e aplaudam. Por outro lado, todos nós esperamos que Oscar Lopes, Fernando Guimarães, Eduardo Lourenço, Jorge de Sena e Eduardo Prado Coelho se dediquem com mais frequência à crítica regular tanto de poesia como de ensaio e do romance.

L. M. R.: — Eu penso que Gaspar Simões é menos culpado do que aqueles que seguem um mesmo caminho ou um caminho idêntico. Eu leio Gaspar Simões porque ele tem atrás de si uma obra, uma tradição. Mas não leio Sousa Lobo que não tem nada e não ser um mau exemplo que não deve ser seguido por quem começa algumas décadas depois.

(1) F. A. R.: Distingo na prática teórica de António Ramos Rosa duas actividades: a Poética e a Ensaística. Andam de certo modo ligadas. Empolgo-me o combate por ele empreendido contra o empirismo, o pragmatismo e o dogmatismo de que certa fase de Alexandre Pinheiro Torres é péssimo exemplo, entre outros.